

unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

**Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP**

EMERSON CAETANO LANÇAS LUCCHESI

***A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM FOUCAULT E SUA RELAÇÃO COM A
AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM***



ARARAQUARA – SP

2010

EMERSON CAETANO LANÇAS LUCCHESI

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO EM FOUCAULT E SUA RELAÇÃO COM A AQUISIÇÃO
DE LINGUAGEM

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em linguística.

Linha de pesquisa: Ensino e Aprendizagem de Línguas

Orientador: Prof. Dra. Alessandra Del Ré

Co-orientadora: Prof. Dra. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin

Bolsa: n/c

ARARAQUARA – SP

2010

Lucchesi, Emerson Caetano Lanças

A constituição do sujeito em Foucault e sua relação com a aquisição
de linguagem /Emerson Caetano Lanças Lucchesi – Araraquara
164 f : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa)
Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista,
Araraquara, 2010

1.Linguagem. 2.Criança. 3.Sujeito. I. Autor II. Título

Emerson Caetano Lanças Lucchesi

A constituição do sujeito em Foucault e sua relação com a aquisição de linguagem

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras–UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em linguística.

Linha de pesquisa: Ensino e Aprendizagem de Línguas

Orientador: Prof. Dra. Alessandra Del Ré

Co-orientador: Prof. Dra. Maria do Rosário de Fátima Valencise Gregolin

Bolsa: n/c

Data da defesa: 02/08/2010

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dra. Alessandra Del Ré
UNESP - Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Letícia Marcondes Rezende
UNESP - Araraquara

Membro Titular: Prof. Dr. Claudemir Belintante
USP – São Paulo

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Esta dissertação é dedicada, primeiramente Deus, pelo dom da vida, à minha filha Júlia pela dedicação, apoio, paciência, que a fez superar os momentos mais difíceis e pelo amor incondicional ao Zico, com seu olhar luminoso, seu sorriso gostoso, seus beijinhos nos momentos de partida e os abraços apertados e confortantes no retorno, aos meus pais, Aldo e Loide, por acreditarem incondicionalmente em mim e nunca me abandonarem, persistindo sempre na crença de que este dia chegaria, ao meu irmão Aldinho e sua esposa Flávia, que tanto me incentivaram neste percurso, à minha irmã Lais Naura, que, mesmo tão distante, me confortava nos momentos de conversa pela Internet, aos tios, primos e toda família que, de uma maneira ou de outra, contribuíram para esta realização, aos meus amigos pelos momentos de descontração, à grande amiga, Francisca, que tanto me ouviu, aconselhou e ajudou nesta difícil caminhada, ao amigo Douglas, que ajudou nos momentos em que precisava me ausentar do trabalho, a Alessandra Del Ré, por toda a orientação, paciência e contribuição intelectual, a todos os meus colegas da área de Aquisição da Linguagem, especialmente à Alessandra, que muitas vezes me incentivou e me deu uma injeção de ânimo, à Rosângela, pela sinceridade das opiniões, a Paula pela dedicação e todas as meninas que, através de suas experiências com os estudos de Aquisição da Linguagem, me ajudaram a esclarecer diversas questões abordadas no presente trabalho, ao André e seus familiares pelos diálogos descontraídos e por tão oportuna contribuição a esta dissertação, a qual dedico, por fim, a todas as pessoas que acreditaram na ciência e suas contribuições para a construção de um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

À minha filha, Júlia, que, apesar de seus poucos aninhos, me acompanhou nesta difícil caminhada e me apoiou em um momento tão especial de minha vida e pela oportunidade e o prazer de lhe observar durante o andamento da presente pesquisa. Assim, enquanto brincávamos, eu aprendia muito com ela e sobre ela.

Aos meus pais, Aldo e Loide, que me ensinaram a viver com esperança e a lutar em busca de meus objetivos de vida.

Aos meus parentes e amigos que sempre torceram por mim, e que, mesmo distantes, permanecem ao meu lado.

A eles que, muitas vezes, doando-se por inteiro, renunciaram seus próprios sonhos para que eu realizasse os meus.

Haveria muito que dizer se as palavras pudessem traduzir tudo o que sinto. Vocês são parte de mim.

À minha orientadora, que me apresentou os estudos de Aquisição da Linguagem, ajudando-me a dar os primeiros passos por esta fascinante área. A ela, que iluminou os meus caminhos com seus questionamentos, sugestões, reflexões e, acima de tudo, com seu exemplo que, para mim, é a tradução de sua paixão pelo conhecimento e de sua competência como mestre. Obrigada pela atenção, paciência, compreensão, enfim, por tornar possível a realização deste trabalho, o qual simboliza a minha própria realização.

Às colegas de departamento, que tanto contribuíram para a realização deste trabalho.

À Profa. Dra. Letícia Marcondes Rezende e ao Prof. Dr. Arnaldo Cortina pelas valiosas contribuições dadas no exame de qualificação.

Aos funcionários da seção de pós-graduação, especialmente ao Domingos, pelas informações e apoio a nós alunos.

Finalmente, agradeço à Deus pela minha vida e pela vida de todas essas pessoas queridas com as quais convivo.

[...] se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si.

(Revel, 2005, p. 85)

LUCCHESI, Emerson Caetano Lanças. **A constituição do sujeito em Foucault e sua relação com a aquisição de linguagem.** 2010. 168 f. Dissertação (mestrado em 2010) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, 2010.

RESUMO

Este trabalho pretende estudar as possíveis relações existentes entre os postulados foucaultianos quanto à constituição do sujeito e a aquisição de linguagem. Para tanto, partiremos de uma perspectiva que considera a criança não apenas um aprendiz passivo, mas um sujeito construtor de seu conhecimento de mundo pela mediação do outro. Trata-se de abordagem discursiva que considera a interação com o outro a base sobre a qual a criança se constitui como sujeito sócio-histórico-cultural. Do ponto de vista de Foucault, analisaremos as técnicas de si e a hipótese de que, no contexto familiar e nos contextos interativos da criança com o outro, em que se estabelecem as relações cognivito-linguísticas, há o jogo dessas técnicas numa relação mediada pelo cuidado de si, que para Foucault, são práticas de subjetivação. Dentre essas técnicas figuram as cartas, o exame de si, a escrita de si – *hupomnêmata* - e a *askêsis*. Encontramos também outras técnicas, tais como a interpretação dos sonhos, o *exomologêsis*, a *exagoreusis*, a obediência, a contemplação. Diante disso pretendemos observar a constituição do sujeito pela perspectiva do cuidado de si, levando-se em conta que são as práticas de subjetivação e o fato de que, para se compreender como o sujeito se constitui, primeiramente, devemos compreender como os adultos conduzem as crianças no desenvolvimento de sua subjetividade. O *corpus* compreendeu registros colhidos no período de 13 meses (estudo longitudinal), em áudio e vídeo, totalizando 10 sessões, de uma criança na faixa etária entre 20 e 33 meses, em atividades habituais com os pais: jantar, banho, etc. Constatamos, a partir da análise dos dados, que os pais, no exercício de condução da criança em seu desenvolvimento social, se colocam como reguladores/mediadores e auxiliadores nas práticas das técnicas de si. Constatamos, também, que, apesar de os pais estarem sempre presentes, algumas técnicas de si são praticadas apenas pela criança, como no caso da *askêsis*. Observamos que a relação mestre/aprendiz – *exagoreusis* – está fortemente marcada e que o *hupomnêmata* encontra-se inscrito em quase todo o *corpus* analisado. Por fim, é possível observar que se o sujeito se constitui, essa constituição se dá por meio de práticas de poder, de conhecimento ou por técnicas de si.

Palavras-chave: *askêsis*, *exagoreusis*, *hupomnêmata*, constituição e sujeito.

ABSTRACT

This research aims to study the possible relations between the postulates about the Foucauldian constitution of the subject and the language acquisition. Both from the perspective social Interactionist considers the child, not just a passive learner, but a subject constructor of their knowledge by the world mediation with the other (De Lemos, 1999). This is a discursive approach that considers the dialogical interaction (BAKHTIN, 1995) with others (VYGOTSKY, 2005) on the basis in which the child is constituted as a social subject. It is based on the techniques of self and the assumption that the family context and the contexts between the child with others, in which the relations are built with cognitive-language, there is the game of these techniques in a relation mediated by self-care, which for Foucault is practical subjectivity. Among these techniques are the letters of self examination, the self writing - hupomnemata - and askesis. We also found other techniques such as interpretation of dreams, the Exomologesis the exagoreusis, the obedience, contemplation. Even this, the aim is to observe the constitution of the subject from the perspective of self-care, taking into account what are the practices of subjectivities and the fact that to understand how the subject is constituted, first, we must understand how adults lead children in developing subjectivity. The corpus includes monthly recordings of a period of 10 months (longitudinal study), in audio and video, of a child aged from 20 to 30 months in usual activities with parents: dinner, bath etc.. We see from the analysis of the data, parents in the exercise of the conduct of the child in his social development, being the mediators and helpers to put into practice the self techniques themselves. we could notice as well, that although parents are always present some other techniques are practiced only by the child, as in the case of askesis. It was observed Observers that the relationship apprentice / master - exagoreusis – is strongly marked and hupomnêmata that is registered in almost all corpus analyzed. Finally if the subject is constituted, this formation occurs through practices of power, knowledge or self techniques.

Keywords: askêsis, exagoreusis, hupomnêmata, constitution, subjectivity.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO..... | 9 |
| 1 A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM..... | 13 |
| 1.2 Um pouco de história | 13 |
| 1.2 Por uma abordagem discursiva | 18 |
| 1.3 O outro e o gênero discursivo em Bakhtin | 20 |
| 1.4 A regularização do ato em Bruner | 26 |
| 1.5 A internalização dos conceitos em Vygotsky | 30 |
| 2 O ÚLTIMO FOUCAULT..... | 35 |
| 1. O sujeito como objeto de estudo da obra de Foucault | 35 |
| 2. As práticas de subjetivação: a constituição do sujeito através do cuidado de si | 37 |
| 2.2.1 <i>A askêsis</i> | 44 |
| 2.2.2 <i>A exagoreusis</i> | 45 |
| 2.2.3 <i>O hupomnêmata</i> | 46 |
| 3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM..... | 48 |
| 3.1 As relações entre a aquisição de linguagem e as práticas de subjetivação | 48 |
| 4 METODOLOGIA..... | 54 |
| 5 ANÁLISE DOS DADOS..... | 58 |
| 5.1 A Askêsis: um ato de rememoração | 58 |
| 5.2 A Exagoreusis: uma relação mestre/aprendiz | 69 |
| 5.3 As marcas da prática do Hupomnêmata | 77 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 87 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA..... | 90 |
| ANEXOS..... | 93 |
| Dados do André | 94 |

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho foi estabelecer uma relação entre as técnicas de si propostas por Michel Foucault e o processo de subjetivação em aquisição de linguagem, partindo de uma perspectiva discursiva, proposta por Bakhtin (1995). Acreditamos que os conceitos foucaultianos, contidos sobretudo nas obras *Les techniques de soi*. In: *Dits et écrits vol. II* (1994) e *Ditos e Escritos vol. IV: Ética, Sexualidade e Política* (2004), podem ajudar a reconstituir esse processo, na medida em que apontam para elementos presentes no processo de aquisição da linguagem da criança e de sua constituição enquanto sujeito da linguagem. Para tanto, procuraremos estabelecer as relações possíveis, tomando como *corpus* os dados de fala de uma criança (A.) dos 20 aos 33 meses de idade.

Tendo em vista que, para Foucault (1994), o sujeito se constitui de práticas de subjetivação e que, para a aquisição de linguagem, a criança se constrói como sujeito na/pela linguagem, propomo-nos a responder de que forma o ambiente em que a criança vive, onde ela se socializa, interage e aprende, influencia a forma como o sujeito vai se constituir por meio da linguagem. Pretendemos, ainda, identificar na fala da criança as marcas dessas relações, observando de que modo essas duas formas de olhar o sujeito se relacionam, e se há complementaridade entre esses dois processos de desenvolvimento e constituição do sujeito.

Segundo Bakhtin (1995), a estrutura da linguagem é um sistema formado por pares indissolúveis que se relacionam de forma solidária, isto é, as trocas de turno em que se colocam o destinador e o destinatário, a significação e o significado, o universal e o particular, o social e o individual. Relaciona a linguagem com os aspectos culturais.

Mas esse aspecto semiótico e esse papel contínuo da comunicação social como fator condicionante não aparecem em nenhum lugar de maneira mais clara e completa do que na linguagem. *A palavra é o fenômeno ideológico por excelência*. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social (BAKHTIN, 1995, p.24).

E complementa dizendo que o simples contato entre dois organismos nomeio

natural não é suficiente para se produzira linguagem, sendo ,assim, necessário o contexto social.

A unicidade do meio social e a do contexto social imediato são condições absolutamente indispensáveis para que o complexo físico-psíquico-fisiológico que definimos possa ser vinculado à língua, à fala, possa tornar-se um fato de linguagem. Dois organismos biológicos, postos em presença num meio puramente natural, não produzirão um ato de fala.(BAKHTIN, 1995, p.50)

Partindo desse ponto de vista de Bakhtin, consideraremos que “[...] a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento de mundo pela criança, é onde ela se constrói como sujeito e por meio da qual ela se segmenta e incorpora o conhecimento do mundo e do outro” (DEL RÉ, 2006, p.26). Sendo assim, realizaremos nossas análises através de abordagem discursiva que considera a interação com o outro (BAKHIN, 1995; VYGOTSKY, 2005) a base sobre a qual a criança se constitui como sujeito social. Focalizaremos a questão do cuidado de si, destacada por Michel Foucault (1994) como prática de subjetivação e preparação do indivíduo para a convivência em sociedade. Sua aplicação tem por referência a convivência dos pais com a criança, numa missão que, para Sócrates, se faz mais útil que a vitória militar, uma vez que, ao se ensinar aos homens a cuidarem de si, ele os ensina a se ocuparem da cidade (FOUCAULT, 1994).

Teremos, nos trabalhos realizados por Bruner (1998; 2004), importante apoio, uma vez que seus estudos corroboram o conceito de que a criança age como sujeito construtor de seu conhecimento de mundo, pela mediação do outro, e que a participação dos pais, ou seja, desse outro, contribui para o desenvolvimento social e linguageiro da criança. Sendo assim, pretendemos observar as possíveis relações existentes entre a aquisição de linguagem e as Práticas de Subjetivação, o papel da linguagem no exercício das práticas e as marcas linguísticas desse acontecimento.

Faremos, na primeira sessão, um breve histórico dos estudos de aquisição de linguagem, desde o empirismo, passando pelo behaviorismo, o racionalismo com suas correntes gerativista/inatista e cognitivismo/construtivismo, o interacionismo social, terminando com os estudos sob a perspectiva discursiva/enunciativa. Temos, nessa sessão, o objetivo de explicitar as várias perspectivas da aquisição de linguagem, sua evolução e os motivos que nos levaram a escolher a abordagem discursiva como fio condutor deste estudo em aquisição de linguagem.

Ainda nessa sessão, daremos especial destaque à importância do outro e do gênero discursivo (BAKHTIN, 1995) nesse processo, das relações ação/linguagem, através da regularização do ato (BRUNER, 1995), e da internalização dos conceitos (VYGOTSKY, 2005), uma vez que se trata de conceitos básicos para a aquisição de linguagem e que servirão de parâmetro para a realização das análises dos dados. Para Bruner (2004) e Ochs e Schieffelin (2006), durante o processo de aquisição de linguagem ocorre, simultaneamente, a aquisição de conceitos culturais da sociedade em que a criança está inserida. Dessa forma, pretendemos “olhar” para as questões sociais e culturais que levaram a criança a produzir determinado enunciado.

Na segunda sessão, destacaremos a terceira fase da obra de Michel Foucault (1926–1984), também chamada *O Último Foucault*. Faremos um breve relato das relações de Foucault com o sujeito, uma vez que o autor ressalta, em entrevista, a importância das questões relativas ao sujeito, em seus estudos. Segundo Judith Revel (2005, p.84), Foucault critica a concepção de que o sujeito é como consciência solipsista e a-histórica, autoconstituída e absolutamente livre como pensam Descartes e Sartre. Assim, ele coloca o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre as bases de determinações que lhe são exteriores. Nesse ponto, Foucault, Vygotsky, Bakhtin e Bruner compartilham da mesma concepção: é nas relações com o outro e com o mundo que o homem se constitui como sujeito. Porém, a subjetivação, uma relação de si consigo mesmo, é prática que o homem jamais deixou de construir e que nunca terá fim (FOUCAULT, 2004).

Através dessa questão, Foucault se conduziu à hermenêutica das técnicas de si, tanto nas práticas pagãs quanto nas cristãs dos primeiros tempos. Neste estudo, destacaremos a questão do cuidado de si, uma vez que pretendemos observar as relações existentes entre as práticas de subjetivação e a constituição do sujeito falante. Para tanto, estabeleceremos conexões entre a aquisição de linguagem e três práticas de si: a *askêsis*, um ato de rememoração, a *exagoreusis*, que pode ser entendida como uma relação mestre/aprendiz, e o *hupomnêmata*, um livro guia de vida.

Na fase final do trabalho, análise dos dados, procuraremos identificar e demonstrar como essas práticas de subjetivação participam da aquisição de linguagem, importante momento de desenvolvimento intelectual e social da criança.

Para alcançar esses objetivos, como já mencionado anteriormente, dispomos

de um *corpus* coletado da fala de uma criança (A.), com faixa etária entre 20 a 33 meses de idade, em situação cotidiana das relações com os pais. Com o intuito de ilustrar as influências e as confluências do cuidado de si com a aquisição de linguagem, selecionaremos alguns segmentos, levando-se em conta as sequências temáticas envolvidas nos momentos da vida cotidiana familiar.

Pretendemos identificar temas que sejam relevantes para a constituição desse pequeno indivíduo e que se relacionam com a ação em curso, seja por iniciativa da própria criança seja por iniciativa dos pais.

O período em que a criança está adquirindo a linguagem é muito rico e proporciona um olhar diferenciado do sujeito, uma vez que é nesse período que a criança se constitui, também, como sujeito da linguagem através da relação com o outro. Na convivência com os pais constroem-se as primeiras relações sociais da criança com o mundo e com a linguagem, e as práticas de subjetivação, através do cuidado de si, permeiam este momento e configuram-se, como pensavam os gregos (FOUCAULT, 1994), numa das grandes regras de conduta social, num princípio de vida, na arte de viver.

Ao realizar este trabalho, destacando alguns aspectos que consideramos relevantes para a constituição do sujeito e esperamos poder contribuir para o desenvolvimento desta questão nos estudos em Aquisição da Linguagem.

1 A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

1.1 Um pouco de história

Os estudos em aquisição de linguagem avançaram consideravelmente na última década. Muitos fatores são importantes para esse desenvolvimento, principalmente os que se referem ao desenvolvimento *linguageiro* e o desenvolvimento cognitivo. As pesquisas mais recentes têm como objetivo descrever os usos e a evolução da linguagem na criança. Porém, para que possamos entender melhor essa evolução nos estudos do processo de aquisição de linguagem, faremos um breve relato histórico desse fascinante campo de pesquisa.

Os primeiros estudos são de ordem empírica, em que o conhecimento é derivado das experiências. Neste primeiro período dos estudos, relativos à aquisição de linguagem, linguistas e filólogos elaboram diários dos seus próprios filhos, sendo assim chamados de “diaristas”. Esse período data do final do século XIX e início do século XX, e coincide com o da Gramática Comparada. São trabalhos descritivos e com fortes tendências intuitivas, uma vez que a fala da criança era transcrita conforme as anotações feitas pelos pesquisadores, muito diferentes da forma como são feitas as coletas nos dias de hoje, que contam com uma gama de aparelhos eletrônicos de áudio e de vídeo, além da informática com *software*, que auxiliam na observação dos dados e de bancos de dados locados em sítios na *internet*. Essa perspectiva de estudo é conhecida com empirismo e dela derivaram outras duas teorias o behaviorismo e o conexionismo. (SCARPA, 2001)

O behaviorismo de Skinner é um processo indutivo de aquisição de linguagem (E (estímulo) → R (resposta) → Reforço), que considera somente os fatos observáveis da língua, sem se preocupar com a existência de um componente estruturado organizador. Trata-se de processo de aprendizagem da linguagem dependente da exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta.

Alguns problemas se apresentam e faltam respostas adequadas para explicá-los, como a aquisição do léxico e sua variedade de aplicações: como produzimos e

compreendemos sentenças nunca ouvidas antes e como explicar a rapidez do processo de aquisição de linguagem e a produção e compreensão de enunciados nunca ouvidos antes.

Para tentar responder a essas questões, surge o conexionismo, que é proposta relativamente nova, com aproximadamente 15 anos de existência, e pode ser denominada, também, associacionismo, mas que ainda reflete os pensamentos empiristas.

É teoria que tem no aprendizado *ad hoc* sua base de explicação. Relações entre dados de entrada (*input*) e de saída (*output*), mas admitem analogias e generalizações. Baseia-se na explicação em termos neurais, ou seja, o E-R (estímulo-resposta) está na base neural e não no meio externo, sendo assim, os dados de entrada (*input*) estimulam o sistema neural que se movimenta e produz dados de saída (*output*). Conforme a frequência desses dados, quantidade de *input* e *output*, ou seja, quanto maior a exposição à língua, maior as possibilidades de sua aquisição. Essa forma de pensar a aquisição de linguagem dá muita importância para a quantidade do *input* e para a variedade do *output*.

Vale dizer, porém, que a teoria conexionista, apesar de considerar o elemento criativo como parte do processo, ainda fornece explicações insuficientes quanto à rapidez com que a criança aprende uma língua, os erros que ela comete, por que razão ela começa a adquirir, não consegue, também, prever a internalização e o início desse processo (DEL RÉ, 2006, p.19).

Ainda na tentativa de responder às várias questões que envolvem a aquisição de linguagem, surge nova forma de pensar, sendo chamada racionalismo. Essa nova perspectiva atribui à mente a responsabilidade pela aquisição de linguagem e pressupõe capacidade inata, contrapondo-se ao behaviorismo. Mas, apesar de ser consensual com relação à capacidade inata, pouco se discute sobre sua natureza.

O racionalismo apresenta duas correntes que têm, no aspecto inato da aquisição de linguagem, sua base de pensamento: a hipótese gerativista ou inatista, assumindo que o aprendizado da linguagem é independente da cognição e de outras formas de aprendizado, e as teorias cognitivistas/construtivistas, que assumem a linguagem como parte da cognição, ou que o mecanismo responsável pelo aprendizado, da linguagem é também responsável por outras formas de aprendizado como pensa Vygotsky (2005). Dessas duas perspectivas, surge a

questão: a aquisição de linguagem é desencadeada de forma inata no ser humano ou se trata das relações com o meio e com o outro para se desencadear?

Essa questão, ainda não resolvida nos trabalhos de aquisição de linguagem, faz referência aos mecanismos de aprendizagem da língua. A corrente gerativista defende que a linguagem é algo inato ao ser humano, enquanto os cognitivistas/construtivistas e os interacionistas atribuem à aquisição caráter racional e social, ou seja, a linguagem é adquirida através do desenvolvimento do raciocínio da criança e de seu convívio social. Para a corrente inatista, tendo como o grande precursor Chomsky (1951) o indivíduo possui um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL)¹ que, acionado, através do contato da criança com a língua a que está exposta, gera a gramática da língua a ser adquirida, partindo do pressuposto de que todo ser humano é equipado por uma Gramática Universal, dotada de princípios universais linguísticos pertencentes à faculdade da linguagem, que desencadeia o processo de aquisição, atribuindo, assim, caráter passivo ao processo de aquisição. Já para os construtivistas, a criança é agente construtora da linguagem, através do desenvolvimento da função simbólica e da representação. Em outras palavras, a aquisição de linguagem é fruto do desenvolvimento da inteligência da criança (SCARPA, 2008).

Seguindo a mesma linha de pensamento construtivista de Piaget, mas atribuindo ao desenvolvimento da linguagem origens sociais, Vygotsky coloca-se como alternativa ao cognitivismo construtivista. Sua teoria baseia-se na interação verbal, no diálogo da criança com o adulto e ressalta a importância do outro no processo de aquisição de linguagem. Para Vygotsky (2005), essa interação social já é evidente na criança desde os primeiros anos de vida, sendo possível notar a necessidade de se comunicar com o outro.

O interacionismo parte do princípio de que o desenvolvimento da fala segue as mesmas leis do desenvolvimento de outras operações mentais. Ressalta a origem social, externa à fala, através das trocas comunicativas entre o adulto e a criança. Sendo que, nesse processo, o adulto tem a função de *regulador/mediador*²

¹ Do inglês *LAD – Language Acquisition Device*.

² Este ponto de vista de Vygotsky é muito importante para a realização deste trabalho, como veremos mais adiante, pois é onde Foucault propõe a realização de práticas de subjetivação como a *exagoreusis*, que tem na figura do mestre um tutor, uma figura de orientação e o *hupomnêmata*, que funciona como um livro guia de vida, ou seja, o adulto orienta a criança em sua vida no sentido de melhor encaminhá-la no convívio social. Todas essas técnicas são mediadas pelo outro e pela

das informações recebidas pela criança. Essas informações serão, posteriormente, internalizadas com a ajuda e a participação do outro e do diálogo.

A contribuição de Vygotsky, para os estudos de aquisição de linguagem, levaram-nos a entender que a aquisição de linguagem é o processo pelo qual a criança se firma como sujeito da linguagem e não apenas como um aprendiz passivo, como pensa a perspectiva inatista, porém, os estudos referentes à aquisição de linguagem não se esgotam nos trabalhos de Vygotsky. Novos estudos, principalmente aqueles realizados por Jerome S. Bruner, irão confirmar a importância da participação do outro nesse processo. A interação entre a criança e seu interlocutor, principalmente os membros familiares, faz com que a criança domine as estruturas de ação e de atenção, características do ser humano e que, refletidas na linguagem, contribuem para o processo de sua aquisição. Dessa forma, Bruner, também, discorda da concepção de dispositivo inato de aquisição de linguagem, ou em suas próprias palavras,

La naissance du langage n'est donc pas à référer à un dispositif inné, indépendant des autres capacités humaines, elle doit être cherchée, dans un fond commun au langage, à la perception et à l'action volontaire³ (BRUNER, 1998, p.26).

O desenvolvimento da linguagem na criança está ligado intrinsecamente a outros desenvolvimentos, em que

L'action propre, pour ainsi dire, s'extériorise d'abord aux yeux de l'enfant et se réfléchit dans réponse d'autrui avant de s'intérioriser. C'est là la clé de l'acquisition du langage et, plus généralement peut-être, de la production de symboles ou de signes⁴ (BRUNER, 1998, p.28).

Nesse sentido, o autor introduziu o jogo e a brincadeira nos estudos do processo de aquisição de linguagem, demonstrando que da interação lúdica resulta o “desenvolvimento das funções linguísticas, comunicativas, primeiramente gestuais

linguagem. Esse assunto será melhor desenvolvido na análise de dados, onde serão observados que essas técnicas de subjetivação acontecem concomitantemente com a aquisição de linguagem.

³ O nascimento da linguagem não se refere aqui a um dispositivo inato, independente de outras capacidades humanas, deve-se buscá-lo em um fundo comum à linguagem, à percepção e à ação voluntária (tradução nossa).

⁴ A ação própria, por assim dizer, se exterioriza primeiro aos olhos da criança e se reflete na resposta do outro antes de se interiorizar. Essa é a chave da aquisição de linguagem e, geralmente, talvez da produção de símbolos e signos (tradução nossa).

e depois verbais, e pode experimentar papéis sociais reversíveis (agente/paciente, tomador de turno/interlocutor)” (DEL RÉ, 2006, p.24).

Porém, novos estudos realizados mostram que somente a participação do outro e a tutela do adulto não são suficientes para explicar a aquisição de linguagem. Nota-se que a participação da própria criança também deve ser considerada no processo de aquisição. Sendo assim, surge o interacionismo social, que acredita que a criança é co-constutora de seu conhecimento de mundo na e pela linguagem, isto é, ela também participa desse processo. A base da aquisição está na interação social e nas trocas comunicativas com o outro, que pode ser um adulto ou outra criança.

Para o sociointeracionismo, uma das vertentes do interacionismo social, não há construção unilateral. Toma-se a linguagem como atividade do sujeito, tendo em sua relação dialógica a segmentação e incorporação da ação e dos objetos em que a criança é operadora ativa na construção da língua, pela mediação do outro.

A partir desses estudos, passou-se a investigar os processos dialógicos que envolvem a criança e a aquisição de linguagem. Sendo assim, as relações propostas entre os postulados foucaultianos, quanto à constituição do sujeito e à aquisição de linguagem, pretendem identificar, no encadeamento dos enunciados que compõem o *corpus*, marcas linguísticas que nos auxiliem nessa difícil tarefa que é a constituição do sujeito/criança como ser social. Para que possamos alcançar nossos objetivos, destacaremos, nos itens seguintes, alguns conceitos que consideramos importantes para o processo de aquisição e que servirão como espécie de fio condutor, de elo de ligação, nessa relação que pretendemos estabelecer entre as práticas de si e a aquisição de linguagem.

1.2 Por uma abordagem discursiva

Considerando que este trabalho tem por finalidade o estudo da constituição do sujeito/criança no período de aquisição de linguagem, e que para alcançarmos nossos objetivos lançamos mão dos postulados foucaultianos quanto à constituição do sujeito, propomos neste item uma abordagem que estabeleça as ligações entre o discurso e o sujeito/criança que o produz.

Levando-se em conta o estudo de como o sujeito se constitui, seria possível

separar o que é de ordem linguística e o que é de ordem discursiva? Nas palavras de Cláudia de Lemos.

[...] o compromisso com a fala da criança exige dos estudiosos da aquisição de linguagem que assumem uma séria reflexão sobre o custo teórico de excluir as questões textuais e discursivas de sua investigação sobre a língua. Maior é esse custo quando a essa exclusão se alia uma noção de desenvolvimento que coloca a criança como sujeito diante da língua como objeto, impedindo a apreensão do processo de aquisição de linguagem como um processo de subjetivação, ainda que voltado à heterogeneidade e à diversão (LEMOS, 1995, p.26-27).

O discurso coloca-se, assim, como uma importante instância em que se operaram as ligações entre questões linguísticas e extralinguísticas, uma vez que é no nível extralinguístico que podemos observar alguns atos de comunicação entre a mãe e a criança, como o exemplo do apontar de dedo pedindo algum objeto que está fora de seu alcance. Nesse período, a relação discursiva entre a criança e o outro⁵ é estabelecida com a contribuição gestual e vocal da criança e a gestual e linguística do interactante, através da ação e atenção compartilhadas (BRUNER, 1998).

Em seus estudos Bruner (1998) observa que já no primeiro ano de vida a criança domina, no diálogo, a relação entre ela mesma e seu interlocutor, demonstrando esse domínio ao manter o olhar dirigido a quem se coloca como receptor no processo de comunicação. A criança, nessa etapa, já sinaliza vocalmente quando se aproxima dela um objeto que deseja, respondendo assim a um estímulo que a coloca como destinatário ativo no processo de comunicação iniciado pela apresentação do objeto. Esse processo de troca de que a criança está participando ativamente vai se transformar na modalidade de reciprocidade e seu desenvolvimento aproximam-se cada vez mais em direção à linguagem.

La progression qui mène de l'exigence à la réclamation puis à l'échange et à la réciprocité au cours de la première année est, à mon avis, d'une importance capitale dans le développement des actes de langage (ou, plus exactement, des actes de communication)

⁵ Para Bakhtin (1997), o outro não se refere apenas ao indivíduo a quem se dirige a fala, mas ao outro social, investido das relações socioculturais do ser humano historicamente constituído, ou seja, o outro é ligado ao mundo.

mais aussi dans la préparation à la maîtrise ultérieure de la langue⁶
(Bruner, 1998, p.192).

Na relação emissor/receptor, é importante observar que a criança necessita de sinalização positiva, como demonstra Bruner (1998), quando do ato de comunicação, principalmente quando ela se coloca como emissor nesse processo. A sinalização positiva ajuda à criança a aprender a enunciar, proporcionando-lhe segurança nas trocas conversacionais.

Aproximando, então, o conceito de social em Vygotsky e Bakhtin, veremos que há pontos em comum em suas teorias. Apesar de Bakhtin não ter se ocupado exatamente da aquisição de linguagem, fez importantes reflexões sobre a linguagem – como filósofo e estudioso de literatura e história– afirmando sua concretude na interação com o outro, na sua natureza social, no diálogo, e no aspecto ideológico. Deu-nos, assim, uma nova visão de como as trocas verbais “definem” a formação das ideologias e a constituição da subjetividade também da criança, que cresce e se desenvolve biologicamente, psicologicamente e socialmente em um ambiente ideológico e durante o processo de aquisição de linguagem, adquire também todos os aspectos sociais, culturais e ideológicos da sociedade/comunidade em que está inserida.

Sendo assim, os situamos, pois, em uma concepção *linguagreira* e discursiva (FRANCOIS, 1994) e, nesse sentido, pretendemos identificar os movimentos discursivos, o encadeamento dos enunciados por meio das marcas linguística/discursivas das práticas de subjetivação, propostas por Michel Foucault (1994), que nos auxiliem nessa difícil tarefa que é a identificação de como se dá a constituição do sujeito/criança como ser social, uma vez que, para o autor, o sujeito se constitui através dessas práticas e elas se manifestam discursivamente.

. Para tanto, partiremos da hipótese de que no contexto familiar e nos contextos interativos da criança com o outro, em que se estabelecem as relações discursivas, há o jogo das técnicas de subjetivação numa relação mediada pelo cuidado de si.

⁶ A progressão que leva da exigência à reclamação depois da troca e da reciprocidade no curso do primeiro ano é, a meu ver, de uma importância capital no desenvolvimento dos atos de linguagem (ou, mais exatamente, de atos de comunicação) e, também, na preparação do domínio ulterior da língua (tradução nossa).

1.3 O outro e o gênero discursivo em Bakhtin⁷

Para Bakhtin (1997), as relações com o outro implicam relação de subjetividades que são delimitadas pelas fronteiras do corpo. Porém, essas fronteiras não bastam para limitar a vivência interior do si, uma vez que a consciência transpassa a concepção plástica da corporalidade e alcança “[...] um centro interior a-espacial” (BAKHTIN, 1997, p.59), sendo assim, para o autor, a subjetividade é oposta ao mundo exterior, isto é, é uma atividade interna, atual, presente. Em suas próprias palavras.

E precisamente minha atividade interna, minha subjetividade, que se opõe ao mundo exterior percebido como objeto, sem que eu possa situar-me nele; minha atividade interna opera fora do mundo. Para minha vivência interior disponho sempre dessa saída que é o ato [...] tenho como que uma saída de emergência que me permite escapar ao dado integral da natureza. O *outro* [...] é intimamente ligado ao mundo, quanto a *mim*, sou ligado à minha atividade interior, fora do mundo (BAKHTIN, 1997, p.59).

Porém, mesmo situando-se do lado externo da subjetividade, o outro proporciona, através das relações interpessoais, uma relação com o mundo, isto é, com o social. Nesse sentido, veremos no capítulo seguinte que, para Foucault (1994), a subjetividade é constituída através da realização de práticas de subjetivação, isto é, das práticas de si no decorrer do tempo. Se para Bakhtin, a subjetividade é uma atividade interna, fora do mundo, para Foucault a subjetividade implica a relação de si consigo mesmo em um processo que nunca para de se constituir.

Para entendermos melhor essas relações, temos, por elementos de análise, dados colhidos do diálogo entre a criança, seus pais e a babá, sendo assim, trata-se de uma análise que tem na interação social, ou seja, nas relações dialógicas entre a criança e o outro, seu campo de análise. Dessa forma, pretendemos, neste item, trazer à tona alguns elementos que irão nos auxiliar na compreensão do que tange à participação do outro na constituição do sujeito/criança como ser de linguagem.

⁷ As ideias aqui debatidas pertencem ao Círculo de Bakhtin, no qual fazem parte, também, os autores Medvedev e Volochinov.

Como podemos observar no item anterior, os estudos quanto à aquisição de linguagem têm caminhado no sentido de observar, cada vez mais, as relações adulto/criança e as implicações da participação do outro nesse contexto. Através do processo dialógico há a troca de experiências, como veremos mais adiante nas análises, que ajudam à criança a compreender melhor o mundo que a cerca. A participação do outro contribui, também, para que a criança compartilhe do conhecimento, da cultura e de condutas que, por sua vez, foram adquiridas pelo adulto também com a participação do outro.

Nesse sentido, e segundo os conceitos do círculo de Bakhtin, nossas palavras baseiam-se nas palavras do outro e a criança ao adquirir a linguagem apropria-se, primeiramente, das palavras enunciadas pelos pais, só se transformando em palavras suas depois de passarem por processo dialógico. Nas palavras de Del Ré (2006, 0.30), a “palavra pessoal-estrangeira”, com a ajuda de outras palavras do outro, se transforma em “palavra pessoal”.

Bakhtin (1995) acredita que o ser humano se constitui das relações com o outro, e que estas relações acontecem dialógicamente, tendo, assim, visão diferenciada da de Descartes, que enxerga o homem como auto-criador de si mesmo. Nesse ponto, como veremos no capítulo seguinte, há estreitas relações com as ideias de Foucault (1926-1984), uma vez que, tanto um quanto o outro, olham para o ser humano como um ser social e historicamente constituído. Nas palavras de Bakhtin:

O indivíduo enquanto detentor dos conteúdos de sua consciência, enquanto autor dos seus pensamentos, enquanto personalidade responsável por seus pensamentos e, por seus desejos, apresenta-se como um fenômeno puramente sócioideológico (BAKHTIN, 1995, p.58).

A concepção bakhtiniana de ser sócioideológico é importante na medida em que a criança está se constituindo como sujeito de seus próprios atos e que, durante as relações dialógicas com os pais e com outras pessoas, encontra vasto campo de atuação e de exploração de sua subjetividade na/pela linguagem. Para Bakhtin (1995), a palavra, além de carregar conteúdo ideológico, carrega, também, conteúdo vivencial que desperta em nós ressonâncias que se relacionam à vida. Sendo assim, “[...] a língua, no seu uso prático, é inseparável do seu conteúdo ideológico ou relativo à vida” (BAKHTIN, 1995, p.96).

Não são apenas os trabalhos realizados por Bakhtin que irão destacar a participação do outro nas relações *linguageiras*. Segundo Bruner, Vygotsky “[...] tornou-se conhecido como o homem que percebeu a determinação histórica da consciência e do intelecto humanos” (VYGOTSKY, 2005, p.VIII), afirmando que a linguagem (fala-comunicação) tem como função primordial a interação social já evidente desde o primeiro ano de vida da criança, quando nota-se sua necessidade em se comunicar com o outro. Dentre todas as contribuições externas na aquisição de linguagem, a participação do outro ocupa posição privilegiada, uma vez que é na interação com o outro que a criança dá seus primeiros passos em direção à linguagem.

Seguindo esse mesmo princípio de que a criança é afetada pela fala dirigida a ela, trabalhos, realizados nas décadas de 1970 e 1980, têm por base dados naturalísticos do discurso dirigido à criança, diferente das frases agramaticais de Chomsky. Esses estudos levaram pesquisadores à percepção que a linguagem dirigida à criança apresenta formas diferentes da linguagem dirigidas ao adulto (SCHNACK, 2007). Trata-se de linguagem em que interactante exagera na entonação, reduplica sílabas e se dirige à criança através de frases mais curtas. Essa linguagem é chamada de “manhês”⁸ e uma de suas características é a relação dialógica estabelecida entre a criança e a mãe, uma vez que todas as emissões vocais da criança são interpretadas pelo outro como um ato conversacional. Um choro ou um apontar de dedo ganham significado e são passíveis de interpretação, ou seja, a criança e o interlocutor tornam-se sujeitos do diálogo e a criança opera a construção de sua língua, através da segmentação da ação e dos objetos do mundo físico. Dessa forma, acredita-se que não há construção unilateral da linguagem. É a partir da interação com o outro que a criança incorpora segmentos da fala adulta em sua trajetória na Aquisição da Linguagem, transformando-os em enunciado próprio, a partir do momento em que domina suas intenções, sua atenção e o conhecimento daquele com quem interage. Nesse processo, o adulto tem a função de

⁸ Segundo Scarpa (2001, p.215), o “manhês” se caracteriza pela: “

- a) entoação “exagerada”, reduplicação de sílabas (“au-au”, “papai”, “dodói”), velocidade de fala reduzida, qualidades de voz diferenciadas, tendendo para o “falseto”;
- b) frases mais curtas e menos complexas; expansões a partir de uma palavra dita pela criança ou “tradução” de um gesto feito por ela;
- c) referência espacial e temporal voltada para o momento da enunciação;
- d) palavras de conteúdo lexical mais corriqueiro, mais familiares e frequentes na rotina da criança;
- e) paráfrases, repetições ou retomadas das emissões da criança.

*regulador/mediador*⁹ das informações recebidas pela criança. Como ressalta Vygotsky (2005), essas informações serão posteriormente internalizadas com a ajuda e a participação do outro e do diálogo, desse modo se dará a internalização da ação e da linguagem. Nesse ponto, Vygotsky e Piaget concordam apenas que a internalização é um processo de reconstrução interna de uma operação externa, mas discordam que se trata de processo mediado pelo outro, uma vez que Piaget acredita que a criança realiza esse processo individualmente. Porém, como já destacamos neste item, estudos recentes demonstram que a participação do outro, tanto na internalização de conceitos como na socialização *linguagreira* são evidentes.

Nessa mesma linha de pensamento, encontram-se os trabalhos realizados por Jerome Bruner (1998, 2004). O autor destaca a participação ativa do adulto na orientação do saber fazer inicial da criança, agindo no sentido de dirigir sua atenção e dar significação à sua intenção e diminuir sua frustração na execução de uma tarefa. Da mesma forma, o adulto vai participar, ativamente, do processo de aquisição de linguagem, uma vez que, para Bruner, existe estreita relação entre a linguagem e a ação, como veremos no item regularização do ato.

Neste trabalho, também, pretendemos dar ênfase ao conceito de gênero do discurso, proposto por Bakhtin (1997), tendo em vista que as abordagens discursivas levam em conta o homem social, enquanto a linguística formal considera o homem como ser biológico. Sendo assim, nos estudos atuais de aquisição de linguagem sob perspectiva discursiva, deve-se levar em conta o conjunto do desenvolvimento da criança que acontece desde o nascimento até o domínio da língua propriamente dita. Seguindo essa mesma perspectiva, trabalhos recentemente realizados têm abordado o tema desenvolvido por Bakhtin (1997) quanto ao gênero discursivo, ou seja, observa-se que o discurso dirigido à criança varia quanto ao gênero e que a criança também faz uso dos gêneros para se comunicar. Como exemplo, podemos citar o gênero pedagógico utilizado nas

⁹ Este ponto de vista de Vygotsky é muito importante para a realização deste trabalho, como veremos mais adiante. Isso se reflete também no postulado de Foucault, que propõe a realização de práticas de subjetivação como a *exagoreusis*, que tem na figura do mestre um tutor, uma figura de orientação, e o *hupomnêmata*, que funciona como um livro guia de vida, ou seja, o adulto orienta a criança em sua vida no sentido de melhor encaminhá-la no convívio social. Todas essas técnicas são mediadas pelo outro e pela linguagem. Esse assunto será melhor desenvolvido na análise de dados, onde poderemos observar que essas técnicas de subjetivação acontecem concomitantemente à aquisição de linguagem.

escolas e também em ambiente familiar¹⁰. Segundo o autor (BAKHTIN, 1997, p.280), gênero discursivo é um grupo relativamente estável de enunciados utilizados, dentro de determinada esfera social, independente de ser oral ou escrito. Para nosso estudo, daremos especial destaque ao discurso oral (gênero primário) que possui relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. O estudo do gênero discursivo ganhou importância para a aquisição de linguagem, uma vez que situam os enunciados produzidos em contextos determinados socialmente, reafirmando as relações entre aquisição de linguagem e a cultura. Bakhtin (1997) observa, também, que a criança, ao realizar enunciados, utiliza de uma “gramática” e de uma estrutura linguística que não foi aprendida em livros e gramáticas, mas durante a produção ativa da linguagem, da mesma forma ela se utiliza dos gêneros do discurso para se comunicar com os falantes da língua.

Bakhtin discute essa questão afirmando que para falarmos,

[...] utilizamo-nos sempre dos gêneros do discurso, em outras palavras, todos os nossos enunciados dispõem de uma forma padrão e relativamente estável de estruturação de um todo. Possuímos um rico repertório dos gêneros do discurso orais (e escritos). Na prática, usamo-los com segurança e destreza, mas podemos ignorar totalmente a sua existência teórica. Como Jourdain de Molière, que falava em prosa sem suspeitar disso, falamos em vários gêneros sem suspeitar de sua existência. Na conversa mais desenvolvida, moldamos nossa fala às formas precisas de gêneros, às vezes padronizados e estereotipados, às vezes mais maleáveis, mais plásticos e mais criativos. A comunicação verbal na vida cotidiana não deixa de dispor de gêneros criativos.

Esses gêneros do discurso nos são dados quase como nos é dada a língua materna, que dominamos com facilidade antes mesmo que lhe estudemos a gramática. A língua materna — a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical —, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos durante a comunicação verbal viva que se efetua com os indivíduos que nos rodeiam. Assimilamos as formas da língua somente nas formas assumidas pelo enunciado e juntamente com essas formas. As formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida. Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e,

¹⁰ Destacaremos essa questão em dois pontos estudados na análise dos dados. O primeiro faz referência à *askêsis*, no momento em que a criança pratica a rememoração com a intenção de internalizar o conceito de que *não se deve mexer no fogão*. O segundo momento observado, traz refere-se à questão pedagógica. Nessa sequência, o pai faz uso do gênero discursivo para “mostrar” para a criança o relâmpago.

menos ainda, é óbvio, por palavras isoladas). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas).

[...] Esse tipo de gênero existe sobretudo nas esferas muito diversificadas da comunicação verbal oral da vida cotidiana (inclusive em suas áreas familiares e íntimas) (BAKHTIN, 1997, p.301-302).

Uma vez que o gênero discursivo está presente nos enunciados que estão inscritos nas relações humanas e nos costumes de um determinado grupo, e funciona como referência de sentido nas práticas aceitas ou não, e que podemos identificar facilmente um determinado gênero discursivo, pretendemos, neste estudo, observar de que forma essa questão se apresenta em *corpus*. Tendo em vista que esse recurso discursivo auxilia a identificação das práticas de subjetivação, pretendemos identificar o momento em que isso acontece e quais as contribuições que o gênero discursivo pode proporcionar nos estudos da constituição do sujeito. Porém, outros conceitos, também, são relevantes quando se pretende estudar a constituição do sujeito e sua relação com a aquisição de linguagem. Percebemos que a participação do outro não é apenas uma mera formalidade e que a criança não apenas imita o comportamento do adulto e repete suas palavras, mas que ela utiliza o discurso do outro, transformando-o gradativamente em seu próprio discurso.

Ainda em abordagem discursiva, acrescentamos que a criança, desde muito cedo, faz uso dos gêneros do discurso para se comunicar em sociedade e que o adulto se dirige a ela utilizando o gênero discursivo mais conveniente para o momento. Nas análises, procuraremos identificar as mudanças de gênero e suas implicações na prática do cuidado de si, principalmente no discurso direcionado para a criança.

Vimos, nesse item, a importância do outro e do gênero do discurso, enquanto instrumento discursivo, na aquisição de linguagem. Porém, somente esses dois conceitos não são suficientes para as análises que pretendemos realizar. No próximo item, abordaremos a questão da regularização do ato, de acordo com Bruner (1995), e sua implicação na aquisição de linguagem, uma vez que procuraremos demonstrar, até onde for possível, as similaridades entre este conceito de Bruner entre e a repetição do ato até que se atinja uma regularidade com a rememoração - *askésis* (FOUCAULT, 1994) - que estudaremos no capítulo seguinte, na formação de conceitos.

1.4 A regularização do ato em Bruner.

Como vimos no item anterior, a participação do outro nas relações dialógicas e a utilização do gênero discursivo nas situações *linguageiras* são importantes para o estudo da aquisição de linguagem. Sendo assim, e dando continuidade à nossa proposta, abordaremos a questão da regularização do ato do saber-fazer, destacada por Bruner (1995) como importante apoio no desenvolvimento linguístico da criança.

Porém, antes de nos aprofundarmos no estudo da regularização do ato e para que possamos entender melhor essa questão, faremos um breve relato do pensamento desenvolvido por Bruner (1995 e 1998) a fim de entender a regularização do ato e suas implicações na aquisição de linguagem. O autor, no início de seus trabalhos, ressalta a importância das ligações psíquicas sociais à ontogênese, porém as destaca como questão ainda não resolvida. Sendo assim, direciona seus trabalhos para o campo social do desenvolvimento linguageiro. Acredita na efetiva participação dos pais no processo de aquisição de linguagem, vindo assim a concordar com o pensamento de Vygotsky e de Bakhtin, quanto à participação do outro e suas contribuições para que a criança entre na linguagem.

Bruner (1998) contesta a questão chomskiana de que existam universais linguísticos em que a criança se apoia para adquirir e se desenvolver na linguagem. Para Bruner, o que é universal é a estrutura da ação humana na primeira infância, como é possível observar quando afirma que:

Ce qui est universel, est la structure de l'action humaine dans la première enfance, structure correspondant à celle des catégories universelles de cas. C'est la réussite de l'enfant dans l'accomplissement d'actions conjointes (ou, mais simplement, la réussite de la mère) que amène, pratiquement, l'enfant au langage. En ce sens, la maîtrise de la "signification d'émetteur" – efficacité ou à-propos dans la réalisation d'objectifs – apporte à l'enfant une structure conceptuelle qui se trouve inscrite aussi dans la langue qu'il lui faut apprendre¹¹ (BRUNER, 1998, p.216).

¹¹ O que é universal é a estrutura da ação humana na primeira infância, estrutura correspondente àquela das categorias universais de casos. É o êxito da criança no acompanhamento das ações conjuntas (ou, mais simplesmente, o êxito da mãe) que leva, praticamente, a criança à linguagem. Nesse sentido, o domínio da "significação de enunciador" – eficiência ou o propósito da realização de objetivos – traz para a criança uma estrutura conceitual que se acha inscrito assim na língua que ela necessita aprender (tradução nossa).

Sendo assim, o autor parte do princípio de que o desenvolvimento linguístico está ligado intrinsecamente a outros desenvolvimentos da criança, como o da ação. Faz uma relação entre os atos de alimentação, percepção ou atenção, manipulação de circunvizinhança, locomoção e interação (BRUNER, 1998) com o domínio da gramática. A criança passa dos atos instintivos para ações que são o resultado de experiências realizadas e controladas por ela. Esse resultado é obtido através de trabalho de regularização do ato, ou seja, a repetição do ato até adquirir uma regularidade com o objetivo de transformar a ação instintiva em ação controlada e dominada pela criança. Faz a ligação da linguagem com a ação quando afirma que a sintaxe gramatical não é arbitrária, mas sim um prolongamento da estrutura de ação, formando, assim, a primeira estrutura de linguagem. Não se pode deixar de anotar que Bruner (1998) relaciona, também, o aprendizado de regras de gramática às regras de relacionamento social, principalmente observados entre a criança e a mãe, sendo que a imitação não é um sistema apenas de fazer igual, mas uma forma de aprender e transformar aquilo que aprendeu em algo que seja próprio da pessoa que aprendeu com a imitação.

Propõe, assim, uma estrutura sintática que representa a ação – actante, ato, objeto, ligação, atributos e direção, estabelecendo estreita relação com a da linguagem – sujeito, verbo, predicado. Para Bruner (1998, p.68), “[...] le développement du langage suit – et non pas précède – celui de ses savoir-faire d’action et de pensée”¹². Sendo assim, ao autor coloca a linguagem como um prolongamento do saber-fazer, ou seja, da ação. Em suas próprias palavras:

Dès les débuts de la parole, le langage est virtuellement un prolongement de la maîtrise des savoir-faire agis et de la discrimination perceptive. Ces capacités sensibilisent et, pour ainsi dire, poussent l’enfant au développement linguistique ¹³(BRUNER, 1998, p.69).

Com o passar do tempo a linguagem se torna autônoma da ação e livre de seu contexto, adquirindo liberdade.

¹² O desenvolvimento da linguagem segue – e não precede – aquele do sentido do saber-fazer da ação e do pensamento (tradução nossa).

¹³ No início da fala, a linguagem é virtualmente um prolongamento do domínio do saber-fazer agir e da discriminação perceptiva. Essas capacidades sensibilizam e, por assim dizer, impulsionam a criança no desenvolvimento linguístico (tradução nossa).

Pour résumer; bien que la langage soit issu de l'action et en soit un auxiliaire, Il devient très rapidement autonome et libre du contexte d'action. C'est en outre un moyen d'affranchir celui qui le possède des contraintes immédiates de la situation, non seulement parce que, dans l'utilisation du langage Il y a préemption de l'attention, mais aussi parce que l'utilisateur est alors capable de diriger son attention vers certains traits de l'environnement privilégiés par le langage lui-même¹⁴ (BRUNER, 1998, p.71-72).

Os atos modulares do saber-fazer são organizados em sequência atemporal. Com o tempo, esses movimentos vão se soltando e integrando a novas sequências e movimentos. São movimentos que vão se organizando e reorganizando de três modos: a repetição, a integração e a elaboração diferenciada (BRUNER, 1998). No próximo capítulo, destacaremos uma prática de si, a *askêsis*, que tem estreitas relações com a regularização, pois se trata de prática que tem na repetição sua principal ação. Nas análises, demonstraremos, com maior destaque, como essas práticas se relacionam e contribuem para que a criança adquira a linguagem.

Dessa forma, quanto mais a criança aprende atos novos, mais ela se desenvolve e se prepara para elaboração de atos cada vez mais elaborados, desenvolvendo, assim, a sintaxe do movimento e, segundo Bruner (1998), desenvolvendo de forma análoga a sintaxe da língua. O desenvolvimento dos atos modulares, ou seja, das partes que conjuntamente vão formar uma tarefa, tomam forma depois de atingirem certa regularidade, necessária para o domínio da ação. Resumindo, regularização do ato significa que o ato foi repetido até atingir uma determinada regularidade.

A regularidade do ato não implica em uma imitação do ato do adulto, ou seja, um simples estímulo e resposta, como se poderia pensar no behaviorismo, mas imitação do adulto que se faz de forma indireta e através de adequações que a criança vai realizar para inserir em seu próprio ato, durante a realização de tarefas, fazendo uso da palavra do outro, mas transformando-a em palavra própria e em novos contextos.

Dos inúmeros estudos realizados por Bruner, iremos nos concentrar nos estudos da regularidade do ato, ou seja, a repetição de um determinado ato até seu

¹⁴ Para resumir, ainda que a linguagem seja procedente da ação e, sendo um auxiliar, ela se torna muito rapidamente livre da contexto da ação. É, além disso, um meio de franquear aquilo que a precede de conteúdos imediatos da situação, não somente porque, na utilização da linguagem, há a apreensão da atenção, mas também porque o utilizador é então capaz de dirigir sua atenção em direção a certos traços do ambiente privilegiado pela linguagem dela mesma (tradução nossa).

domínio e aplicação em contextos diferentes daqueles já utilizados. Essa relação entre a sintaxe do ato e a sintaxe da linguagem será observada na análise dos dados, onde procuraremos observar, também, como as práticas de si e o cuidado de si, contribuem para a constituição do sujeito, acrescentando algo novo a esse processo de intensificação da subjetividade.

A participação do outro, os gêneros discursivos e a regularização do ato contribuem, como vimos, para o entendimento da aquisição da linguagem, assim como a internalização de conceitos, apontada por Vygotsky (2005), que veremos no próximo item.

1.5 A internalização dos conceitos em Vygotsky

Vygotsky (2005) parte do princípio de que o desenvolvimento da fala segue as mesmas leis do desenvolvimento de outras operações mentais. Ressalta a origem social e externa da fala, através das trocas comunicativas entre o adulto e a criança e afirma que:

[...] a função primordial da linguagem (fala-comunicação) é a interação social e critica o pensamento de que a “tendência intencional” brota do nada, que não tem raízes históricas e que o intelecto tem uma posição de primazia, quase metafísica, de origem e causa primeira não analisável (VYGOTSKY, 2005, p.35).

Assim, o autor desmistifica a concepção de que o pensamento e a linguagem são a mesma coisa, mostrando que são paralelos e que agem em conjunto. Suas linhas de crescimento podem se cruzar ou até mesmo andarem lado a lado, mas acabam se separando novamente.

A função social da fala na criança já é evidente desde o primeiro ano de vida e já é possível notar a necessidade dessa criança de se comunicar com o outro. Nota-se, nesse momento, importante desenvolvimento em sua fala, uma vez que ela descobre que cada coisa tem um nome e, possuidora de uma curiosidade ativa e repentina, passa a perguntar sobre cada coisa nova que observa e amplia seu vocabulário de forma rápida e aos saltos. A impressão que se tem é que a criança descobriu a função simbólica das palavras e a fala, que era afetivo-conativa, passa para a fase intelectual. “As linhas do desenvolvimento da fala e do pensamento se

encontram” (VYGOTSKY, 2005, p.54). Apesar de perceber que os objetos têm nome, para ela a palavra faz parte do objeto nomeado, sendo mais que um símbolo, só “descobrimo” a função simbólica da fala de forma gradual, porém, não se trata de um desenvolvimento simples e que se dá continuamente da fala interior ao pensamento verbal, mas “[...] a natureza do próprio desenvolvimento se transforma do biológico para o sócio-histórico” (VYGOTSKY, 2005, p.63).

Sendo assim, enfatiza a necessidade de se internalizar os conceitos, um percurso genético do desenvolvimento do pensamento conceptual. Esses conceitos, passando pelo processo de internalização, tornam-se parte da conduta social futuramente praticada pela criança em desenvolvimento. Nesse processo, o adulto tem a função de regulador/mediador das informações recebidas pela criança.

Ao discorrer sobre a formação de conceitos, Vygotsky (2005) relaciona esta atividade com o fato de a criança aprender a direcionar os próprios processos mentais com a ajuda dos signos. Assim, ele coloca que

[...] a criança pequena dá seu primeiro passo para a formação de conceitos quando agrupa alguns objetos numa agregação desorganizada, ou amontoado, para solucionar um problema que nós, adultos, normalmente resolveríamos com a formação de um novo conceito. O amontoado, constituído por objetos desiguais, agrupados sem qualquer fundamento, revela uma extensão difusa e não-direcionada do significado do signo (palavra artificial) a objetos naturalmente não relacionados entre si e ocasionalmente relacionados na percepção da criança. (VYGOTSKY, 2005, p.74)

A trajetória para a formação de conceitos se dá em três fases básicas divididas em vários estágios. A primeira fase, a dos amontoados sincréticos se divide em três estágios. Primeiro estágio, a criança cria um grupo de coisas na tentativa de estabelecer relações, caso não consiga, troca os objetos até conseguir um resultado. Essa fase é a da tentativa e erro. O segundo estágio é o da organização espacial dos objetos, a criança organiza seu campo visual de forma puramente sincrética. O terceiro estágio é marcado pela formação de grupos compostos por elementos de outros grupos já formados pela criança, porém, continua a formação de aglomerados sincréticos, sendo diferenciado pelo fato de que a criança tenta dar significado a uma palavra passando por duas etapas.

A segunda fase é a chamada pensamento por complexos e consiste em agrupamentos de objetos, não apenas pelas impressões subjetivas que esses causam na criança, mas por existirem de fato relações entre eles. Para Vygotsky (2005), quando a criança alcança esse nível já superou parcialmente o seu egocentrismo e já construiu pensamento coerente e objetivo. É nessa fase que a criança agrupa um universo de objetos em famílias¹⁵, ou seja, levando em conta algumas características que possuam em comum. Os complexos são formados por ligações concretas e factuais e não abstratas e lógicas, ou seja, os agrupamentos acontecem pelas similitudes e não por uma relação lógica entre eles. Encontram-se cinco tipos básicos de complexos: a) associativo: baseia-se em qualquer relação percebida pela criança entre os objetos dados, uma palavra pode fazer parte do objeto e passa a representar um determinado grupo de objetos relacionados entre si; b) coleções: consiste na combinação concreta entre os objetos e não mais nos conceitos generalizados, “[...] é um agrupamento de objetos com base em sua participação na mesma operação prática [...]” (VYGOTSKY, 2005, p.79); c) em cadeia, consiste na formação de complexos através de uma ligação em série, formando elos que se transmitem de um para o outro; d) difuso, tem por característica a fluidez do atributo, formando grupos de concretos ou imagens, por meio de conexões difusas e indeterminadas e podem não ter limites; e) pseudoconceito é o estágio final das formações de conceitos por complexos. Apesar de estarem próximos dos conceitos dos adultos, fenopticamente se diferenciam em muito quanto à essência psicológica, sendo assim, ainda um complexo. O pseudocomplexo “[...] é um importante elo de transição entre o pensamento por complexos e a verdadeira formação de conceitos” (VYGOTSKY, 2005, p.84).

Vygotsky (2005), citando Levy-Bruhl, Storch e Piaget, chama a atenção para uma característica muito marcante do pensamento primitivo, a participação, que se trata de relação de identidade parcial ou estreita entre dois objetos ou fenômenos que não têm nenhuma relação aparentemente identificável. Uma vez que a criança,

¹⁵ Durante a análise dos dados em que o pai de A. quer lhe mostrar o relâmpago, observa-se a formação, por parte da criança, de uma “família” de coisas quando ela relaciona o relâmpago ao caminhão, o ônibus e o carro, ou seja, os quatro apresentam uma característica em comum, o fato de todos “passarem”. Dessa maneira, a criança resolve a questão de seu medo do relâmpago. Essa descoberta faz com que a criança forme o conceito de que o relâmpago é passageiro e que não se precisa ter medo, uma vez que o ônibus, o caminhão e o carro também passam, o relâmpago também passará.o.

em determinada idade, pensa por pseudocomplexos e que as palavras ainda designam grupos de objetos, seu pensamento poderá formar relações que, para a lógica dos adultos são inaceitáveis¹⁶.

O pensamento por complexos é a base fundamental do desenvolvimento linguístico e que, tanto para o adulto quanto para a criança, a palavra tem o mesmo referente, podem não ter o mesmo significado. O significado das palavras se transforma, assim como se transforma o pensamento infantil, formando novos conjuntos que vão se refazendo, como em um aglomerado que se agrupa e desagrupa, conforme a necessidade de se entender novos conceitos. O nome atribuído a um objeto com base em um atributo perde o sentido, passando a ser substituído pelo conceito que ele passou a representar, gerando uma luta entre a sua origem baseada na imagem e o conceito, já existente entre os adultos, que, a partir daí, passa a ser utilizado.

Depois que a criança completou seu desenvolvimento por complexo, ela entra na terceira fase do processo de formação de conceitos. Nesse momento, a abstração passa a desempenhar papel fundamental. Para a verdadeira formação de conceitos é necessário aprender a unir e separar, é necessário que a síntese se combine com a análise. Essa fase também se divide em etapas. Das etapas que levam a abstração, deve-se destacar a combinação de objetos com o maior número de semelhanças. Seguidamente, a próxima etapa tem no agrupamento a característica de se servir de um único atributo, essas formações são chamadas conceitos potenciais, uma espécie de abstração primitiva que pode aparecer até nos animais. Porém, a abstração não é privilégio da terceira fase, podendo já ter aparecido na fase dos complexos¹⁷.

Com o domínio da abstração combinada com o pensamento por complexos, a criança caminha para a formação de conceitos, tendo na palavra o papel decisivo desse processo. Os pensamentos sincréticos e por complexos vão sumindo conforme os conceitos potenciais vão sendo menos usados e começam a se formar

¹⁶ Voltando ao caso do relâmpago, a relação feita por A. se diferencia muito do que poderíamos pensar para formar um grupo de complexos no desenvolvimento do pensamento conceitual.

¹⁷ Pode-se observar a formação do conceito de “relâmpago” para A.. Somente depois de um longo processo, ele o agrupou num grupo, cuja semelhança estava no fato de todos os componentes terem a característica de “passarem”, formando assim um pseudoconceito de “relâmpago”, sendo ainda necessário um longo processo para que o “relâmpago” se torne realmente um conceito. A internalização desse conceito foi demonstrada em trabalho realizado por Fernandes (2008).

os verdadeiros conceitos, ou seja, na formação dos complexos a criança agrupa objetos de formas diversas e passa por vários estágios, mas, na última fase, ela forma conceitos potenciais, através da abstração de certos atributos. Em todos os casos, a palavra exerce função primordial na aquisição de linguagem.

Na formação dos conceitos científicos, é importante observar sua importância quanto à participação efetiva do orientador no processo, e, também, que a criança esteja suficientemente amadurecida para adquirir esse novo conceito que está sendo transmitido. Para Vygotsky (2005), é inútil tentar explicar um conceito fazendo uso de outro conceito, afinal, é na generalização dos tipos mais primitivos de conceitos e após um longo processo que se formaram os novos conceitos.

O autor destaca, também, a necessidade de se internalizar esses conceitos e, neste trabalho, esse processo é observado quando a criança passa a utilizar um conceito, que pode ser uma nova palavra, em um contexto espontâneo, o que será demonstrado mais adiante, no capítulo das análises dos dados. Os conceitos ficam guardados na mente da criança em desenvolvimento, de forma que é possível a formação de vínculos entre eles e suas naturezas, dessa forma, esses conceitos pressupõem um sistema de relação generalizada, uma vez que se trata de conceitos generalizados e sua formação acontece no decorrer das seguintes fases: o sincretismo, os complexos, os préconceitos e os conceitos (Vygotsky, 2005). Resumindo, a internalização é um processo de reconstrução interna de uma operação externa e se trata de um processo mediado pelo outro.

2 O ÚLTIMO FOUCAULT

2.1 O Sujeito como objeto de estudo da obra de Foucault

Em sua obra, Foucault (1926-1984) aborda temas que o conduzem a uma análise do sujeito. Em suas próprias palavras:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo de meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi o de analisar os fenômenos do poder, nem de lançar as bases para uma tal análise. Procurei, acima de tudo, produzir uma história dos diferentes modos de subjetivação do ser humano em nossa cultura; tratei, nessa ótica, dos três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos. Existem, em primeiro lugar, os diferentes modos de investigação que procuram aceder ao estatuto de ciência; penso, por exemplo, na objetivação do sujeito falante na gramática geral, na filologia e na linguística. Ou, também, sempre neste primeiro modo de objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que produz, em economia e na análise das riquezas. Ou, ainda, para tomar um terceiro exemplo, na objetivação devida ao simples fato de existir na vida, na história natural ou na biologia. Na segunda parte do meu trabalho, estudei a objetivação do sujeito naquilo que designarei de 'práticas divergentes'. O sujeito é, quer dividido no interior dele mesmo, quer dividido dos outros. As partilhas entre o louco e o homem são de espírito, o doente e o indivíduo com boa saúde, o criminoso e o 'bem comportado', ilustra esta tendência. Enfim, tenho procurado estudar – é esse o meu trabalho em curso – a maneira como o ser humano se transforma em sujeito: tenho orientado minhas pesquisas na direção da sexualidade, por exemplo – a maneira como o ser humano tem aprendido a reconhecer-se como sujeito de uma 'sexualidade'. Não é, portanto, o poder, mas o sujeito, que constitui o tema geral das minhas investigações (FOUCAULT, 1995, p.231-232).

Pretendemos, neste trabalho, estudar a constituição do sujeito e, para alcançar nossos objetivos, partiremos do conceito de que o sujeito se constitui de técnicas de si; não seria o mesmo que afirmar que o indivíduo é constituído de práticas de si, mas dizer que é através da prática dessas técnicas que o indivíduo se constitui sujeito de uma subjetividade (Foucault, 1994). Dentre os diversos temas abordados em sua obra, Foucault, na terceira fase, a também chamada *O Último Foucault*, além de apresentar um estudo aprofundado da sexualidade, com o

objetivo de saber como o ser humano se reconhece como sujeito de uma sexualidade, faz o relato e a descrição de diversas formas de subjetivação do sujeito, com o intuito de levantar questões que o levem a entender como o ser humano se constitui como sujeito de si mesmo. Foucault estuda as técnicas de si existente desde a Grécia Antiga, passando pelos romanos e chegando aos nossos dias, e observa que o sujeito se constitui através de práticas de subjetivação, que são as técnicas de si que se pretende identificar na linguagem da criança, durante o processo de aquisição de linguagem. Pretende, também, estudar como o cuidado de si toma forma no mundo infantil e a auxilia na formação de conceitos e de comportamentos socialmente “aceitos”, uma vez que o cuidado de si está diretamente relacionado à convivência em sociedade, Sócrates, durante orientação do cuidado de si para Alcibíades, diz coisas importantes na relação com o outro, pois afirma que “[...] as mission lui a est utile pour la cité – puls utile que la victoire militaire dès Athéniens à Olympie – parce qu’em apprenant aux hommes à s’occuper d’eux-mêmes Il leur apprend à s’occuper de la cité”¹⁸ (FOUCAULT, 1994, p.1606).

A obra de Michel Foucault é bastante extensa e, para o melhor entendimento, será realizada uma pequena divisão didática em três fases. A primeira fase, a da Arqueologia do Saber, faz uma análise de como os saberes são constituídos na sociedade, de que forma os discursos científicos objetivam o sujeito. Num segundo momento, o da Genealogia do Poder, Foucault fala das práticas de divisão que vão produzir o sujeito. No terceiro momento, como já dissemos, *O Último Foucault*, trata da ética de si, o sujeito se constitui de práticas de subjetivação, tecnologias de si. É nessa terceira fase que Foucault trata do cuidado de si, sendo assim, será a essa fase que este trabalho se dedicará.

Como se trata de um olhar foucaultiano do sujeito/criança, faremos um breve relato das relações de Foucault com o sujeito. Segundo Judith Revel (2002, p.84), Foucault critica a concepção de que o sujeito é como consciência solipsista e ahistórica, autoconstituída e absolutamente livre, como pensam Descartes e Sartre. Coloca o sujeito como um objeto historicamente constituído sobre as bases de determinações que lhe são exteriores. Nesse ponto, Foucault, Vygotsky, Bruner e Bakhtin compartilham da mesma concepção: é nas relações com o outro e com o mundo que o homem se constitui como sujeito. Porém, a subjetivação, uma relação

¹⁸ a sua missão é útil para a cidade – mais útil que a vitória militar dos Atenenses em Olímpia – porque ensinando os homens a se ocuparem de si mesmos, ele lhes ensina a se ocuparem da cidade (tradução nossa).

de si, consigo mesmo, é uma prática que o homem jamais deixou de construir e que nunca terá fim.

2.2 As práticas de subjetivação: a constituição do sujeito através do cuidado de si

Por meio dessa questão, Foucault se conduziu à hermenêutica das *técnicas de si*, tanto nas práticas pagãs, como nas cristãs dos primeiros tempos. Foucault esboça as diferentes maneiras pelas quais os homens elaboram um saber sobre eles mesmos em nossa cultura. Não se trata, para ele, apenas do conhecimento científico como fonte de verdade, pois "[...] l'essential n'est pas de prendre ce savoir pour comptant, mais d'analyser ces prétendues sciences comme autant de "jeux de vérité" que sont liés à des techniques spécifiques que les hommes utilisent afin de comprendre qui ils sont"¹⁹ (FOUCAULT, 1994, p.1603).

As técnicas de si podem ser:

1. técnicas de produção: relacionadas à produção de bens e ao trabalho;
2. técnicas de sistemas de signos: ligada a representação linguística;
3. técnicas de poder: que submetem os indivíduos a certos jogos de conduta, dominação, objetivando o sujeito;
4. técnicas de si: que permitem aos indivíduos praticarem, sozinhos ou com a ajuda do outro, um determinado número de atividades sobre si mesmo influenciando seus corpos, almas, pensamentos e condutas - linguísticas (FOUCAULT, 1994).

Para este trabalho, nos concentraremos no quarto item, ou seja, às técnicas de si, que se relacionam à constituição do sujeito, tentando dar conta das questões linguísticas, uma vez que, para Foucault (1994), o sujeito se constitui da prática dessas técnicas. Dentre as técnicas de si, figuram as *cartas*, o *exame de si*, a *escrita de si – hupomnêmata* -, e a *askêsis*. Encontramos também outras técnicas como a *interpretação dos sonhos*, o *exomologêsis*, a *exagoreusis*, uma relação

¹⁹ o essencial não é tomar esse saber e nele acreditar piamente, mas analisar essas ? ciências como outros tantos "jogos de verdade", que são colocados como técnicas específicas que os homens utilizam para compreender aquilo que são (tradução nossa).

mestre/aprendiz baseada na obediência e na contemplação. O estudo das *técnicas de si* justifica-se, uma vez que atuam sobre os corpos e as almas dos indivíduos e sobre seus pensamentos e condutas e, conseqüentemente, na transformação do sujeito para o fim “[...] d’atteindre un certain état de bonheur, de pureté, de sagesse, de perfection ou d’immortalité”²⁰ (FOUCAULT, 1994, p.1604).

É importante observar que os quatro tipos de técnicas raramente funcionam separados, pois cada tipo está associado a uma forma de dominação. Implicam modos de educação e transformação dos indivíduos a fim de adquirir certas atitudes. Porém, o estudo das técnicas de si é bastante relevante, uma vez que a criança, durante o processo de aquisição de linguagem, como já ressaltado anteriormente, está adquirindo elementos culturais e sociais, por meio do discurso e de elementos linguísticos, tanto de interação com o outro, como no ato de se autogovernar²¹, como destaca Foucault (1994) em relação às técnicas de poder e de si denominado “governabilidade” o encontro entre as duas.

Para se poder observar como as técnicas de si atuam na constituição do sujeito/criança, será colocada a hipótese de que, no contexto familiar e nos contextos interativos da criança com o outro, em que se estabelecem as relações cognitivo-linguísticas, há o jogo dessas técnicas numa relação mediada pelo cuidado de si, levantada por Michel Foucault, como prática de subjetivação. É bom lembrar

[...] que o cuidado de si não está em oposição ao cuidado dos outros: ele implica, ao contrário, relações complexas com os outros porque é importante, para o homem livre, incluir na sua “boa conduta” uma justa maneira de governar sua mulher, suas crianças e sua casa. (REVEL, 2002, p.34)

Essa prática foi iniciada pelos gregos e tem no relacionamento humano, tanto consigo mesmo como com os outros, o objetivo de encontrar a melhor maneira de se viver e de estabelecer relações sociais, desde a higiene até o respeito ao próximo e seu posicionamento como sujeito social.

Para os gregos, o cuidado de si configura uma das grandes regras de conduta

²⁰ atingir um certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade (tradução nossa).

²¹ Segundo Vygotsky (2005), a criança conversa consigo mesma quando está realizando alguma atividade, como se estivesse dizendo a si mesma o que deve ser feito naquele momento, no sentido de se autoorientar, isto é, se autogovernar. Essa fala de si consigo mesmo é denominada fala egocêntrica.

social, um princípio de vida para as cidades, uma arte de viver, porém, esse princípio encontra-se obscuro nos dias de hoje. O princípio moral que domina toda a Antiguidade Clássica não é o cuidado de si, mas o princípio délfico, *gnôthi seauton*, “conhece-te a ti mesmo”, um conselho técnico, uma regra a ser observada na consulta do oráculo que significa: - “N’imagine pas que tu sois un dieu”. D’autres commentateurs em offren l’interprétation suivante: “sache bien quelle est la nature de la demande lorsque tu viens consulter l’oracle”²². (FOUCAULT, 1994, p.1605). O conhecer-se a si mesmo está associado ao princípio de cuidar-se de si mesmo e é essa necessidade de tomar conta de si que torna possível a aplicação da máxima délfica. Esse princípio torna-se explícito na cultura grega e romana, a partir do Alcibíades I de Platão. Para conhecer-se a si mesmo o indivíduo deve cuidar-se de si mesmo, ou seja, o segundo princípio subordina-se ao primeiro.

Essa colocação do cuidado de si anteceder o conhecer-se a si é bastante pertinente para este trabalho, uma vez que é no cuidado de si que os pais ensinam seus filhos a se conhecerem. Assim, esses indivíduos, cuidando de si mesmos, se preparam para uma boa convivência ou para o cuidado das cidades, como ressalta Platão.

Porém, para se entender melhor essa questão, faz-se necessário breve esclarecimento desse cuidado, ou seja, em que consiste esse cuidado? O que se quer dizer quando se diz “si”?

Soi est un pronom réfléchi , dont la signification est double. Auto veut dire “le même”,mais Il renvoie aussi à la notion d’identité. Ce deuxième sens permet de passer de la question “quel este ce soi” à la question “à partir de quel fondement trouverai-je mon identité?”²³ (FOUCAULT, 1994, p.1610).

O cuidado de si remete à constituição da identidade numa atividade reflexiva, de autoconhecimento que, para a criança, passa pela interação com os pais, num processo contínuo marcado na/pela linguagem. “A escrita de si constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askêsis*: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de

²² “Não imagines que és um deus” ou, na interpretação de outros comentaristas: “saiba bem qual é a natureza da tua pergunta quando vierdes consultar o oráculo” (Tradução nossa)

²³ “Si” é um pronome reflexivo, daí sua significação dúbia. Auto quer dizer “o mesmo”, mas remete também à noção de identidade. Esse segundo sentido permite passar da questão “qual é esse si?”, á questão “a partir de qual fundamento encontrarei minha identidade? (Tradução nossa)

ação” (FOUCAULT, 2004, p.147). A prática do *hupomnêmata* remete à escrita de si, isto é, o praticante no final do dia escreve em um livro, que pode ser entendido como um livro guia, as recomendações e atitudes de que se deve lembrar, no sentido de poder consultá-las e praticá-las futuramente. Como a criança, na idade em que estamos estudando, ainda não é capaz de escrever seu próprio *hupomnêmata*, os pais, fazendo uso dos ensinamentos que lhe foram passados, exercem a função de livro guia, uma vez que participam de forma ativa da orientação da criança no que se refere às condutas sociais e, de forma discursiva, isto é, pelo diálogo estabelecido com a criança, transmitem à criança o conhecimento que detêm como se fosse *hupomnêmata*. “O essencial é que ele possa considerar a frase repetida como uma sentença verdadeira no que ela afirma, adequada no que prescreve útil de acordo com as circunstâncias em que nos encontramos” (FOUCAULT, 2004, p.151).

As experiências da leitura enriquecem a pessoa que lê e contribuem para a constituição desse sujeito que se apodera do conhecimento escrito. O mesmo ocorre com a criança que se apodera dos ensinamentos dos pais, como será possível observar na análise dos dados. Sugere-se, assim, que a experiência com o outro, tendo também o olhar voltado para o aspecto social da linguagem, como ressalta Bakhtin (1995), funciona como usina no enriquecimento do pensamento e das trocas cotidianas. “Unamo-nos cordialmente aos pensamentos do outro e saibamos fazê-los nossos” (FOUCAULT, 2004, p.152).

A prática do *hupomnêmata*, tendo os pais como agentes participantes dessa técnica na vida da criança, se torna possível, uma vez que essa revisão do dia não necessita ter a forma de um texto como ressalta Michel Foucault:

[...] tratava-se simultaneamente de se constituir em “inspetor de si mesmo” e então avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre presentes no espírito. Nada indica que essa “revisão do dia” tenha tomado a forma de um texto escrito (FOUCAULT, 2004, p.160).

Além do *hupomnêmata*, Foucault descreve a técnica da *askêsis*, que é uma prática que permite, através da memorização, a conversão das palavras do mestre em regras de conduta. Nessa técnica, o discípulo assimila aquilo que escutou e o converte em regra de conduta, tendo como objetivo a subjetivação da verdade.

L'askêsis est un ensemble de pratiques par lesquelles l'individu peut acquérir, assimiler la vérité, et la transformer en un principe d'action permanent. L'*alêtheia* devient l'*êthos*. C'est un processus d'intensification de la subjectivité.²⁴ (FOUCAULT, 1994, p.1619).

A *askêsis* tem por objetivo preparar o indivíduo para a realidade, dar a ele o acesso à realidade do mundo que o cerca, o que, dentro da tradição filosófica, inaugurada pelo estoicismo, implica a consideração progressiva de si, o alcance da maestria de si, o domínio do autocontrole por meio da relembração das palavras que o conduzirão ao acesso, não a um outro mundo, mas à realidade deste mundo. A *askêsis* se caracteriza por certo número de exercícios que o sujeito pratica com o intuito de se colocar diante de uma situação e ser capaz de resolvê-la, fazendo uso dos discursos e condutas aprendidos com o mestre²⁵. Seu objetivo é verificar se se está preparado para utilizar essa verdade a ponto de “[...] transformer en une éthique et se comporter comme Il le doit em presense d’um”²⁶ (FOUCAULT, 1994, p.1619). Mantendo a hipótese de que os pais participam da prática do cuidado de si, essa prática é observada no diaadia familiar, quando se nota a repetição, por parte da criança, de orientações apresentadas pelos pais com o intuito de desenvolverem nela uma determinada forma de ação. Nota-se que a criança está praticando a *askêsis* no instante em que se percebe uma repetição da orientação, num processo de rememoração da conduta a ser transformada em verdade. É importante observar que, apesar de a *askêsis* ser pensada também como um discurso a ser utilizado mediante uma preparação prévia, quando se pensa em uma criança entre 20 e 33 meses de idade, deve-se atentar mais para a conduta, uma vez que ela está na fase de formação de conceitos concretos e a *askêsis* auxilia nesse processo. Neste trabalho, será observada mais adiante uma sessão em que a prática da *askêsis* acontece nos dois polos desse exercício, a *meletê* e a *gumnasia*. Sendo a *meletê* uma meditação, referindo-se à preparação dos argumentos que sustentarão um discurso e a *gumnasia* a vivência da situação real.

²⁴ A *askêsis* é um conjunto de práticas pelas quais o indivíduo pode obter, assimilar a verdade e transformá-la em um princípio de ação permanente. A *alêtheia* se torna o *êthos*. É um processo de intensificação da subjectividade (tradução nossa).

²⁵ Na análise dos dados, iremos destacar a questão do cuidado relacionado à integridade física de A., uma vez que sua mãe insiste em ensinar-lhe o perigo de mexer no fogão, um utensílio de cozinha perigoso e que pode causar-lhe queimaduras. Nesse sentido, a mãe repete em várias ocasiões a advertência de perigo.

²⁶ [...] transformá-la em uma ética e se comportar como se deve na presença de um acontecimento (Tradução nossa)

Durante os primeiros anos do cristianismo, outra prática é observada, a *exomologêsis*, que significa reconhecer-se publicamente como cristão e professar a sua fé. Ato ainda praticado nas igrejas cristãs até nossos dias, nos rituais de profissão de fé e de batismo. Tratava-se de ato de reconhecimento de que se é um pecador, sendo o pecado apagado através da revelação do ser pecador. Deseja-se obter o perdão, a reintegração ao grupo, nesse caso, a igreja, revelando-se como pecador e, assim, rompendo o indivíduo com sua identidade passada, é a revelação de si é ao mesmo tempo a destruição de si.

Segundo Foucault (1998), já no século IV, uma nova técnica de revelação de si muito diferente do *exomologêsis* aparece: a *exagoreusis*, que remete à relação mestre/aprendiz das escolas filosóficas pagãs, tendo se transmitido para as técnicas espirituais cristãs. Essa prática deve ser olhada pelo prisma de dois princípios cristãos: a obediência e a contemplação. Essa prática “[...] Il se fonder sur la capacité du maître à guider son élève vers une vie heureuse et autonome au moyen de conseils judicieux.”²⁷ (FOUCAULT, 1998, p.1628). A *exagoreusis* se caracteriza também pela confissão, pelo exame de si. É uma verbalização do pensamento, uma relação de obediência constante e absoluta a um mestre, que será observada sob o prisma da relação entre pais e filhos, no sentido da orientação mestre/aprendiz que se trava no âmbito pedagógico e de preparação para a convivência em uma sociedade disciplinadora e que tem na ciência uma das principais fontes de verdade.

Para Foucault o estudo das técnicas de si foram inspirados pela técnica da verbalização, uma vez que elas foram inseridas pelas ciências humanas em um contexto diferente, tornando-se, assim, não um instrumento de renúncia do sujeito de si mesmo, mas um instrumento de constituição de um novo sujeito. Assim conclui Revel (2005, p.85): se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou, ainda, por técnicas de si.

Essas práticas estão e estarão presentes por toda a vida na relação pais e filhos, como afirma Foucault (1994) ao citar Platão, dizendo que, para o exercício das práticas de subjetivação, não existe tempo para começar ou terminar, pode ser praticada desde criança ou até mesmo começar na velhice, não há dia nem hora

²⁷ [...] fundamentava-se na capacidade do mestre em guiar seu aluno através de uma vida feliz e autônoma por meio de conselhos judiciosos (Tradução nossa).

para cuidar de si mesmo, essa é uma atividade que deve ser praticada por toda a vida.

2.2.1 A *askêsis*

A *askêsis*, um ato de memorização, é uma prática que para Platão, como cita Foucault (1994), é um descobrir a verdade em si mesmo. A participação do outro é também importante, pois, na prática da *askêsis*, “le disciple mémorise ce qu’il a entendu, convertissant les paroles de sés maître em règles de conduite”²⁸ (FOUCAULT, 1994, p.1618), tendo como objetivo a subjetivação da verdade²⁹. Para tanto, dois polos caracterizam essa prática: *meletê* e *gymnasia*, sendo o primeiro uma antecipação da situação real, através do diálogo, e o segundo um entretenimento em uma situação real, ou mesmo quando induzido artificialmente.

É prática que se assemelha à regularidade do ato, descrita por Bruner (1998). É bastante relevante essa relação de semelhança, uma vez que a criança, ao praticar a regularidade motora, adquire competência para a realização de uma determinada tarefa, passando para outras tarefas que exigem habilidade maior. Durante a prática da *askêsis*, como será demonstrada nas análises, a criança lembra comportamentos e orientações que deve seguir, repetindo-os um número considerado de vezes, da mesma forma que é observado na regularização, podendo, de forma análoga, passar desse aprendizado para outro.

Outra relação interessante que será realizada nas análises é com a internalização de conceitos de Vygotsky (2005), um percurso genético do desenvolvimento do pensamento conceptual, uma ação que pressupõe uma regularidade no sentido de testar suficientemente a verdade para assim internalizá-la e constituí-la numa prática muito importante no processo de intensificação da subjetividade.

²⁸ o discípulo memoriza o que escutou, convertendo as palavras de seus mestres em regras de conduta (Tradução nossa).

²⁹ Nas análises, fica bastante clara essa conversão das palavras dos “mestres” (pais) em verdade. É, também, observado que a criança testa as orientações para verificar se se trata mesmo de algo que se deve subjetivar como verdade.

2.2.2 A *exagoreusis*

A *exagoreusis* é uma *técnica de si* que surge no século IV e se trata de técnica de revelação de si. Para a filosofia pagã, essa técnica lembra a relação mestre/discípulo, que será o ponto mais explorado neste trabalho, uma vez que se aproxima da relação pai/filho no contexto pedagógico, olhando-se para o pai como mestre e o filho como discípulo. Algumas das técnicas de si, elaboradas pelos estóicos, se transmitiram para as técnicas de si cristãs e dois princípios básicos da espiritualidade cristã passam a ser observados: a obediência e a contemplação. O primeiro implica o controle total da conduta do discípulo pelo mestre, o que é observado na relação pais e filhos, porém, com flexibilidade maior no sentido de “controle total”, afinal de contas, a relação pais/filhos requer certo grau de liberdade, o que permite melhor desenvolvimento da criança no meio cultural, como afirma Bruner (1998) no desenvolvimento do saber-fazer e, conseqüentemente, no saber-dizer. Quanto ao segundo, a constante contemplação de Deus, este trabalho direcionará olhar desvinculado da religião, porém ligado à confiança e admiração que a criança deposita nos pais como mestres, no sentido de se descobrir o mundo que a cerca pelas orientações e descobertas realizadas conjuntamente.

Apesar de se tratar de técnica de exame de si, é importante ressaltarmos que, para este trabalho, dedicar-nos-emos ao primeiro sentido dessa prática, a relação mestre/aprendiz e faremos uma espécie de “atualização” desse conceito, estabelecendo um paralelo com o estudo do gênero discursivo (BAKHTIN, 1997) e as marcas linguísticas que caracterizam essa prática. Pretende-se observar, na fala da criança, naquilo que for possível, os ensinamentos que levam a criança à descoberta de um mundo “novo”, repleto de curiosidades que despertam a atenção para o conhecimento, em um jogo de acontecimentos, permeados pela ação conjunta, e a descoberta do mundo através do comportamento pedagógico dos pais, como ressalta Bruner (1998).

As relações na prática da *exagoreusis* são marcadas pela mudança do gênero discursivo (BAKHTIN, 1997) e fica bastante clara a passagem do gênero cotidiano para o pedagógico, o que reafirma a relação mestre/aprendiz na prática dessa importante técnica de si.

2.2.3 O *hupomnêmata*

O *hupomnêmata*, uma escrita de si em seu sentido clássico, não deve ser confundido com escrever de si mesmo como um diário ou uma biografia. Deve-se pensar nessa técnica como anotações do diaadia, perfazendo uma relação de si consigo mesmo, com o objetivo de alcançar um certo estado de pureza quanto ao comportamento mais adequado a ser seguido, ou do discurso a ser proferido. Também, é observado nessa prática a busca pela orientação do outro através da leitura, que, em alguns casos, é de um mestre ou de livros que contêm condutas e comportamentos a serem seguidos, tendo o outro como coparticipante na realização dessa técnica. Bruner (1998 e 2004) relata em seus estudos a importância da ação conjunta entre pais e filhos. Cita o desgaste dessa prática devido às novas condições de relacionamento familiar impostas pela “vida moderna”, ressaltando a falta de tempo e oportunidade de dedicação. Porém, fica clara a relevância da ação conjunta no desenvolvimento sócio-cognitivo da criança e a prática do *hupomnêmata* vem corroborar esse conceito.

Nessa vertente que estamos estudando, pode-se dizer que os pais exercem, em seus filhos, numa ação conjunta, como tutores, no sentido abordado por Bruner (1998 e 2004) no exercício do cuidado de si, a função de *hupomnêmata*, que, em seu sentido técnico, são livros de registros, mas que, na prática do cuidado de si, são utilizados como livro da vida, guia de conduta, orientando-os e encaminhando-os, segundo os preceitos culturais de cada família. Por não poder escrever os próprios *hupomnêmata*, a criança depende dos pais para a realização dessa atividade. Fazer uma relação entre o relacionamento dos pais e dos filhos com a de quem escreve seu próprio *hupomnêmata* implica em subjetivação, no sentido de se estar olhando para dentro da criança através da interface dos pais, em suma, “que a alma os faça não somente seus, mas si mesmo. A escrita dos *hupomnêmata* é um relé importante nessa subjetivação do discurso” (FOUCAULT, 2004, p.148).

3 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

3.1 As relações entre a aquisição de linguagem e as práticas de subjetivação

A cultura, como já visto, exerce influência muito grande quando se trata de aquisição de linguagem e do conhecimento de si, “[...] l’exercice de cette capacité dépend de ce que l’homme s’approprie des modes d’action et de pensée qui existent non pas dans ses gènes mais dans sa culture³⁰ (BRUNER, 1987, p.18). A criança se prepara para a convivência no mundo adulto e para a penetração nessa cultura, que se estabelece nas atitudes internalizadas e interagidas durante a infância. Nesse período, a criança adquire comportamentos que a auxiliarão em sua relação social, e que são marcados na/pela linguagem, durante o processo de sua aquisição. Por exemplo, nas atividades lúdicas com os jogos e a linguagem, Bruner (1987) constata que no jogo do achou/esconde, em que o outro esconde seu rosto da criança, aparecendo alguns instantes depois, durante a evolução do jogo, além de aprender como alternar turnos no momento de um diálogo, a criança adquiriu alguns comportamentos sociais.

Une fois, pendant cet exercice, la sonnette de la porte retentit. Richard se retourna brusquement, indiqua la direction de la porte et s’écria “Bonjour!”, n’éprouvant aucune difficulté à passer des “bonjour” simulés du jeu au mode conventionnel de saluter³¹ (BRUNER, 1987, p.53).

Pode-se notar, assim, que as relações entre a aquisição de linguagem e a aquisição de costumes culturais são bastante estreitas e, por essa razão, acreditamos que os pais, no intuito de encaminhar socialmente seus filhos, os auxiliam nas práticas de subjetivação, ou seja, realizam a função de *hupomnêmata* (FOUCAULT, 2004) que, em seu sentido técnico, são livros de registros, mas que, na prática do cuidado de si, são utilizados como livro da vida, guia de conduta,

³⁰[...] o exercício dessa capacidade depende de que os homens se apropriem dos modos de ação e de pensamento que existem não na sua gênese, mas em sua cultura (tradução nossa).

³¹ Uma vez, durante esse exercício, a campainha da porta soou. Richard se vira bruscamente, indica a direção da porta e grita “bom dia!”, sem demonstrar nenhuma dificuldade em passar do “bom dia” simulado do jogo ao modo convencional de cumprimentar (tradução nossa).

orientado-os e encaminhando-os segundo os preceitos culturais de cada família.

Por não poderem escrever os próprios *hupomnêmata*, a criança depende dos pais para a realização dessa atividade, não que eles venham a realizar a escrita de si para os filhos, mas que, numa ação conjunta (BRUNER, 1998), possam transmitir os conhecimentos guardados em suas memórias, ou seja, o livro guia de condutas sociais que adquiriram na convivência com seus pais e com as outras pessoas do grupo social do qual fazem parte. Como poderemos observar na análise dos dados, a prática do *hupomnêmata* acontece de forma discursiva, em que há a participação ativa da criança, numa relação ideológica, sócio-histórica e dialógica, isto é, numa interação socioverbal, para utilizar uma expressão de Bakhtin (1995); “[...] trata-se de constituir a si mesmo como objeto de ação racional pela apropriação, unificação e subjetivação de um “já dito” fragmentário e escolhido” (FOUCAULT, 2004, p.162). Essa apropriação de um “já dito” da qual fala Foucault, pode ser pensada nos mesmos moldes da apropriação que a criança faz da fala do outro, não resultando em mera imitação, mas em desenvolvimento, uma vez que a criança, ao se apropriar da fala do outro, transforma essa fala em sua, imprimindo características próprias. Na prática do *hupomnêmata*, o indivíduo subjetiva a verdade com o intuito de se constituir inspetor de si mesmo, de avaliar sua conduta e identificar as faltas mais comuns com o objetivo de reativar as regras de conduta que sempre precisam estar ativas. O que poderemos observar nas análises é que os pais participam ativamente desse exercício, porém, em alguns momentos, a própria criança percebe que está fazendo algo que não deveria e, no intuito de desviar a atenção dos pais, atribui a ação a um outro “eu”, ou afirma estar fazendo outra coisa, como se quisesse se isentar de culpa. Apesar de em muitos escritos essa prática estar relacionada à escrita de si, “[...] nada indica que essa “revisão do dia” tenha tomado a forma de um texto” (FOUCAULT, 2004, p.160). Fazer uma relação entre o relacionamento dos pais e dos filhos com aquela de quem escreve seu próprio *hupomnêmata* implica em subjetivação, no sentido de se estar olhando para dentro da criança através da interface dos pais, em suma, “[...] que a alma os faça não somente seus, mas si mesmo. A escrita dos *hupomnêmata* é um relé importante nessa subjetivação do discurso” (FOUCAULT, 2004, p.148).

Dentre as práticas de si, destaca-se também a *askêsis*, que não é a revelação do si secreto, mas um ato de rememoração (FOUCAULT, 1994). O discípulo

subjetiva a verdade, memorizando as palavras de seus mestres, transformando-as em regras de conduta. É uma prática observada também no comportamento da criança, que guarda os ensinamentos dos pais, memorizando-os e transformando-os em formas de conduta e prática social. O processo de transformação da verdade apresentada pelo mestre em regra de conduta passa por uma fase de internalização e depois é colocada em prática nos momentos em que forem requeridas. Nesse sentido, podemos pensar em imitação do mestre, uma vez que suas palavras são memorizadas e praticadas, porém, da mesma forma como acontece na aquisição de linguagem, não se trata de mera imitação, segundo Fernandes “[...] é preciso acrescentar que não se pode retomar sem modificar [...]” (apud DEL RÉ, 2006, p.186), ou seja, que, apesar de se estar rememorando uma orientação previamente adquirida do outro, não significa que se está imitando apenas. Para Bruner (1998), o processo de regularização, é a repetição sistemática de movimentos no intuito de se adquirir habilidade suficiente para a realização da tarefa da forma mais adequada, ou seja, a criança repete inúmeras vezes o mesmo movimento, ou o mesmo enunciado, até torná-lo natural. O que pretendemos nesta análise é verificar se há uma relação que aproxime a prática da *askêsis* com a aquisição de linguagem, isto é, se durante o processo de aquisição a criança pratica a rememoração no sentido apresentado por Bruner (1998) e se essa prática auxilia a internalização de conceitos.

Outra prática retratada por Foucault (1994) faz referência aos cristãos. As práticas cristãs conduzem à renúncia de si, a uma renúncia à realidade, também chamada de ascetismo cristão, com o objetivo de alcançar outro nível de realidade. Já a tradição estóica coloca a renúncia de si como uma consideração progressiva de si, à maestria de si, com o objetivo de obter e assimilar a realidade. A palavra grega para essa prática é *paraskeuazô*.

Encontra-se aqui um processo de intensificação da subjetividade, pois o sujeito não precede seus atos de fala, seus fazeres, suas vontades e seus desejos, muito pelo contrário, ele se constitui da prática de todas essas ações e do exercício contínuo da subjetivação por toda a vida (FOUCAULT, 1994). Como já dito anteriormente, é por volta dos três anos que a criança passa a diferenciar o “eu” do outro, construindo sua identidade linguística no discurso, é quando a criança se coloca como enunciador no processo dialógico. Nesse sentido, objetivamos apenas

observar e marcar a presença das *técnicas de si*, num período em que a criança está se constituindo como sujeito, tanto linguística como socialmente. Não temos a pretensão, neste trabalho, de afirmar que o cuidado de si, através das técnicas de si, influencia e direcionam esse processo.

O estudo das técnicas de si nos conduz a uma viagem pelas diversas culturas, como já mostramos anteriormente. Ilustrando um pouco mais essas técnicas, temos a prática cristã da confissão como ritual de purificação, que apazigua o pecador num ato de confissão de suas falhas e o submete a um ritual voluntário de martírio que o reintegrará à igreja. Esse ritual não representa o estabelecimento de uma identidade, mas o rompimento com sua identidade passada, a revelação de si é ao mesmo tempo a destruição de si (FOUCAULT, 1994). Esse comportamento é observado nas relações da criança com seus pais, no momento em que a criança se comporta de uma maneira que, para os pais, é inadmissível. Quando, por exemplo, a criança joga algum objeto no chão há expectativa por parte dos pais de uma confissão para o restabelecimento da integração familiar e a “re-aceitação” da criança nesse âmbito. Não se quer dizer, aqui, que há a necessidade da confissão derivando em martírio, mas a confissão estabelecendo as relações de confiança e de conhecimento de si, numa nova identidade que se estabelece a partir desse momento. Vê-se, assim, que essas trocas, essa socialização no seio familiar, não apenas tem papel fundamental na vida da criança como é através dela que a criança adquire elementos que vão constituir seu desenvolvimento afetivo, cognitivo, linguístico e escolar que são suas experiências precoces e as interações com os pais.

[...] Os seres humanos estão designados para viver num certo tipo de ambiente social, e sem ele os jovens não se desenvolveriam normalmente – supondo que pudessem sobreviver – nem social nem cognitivamente. Esse tipo de ambiente social é o que chamamos de cultura [...].(TOMASELLO, 2003, p.109)

Segundo Michel Foucault (2004), as técnicas e as habilidades profissionais devem ser praticadas, exercitadas, sendo assim, numa analogia das habilidades estudadas por Bruner (1998) quanto à regularização dos atos modulares, pode-se pensar que as estruturas: 1 – repetição; 2 – integração e 3 – elaboração diferenciada, aproximam-se do conceito da *askêsis*, uma vez que se rememoram os

movimentos a serem executados nos atos modulares, da mesma forma como se rememora uma habilidade a ser adquirida ou um comportamento a ser introduzido na conduta social do sujeito. Assim, os movimentos modulares vão se soltando e se integrando às novas sequências de movimentos, seguindo uma sintaxe que se assemelha à língua, daí a relação da *askêsis* com a Aquisição de linguagem, rememora-se para internalizar, isso não significa que se estimula procurando uma resposta (E→R) como no behaviorismo, mas que, ao praticar a *askêsis*, ao se rememorar, os atos modulares, da mesma forma que conceitos a serem aprendidos, vão se soltando e se integrando a uma nova sequência de movimentos e comportamentos que o conduzirão à constituição do sujeito.

Nenhuma técnica, nenhuma habilidade profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, sem uma *askêsis* que deve ser compreendida como treino de si por si mesmo (FOUCAULT, 2004, p.146).

A necessidade de o ser humano viver em sociedade implica práticas sociais que devem ser interiorizadas, visando o melhor comportamento da criança no grupo social a que pertence. Isso não quer dizer que aconteça uma mera modelagem da criança, uma vez que sua participação nesse processo é efetiva e que há a exposição da criança nas interações mediadas pela linguagem.

Vygotsky (2005) enfatiza a necessidade de se internalizar os conceitos, um percurso genético do desenvolvimento do pensamento conceptual. Esses conceitos, passando pelo processo de internalização, tornam-se parte da conduta social futuramente praticada pela criança em desenvolvimento.

É nesse sentido de participação efetiva da criança na aquisição e internalização de conceitos que a levam a comportamentos socialmente aceitos, ressaltando aqui a importância do estudo das relações familiares, das interações entre pais e filhos, tendo como referência o que a criança internaliza desse jogo de verdades e de constituição do sujeito. É na identificação das *técnicas de si*, que se manifestam nos atos de subjetivação, que pretendemos identificar, nos trechos selecionados do cotidiano infantil, como o cuidado de si toma forma e contribui para que a criança se constitua sujeito de sua própria existência.

Mas não se deve esquecer que é na linguagem que essas marcas de

constituição do sujeito se manifestam. É através dela que se pode observar a aquisição de comportamentos sociais que serão parte integrante desse ser que está se desenvolvendo e tomando espaço na complexa relação humana. Deve-se, porém, criar condições propícias para que a criança compartilhe seu conhecimento e produza seu próprio discurso. Deve-se abrir um espaço socialmente conveniente para que essa prática se estabeleça e que o discurso infantil possa utilizar elementos do discurso adquirido ou internalizado do adulto em sua produção.

4 METODOLOGIA

Para análise dos dados, partimos de abordagem discursiva que tem, na interação dialógica³² da criança com o outro, as bases para a Aquisição de linguagem. Vale dizer que, após minuciosa análise dos dados, selecionamos três práticas de si, a *askêsis*, a *exagoreusis* e o *hupomnêmata*³³. A escolha dessas práticas justifica-se considerando que elas são as mais explícitas e recorrentes no *corpus* apresentado para análise. Não trataremos, então, das práticas de cunho religioso, como a *exomologêsis* e a *confissão*, uma vez que não pretendemos entrar em questionamentos relativos a esse tema e os dados, também, não apresentam algo relevante nesse sentido. Eliminamos, também, as *cartas*, o *exame de si* e a *interpretação dos sonhos*, uma vez que se trata do estudo de uma criança ainda em fase de aquisição de linguagem, não existindo recursos satisfatórios para a análise de tais práticas.

Sendo assim, nossa dedicação será voltada para a análise da *askêsis*, da *exagoreusis* e do *hupomnêmata*, com o objetivo de responder às seguintes perguntas: qual a relação entre a Aquisição de linguagem e as práticas de si? Se para Foucault (2004) o sujeito se constitui de práticas de subjetivação, de que forma elas podem contribuir para o desenvolvimento linguístico da criança? Quais as marcas que nos permitem estabelecer essas conexões?

Como já discutido anteriormente, Vygotsky (2005) mostra que a linguagem e o pensamento não são a mesma coisa, porém, caminham paralelamente. Seguindo esse mesmo pensamento, sugerimos a hipótese de que as práticas de subjetivação, através do cuidado de si, contribuem para a aquisição de linguagem, uma vez que o cuidado de si está diretamente ligado à linguagem, como já demonstramos anteriormente, como auxiliador no processo de aquisição, contribuindo para seu desenvolvimento, tanto na relação de si consigo mesmo, como nas relações com o outro, e na constituição de um sujeito *linguageiramente* socializado. Sendo assim, pretendemos identificar e responder à hipótese de que o cuidado de si, assim como o outro, o gênero discursivo, a regularização do ato e a internalização dos conceitos,

³² Queremos reafirmar que o termo dialógico usado neste trabalho não faz referência ao conceito de dialogismo de Bakhtin, sendo apenas uma relação de fala (de conversa) entre a criança e o outro.

³³ As três práticas de si foram detalhadas na sessão O Último Foucault.

participa desse processo, trazendo contribuições que auxiliam a criança para adquirir a linguagem.

Para alcançar esses objetivos, analisaremos as falas de uma criança, A., na faixa etária de 20 a 33 meses. Esses dados pertencem a uma pesquisa intitulada *Diversité de la socialisation langagière selon les cultures: place et rôle de l'explication*, desenvolvida pelas professoras Silvia Dinucci Fernandes e Alessandra Del Ré em cooperação com a França (Marie-Thérèse Vasseur, da Université du Maine e Christiane Préneron do CNRS), de julho de 2004 a dezembro de 2006.

Os dados foram gravados em áudio e vídeo, na casa da criança, em interação com os pais, geralmente no final do dia, quando eles estão de volta do trabalho. Algumas sessões aconteceram durante o jantar, o que nos permitiu observar o comportamento da criança durante as refeições e as orientações destinadas à boa conduta de alimentação, desde o encaminhamento na escolha dos alimentos a serem oferecidos até hábitos alimentares, como função e utilização de talheres, copos, pratos, que a criança dá outras finalidades para esses objetos. Essa forma de encaminhamento é objeto de estudo deste trabalho em questões que pretendemos observar da prática do *hupomnêmata*. Através da hipótese de que os pais orientam A., por meio da linguagem, nos preceitos do bom comportamento, fazendo uso de uma espécie de *livro guia* que trazem gravado em suas memórias, os pais utilizam-se dele para encaminhar a criança nas práticas educativas parentais, com desenvolvimento saudável e socialmente adequado ao ambiente.

A criança pertence a uma família biparental de classe média alta. O pai é professor e leciona em uma universidade duas a três vezes na semana e a mãe é engenheira, cumprindo assim carga horária de oito horas diárias, cinco dias por semana, chegando do trabalho no início da noite. Participa, também, do cuidado de A. uma babá, que auxilia nas tarefas em uma parte do dia, geralmente no horário das refeições. O fato de o pai contar com mais tempo livre, podendo, assim, ficar um bom tempo com A., mostra participação efetiva dele na socialização dessa criança, como veremos nas análises dos dados (DEL RÉ, 2008, p.92). Daremos especial atenção à participação do pai nos estudos relativos à *exagoreusis* e ao *hupomnêmata*, uma vez que sua participação é bastante ativa. Algumas características aparecerão nas análises, como o fato ressaltado por Del Ré (2008) de que o pai estimula mais a autonomia da criança, sua criatividade, sua capacidade

de resolver problemas através de desafios, encorajamentos e uma série de atitudes com a função de personalizar a criança.

Vale dizer que a pesquisadora³⁴ era conhecida da família e, portanto, da criança, o que, por um lado, dispensou um contato prévio entre os dois, mas, por outro lado, interferiu em alguns momentos nas gravações, pois, embora a intenção fosse que o pesquisador não intervisse, a criança solicitava sua participação no diálogo, ora perguntando alguma coisa diretamente ora pedindo que fizesse algo (DEL RÉ, 2008, p.92) Trata-se, então, de um estudo naturalístico e longitudinal, uma vez que o *corpus* é composto por registros da fala da criança em ambiente caseiro e cotidiano, colhidos de forma natural em um período total de treze meses, totalizando, assim, dez sessões, em áudio e vídeo, de atividades habituais da família: jantar, banho, brincadeiras etc. As filmagens se justificam pelo registro de gestos e fatos (contexto) que possam auxiliar na interpretação de dados linguísticos.

Algumas adaptações foram necessárias para a realização do estudo das *técnicas de si*, uma vez que as técnicas estudadas por Foucault (1994), como já visto no capítulo dedicado a esse assunto, na maioria das vezes se referem ao cuidado de si realizado pelo adulto e estabelece fortes ligações com a escrita de si. Porém, a criança, na faixa etária que estamos estudando, ainda não é capaz de realizar suas próprias escritas, por esse motivo, partiremos da hipótese de que os pais auxiliam a criança nessa atividade, não apenas no que se refere à escrita de si, como no caso do *hupomnêmata*, mas, principalmente, na orientação durante o processo de socialização da criança e de *internalização* de conceitos, agindo como “mestre” na relação proposta pela *exagoreusis*, ou seja, os pais serão participantes ativos, no sentido de tutores, como diz Bruner (1998), na transmissão da cultura e constituição da subjetividade da criança através das relações dialógicas que compõem esse estudo.

Faremos as ligações com a Aquisição de linguagem observando conceitos importantes para a aquisição de linguagem e suas implicações quanto às práticas de si. Nas sequências selecionadas, observaremos a participação do outro e suas contribuições para que a criança pratique o cuidado de si, tanto quanto ao discurso, ou seja, quando a criança utiliza o discurso do outro em seu próprio discurso, assim como na orientação, como tutores – reguladores/ mediadores – desse processo de

³⁴ Os dados foram colhidos pela Profa. Dra. Alessandra Del Ré.

intensificação da subjetividade.

Observaremos no discurso, tanto da criança como do adulto, as mudanças do gênero do discurso e suas implicações para o estudo das práticas de si. Notamos que quando a criança ou o adulto entra no discurso por um gênero diferente do que está sendo utilizado no momento observado, marca um novo contexto dialógico. Essa marca, como poderemos verificar nas análises, nos auxilia na identificação da prática em curso e nos processos de internalização e formação de conceitos.

A regularização do ato, ou seja, a repetição para que se adquira uma regularidade da ação, será observada como um exercício de rememoração, uma vez que se aproxima da prática da *askêsis* e, de forma análoga àquilo proposto por Bruner no domínio da ação e passagem dos atos instintivos para os controlados, sugere sugerir que a prática da rememoração, isto é, da *askêsis*, auxilia na internalização dos conceitos e de comportamentos socialmente “aceitos”.

Resumindo, na análise dos dados observaremos se há a participação das práticas de si, marcada no exercício da *askêsis*, da *exagoreusis* e do *hupomnêmata*, no processo de aquisição de linguagem, tendo como parâmetro de análise conceitos já observados em estudos anteriores como o da participação do outro no processo, o gênero discursivo, a regularização do ato e a internalização de conceitos.

Para alcançarmos nossos objetivos, serão separados alguns seguimentos dos dados organizados de forma sequencial com o intuito de facilitar o entendimento e a compreensão da ação em curso. As sequências terão como tema as práticas de si, isto é, na primeira sequência estudaremos a *askêsis*, na segunda a *exagoreusis* e na terceira o *hupomnêmata*. Em cada sequência verificaremos a existência ou não dos conceitos acima descritos e suas implicações na ação em curso, com o intuito de entendermos melhor o processo de aquisição de linguagem e suas contribuições para a constituição do sujeito.

5 ANÁLISE DOS DADOS

5.1 A *askêsis*: um ato de rememoração por meio da linguagem

Com o intuito de ilustrar o que se relaciona com a constituição do sujeito, tendo por olhar os conceitos foucaultianos, quanto às técnicas de si, e, principalmente, o cuidado de si, selecionamos alguns segmentos, levando-se em conta as sequências temáticas envolvidas nos momentos de vida cotidiana familiar, sendo possível identificar temas que sejam relevantes para a constituição social desse pequeno indivíduo e que se relacionem com a ação em curso, seja por iniciativa da própria criança, seja por iniciativa dos pais.

Nessa sessão, examinaremos a prática de si chamada *askêsis*, ou seja, um ato de rememoração. Em nossos estudos vamos perceber que a *askêsis* tem participação importante, principalmente em questões ligadas à internalização de conceitos, uma vez que a sua prática leva o indivíduo à subjetivação da verdade (Foucault, 1994) e sua aplicação com regra de conduta a ser seguida. Iremos, nessa análise, estabelecer paralelo entre a internalização de conceitos e o cuidado de si, com o olhar direcionado ao processo que vai levar a criança a internalizar o conceito a ser aprendido, que nessa sequência está marcado pela recomendação de não poder mexer no fogão. Iremos notar que a criança repete uma quantidade de vezes considerável a recomendação da mãe, talvez pela insistência dela no que se refere a essa questão. Vamos observar, também, que existe um conceito a ser transmitido com a recomendação de que o fogão é um utensílio doméstico perigoso, pois produz fogo e pode queimar.

5ª gravação: 17/05/2005

Sessão 5

A.: 25 meses e 24 dias

Transcrição de cenas filmadas pela pesquisadora na casa do pesquisado A., envolvendo também seus pais em alguns locais de sua casa. O ambiente desta sessão é a cozinha do apartamento do A..

Identificação: A (André), P (Pai), M (Mãe), Pe (pesquisadora).

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

Obs. Não é possível ter certeza se A., nessa sessão, diz “mocinho” ou “mocinha”, embora o primeiro pareça mais plausível.

Sequência: a *askêsis*, um ato de rememoração.

Trecho: mocinho, mocinho, mocinho

A sequência inicia-se com A. repetindo a palavra “mocinho” ou “mocinha” várias vezes (turno 1243 – 2 vezes; turno 1249 – 5 vezes; turno 1265 – 2 vezes). Ao ser indagada pela observadora, a mãe esclarece que se trata de repetição da forma como ela lhe deu “bronca” (turno 1253). Iniciamos por esse segmento, por se tratar de acontecimento muito interessante, pois a criança repete inúmeras vezes a forma como a mãe lhe chamou a atenção ou lhe deu “bronca” (turno 1269). Ela ilustra a repetição e sugere que a criança pratica, nesse momento, um ato de rememoração, como se estivesse relembrando alguma conduta que deverá vir a praticar ou de alguma “proibição” que deverá observar. Esse ato de repetir, que muitas vezes pode ser entendido como uma repetição de si para si mesmo, é o que chamaremos de *askêsis*, uma *técnica de si*, que tem na rememoração uma forma de adquirir conceitos e condutas que deverão ser observadas por toda a vida. Queremos propô-la com prática auxiliadora no processo de internalização. É importante observar, também, que, ao repetir as palavras da mãe, a criança está, através do discurso do outro, realizando prática semelhante à observada por Bruner (1998) no que se refere à regularização do ato. Sendo assim, queremos sugerir, de forma análoga àquela observada por Bruner, que a criança irá adquirir uma certa regularidade do ato quando relembra, da forma apresentada na sequência, uma recomendação da mãe, ou seja, vai se apropriar, unificar e subjetivar o “já dito” fragmentário no objetivo final da *askêsis*, preparar o indivíduo para a realidade deste mundo (Foucault, 1994).

Brigaudiot e Morgenstern (2003) relatam que uma criança, ao se olhar em uma fotografia, refere-se a si mesma pelo primeiro nome. Nessa sessão, durante a gravação a Pesquisadora observa que A. se olha no vidro do fogão como se

estivesse olhando em um espelho (turno 1270). Esse acontecimento é importante para nosso estudo, uma vez que pretendemos propor a repetição como um ato de rememoração e que, quando A. se olha no fogão e enxerga sua imagem, ele repete a forma como a mãe lhe deu “bronca”: “mocinho, mocinho”, substituindo a forma mais corrente de se referir a si quando vê sua imagem, isto é, o seu próprio nome, pela forma como a mãe lhe chamou quando o repreendeu. Essa substituição nos auxilia na interpretação de que quando A. repete a palavra “mocinho”, ele está rememorando e, assim, praticando a *askêsis*, com o intuito de internalizar o conceito passado pela mãe no ato da “bronca”, como ela mesma explica a repetição do termo (turno 1253). Sendo assim, passemos à análise dos trechos selecionados.

(...)

1243. **A – Mocinha, mocinha** ↑Alessandra.....((incompreensível))

Yes I do. Uhhh::.....Yes I do ((cantando))

1244. M – Você não tá entendendo o que ele tá falando porque ele tá falando em inglês.

1245. Pe – A:: É::?

1246. M – I don’t know my shake but any yes I do.

1247. Pe – ((risos)) Ah! Porque eu não sou poliglota que nem o A.. ((risos))

1248. M – Ela não entendeu o que é filho, porque ela não conhece essa essa essa fita... a gente pode cantar pra ela.

1249. **A – Mocinha, Mocinha. Mocinha, Mocinha. Mocinha. ((fala como se estivesse dando bronca mas ele dança ao falar, não está bravo))** ↑

1250. Pe – O que ele fala que eu não entendo?

1251. M – Mocinhu.

1252. Pe – Mas por quê?

1253. **M – Porque eu dei bronca nele. Mocinho ((risos da Pe.))**

1254. A – ((ininteligível)) Cadê uououo uououo ((ininteligível)) a du tazã....((cantando))

1255. Pe – Essa eu conheço. ((risos))

1256. M – Uo:uououoo: Uo:uououoo:.

1257. A – Ah! Tum! ((se atira no chão))
1258. M – Uo:uououoo:
1259. A – Tô gatinhando ((começa a gatinhar pela cozinha)) ↓
1260. M – Tá o que filho?
1261. A – Tô gatinhando ↓
1262. M – Tá gatinhando? ((risos da Pe)); ((A. engatinha pela cozinha))
1263. M – Ah! Eu quero beber alguma coisa. Mas não é isso aqui não. Não é refrigerante.
1264. A – Uouououo ((joga uma peça de plástico))
1265. **A – Mocinhu. Mocinhu. ((levanta e dança))**
1266. M – Mocinhu:. ↑
1267. A – Ah! Uo:: ((senta no chão)) ((ininteligível))
1268. Pe – Ele tá ((ininteligível))
1269. M – A. “I konw my shakes” “I konw my shakes”((cantando)) ((A. brinca de engatinhar no chão e se aproxima do fogão)) Não:: no fogão não pode. ((puxa A. para afastá-lo do fogão) **Mocinho fora daí** ((A. acende a luz do forno))
1270. **Pe – Ele usa como espelho o fogão.**
1271. M – Não. Não ((A. fica olhando o forno com a luz acesa)) Uh, uh ((reprovando A.)) Não é brinquedo. ((afasta o A. de frente do fogão))
1272. A – ((A. sai pulando de perto do fogão)) **Mocinha** ↑ ((Vai em direção à pesquisadora)) ah uhh
(...)
1368. A – **Mocinhu. Mocinhu.** ((pulando em frente ao fogão e olhando no reflexo do vidro)) ↑
1369. M – Mocinho ((imita A.))
1370. Pe – oh lá ele fica sambando e olhando no fogão oh.
1371. A – **Mocinho. Mocinho** ((continua sambando, Pe ri)) ↑
1372. M – acho que é mocinho que ele fica falando tem umas horas que eu fico na dúvida ((Risos da Pe)) Hei!
1373. A – **Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho.**
↑
1374. M – [No fundo eu não sei.

1375. A – mocinho ↑

1376. M – [Não senhor. ((A. para de pular e bate as mãos na geladeira)).

O que você tá falando? Não senhor? Mocinho?

1377. A – Batucada ↓ ((começa a bater com uma colher na cadeira))

(...)

1463. Pe – oi::

1464. A -**Ah, Uh,.....mocinho, mocinho** ((pulando e dançando))

((risos da Pe))

1465. M – Conta pra Alessandra que você vai pra escola.

(...)

Sequência: a *askêsis*, um ato de rememoração

Trecho: não pode mexer no fogão

Esta sessão é bastante marcada pela repetição. Nota-se que a criança repete a palavra “mocinho” em 8 (oito) turnos e, em cada turno, podendo haver a pronúncia da palavra “mocinho” por mais de uma vez, como já ilustrado nas análises dos trechos anteriores. Notaremos, também, a repetição de um aprendizado: *A. não pode mexer no fogão*, que aparece marcado em inúmeros turnos selecionados a seguir.

É de bastante importância ressaltar que a sessão gira em torno de um mesmo assunto: *não pode mexer no fogão* e da advertência de que o fogão é um instrumento perigoso que pode queimar e causar danos à sua integridade física e, complementando, passando também o conceito de *perigo* que, por sua vez, foi advertido como sendo situação da qual se deve afastar.

Essas duas advertências fazem parte de um conhecimento adquirido com a ajuda do outro e que se transmite de pais para filhos como um livro guia de condutas a serem observadas e transformadas em práticas do diaadia. Trata-se de orientações que estão presentes em uma determinada cultura e que funcionam como *livro guia*, que, como demonstraremos a seguir, chamaremos de *hupomnêmata* e é exercida pelos pais, uma vez que a criança não pode escrever seu próprio *hupomnêmata*.

Esta sessão é muito rica em dados a serem analisados e será dada atenção

especial para alguns acontecimentos que serão analisados mais detalhadamente, enquanto outros serão bastante úteis no sentido de ilustrar a repetição das ações, nesse *constituir-se como sujeito* que requer muita atenção.

Nesse trecho a seguir, aparece pela primeira vez a orientação da mãe de *não se poder mexer no fogão* (turno 1269) e a advertência de que o fogão é um eletrodoméstico perigoso para criança uma vez que pode queimar, pois, no fogão, tem fogo (turno 1274). A mãe insiste na recomendação inúmeras vezes (turnos 1271, 1288, 1290, 1294) somente no trecho separado para exemplificação, mas durante a sessão toda a recomendação é repetida pela mãe sete vezes e pela criança outras quatro e A. se aproxima do fogão dez vezes, como se estivesse fazendo um exercício de testar a recomendação da mãe e, conseqüentemente, rememorando-a. Nos outros dois trechos selecionados desta sessão, será exemplificada a questão da *askêsis* de forma mais elucidativa, nesse instante pretende-se apenas marcar a repetição, assim como Bruner (1998 e 1987) ressalta a importância da regularização para o domínio de ações e as atividades lúdicas na aquisição de comportamentos sociais. Olha-se aqui, também, para a intenção, uma vez que a criança, cada vez que se aproxima do fogão, demonstra a intenção de testar esse canal e verificar se a recomendação será válida para todas as situações.

(...)

1269. M – A. “I konw my shakes” “I konw my shakes”((cantando)) ((A. brinca de engatinhar no chão e se aproxima do fogão)) **Não:: no fogão não pode. ((puxa A. para afastá-lo do fogão) Mocinho fora daí ((A. acende a luz do forno))**

1270. Pe – Ele usa como espelho o fogão.

1271. M – [**Não. Não ((A. fica olhando o forno com a luz acesa)) Uh, Uh ((reprovando A.) Não é brinquedo. ((afasta A. da frente do fogão)).**

1272. A – ((A. sai pulando de perto do fogão)) Mocinha ↑ ((Vai em direção à pesquisadora)) ah uhh

1273. Pe – ((ininteligível)) Tem uma parede aqui ((fala para A. que parece querer “atravessar a parede”)) ((A. volta até o Fogão e a mãe o pega no colo))

1274. M – Vem cá filho. **É Perigoso. No fogão tem fogo. Queima.**

(...)

1287. M – Ah::: não. Vem cá. ((A. vai até a mãe e come mais um pouco de frango)) Nhoch! ((A. vai até a pesquisadora e volta ao fogão))

1288. M – **Não. Andrezinho aí é perigo. Perigo. Não.** ((tenta puxá-lo pela mão))

1289. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↓

1290. M – [Quer mais? ((oferece comida)) **Não pode mexer no fogão.** Qué?

1291. A – Alessandra ↑

1292. Pe – hum!

1293. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↑

1294. Pe – **Não pode mexer no fugão**((A. vai novamente até a mãe para comer e em seguida volta para o fogão))

1295. M – Fora A.. Meia volta.

(...)

Sequência: a *askêsis*, um ato de rememoração. A prática da *meletê*

Trecho: contando a recomendação ao outro

O outro e a internalização

Neste novo segmento, nota-se a insistência da mãe para o fato de que *não se deve mexer no fogão, hupomnêmata*, (turnos 1288 e 1290), porém, o que se deseja sugerir nesse momento é o fato de que A. pratica a *Askêsis* contando a recomendação a outra pessoa. É bastante oportuna essa sequência, pois corrobora com a anterior, no sentido da presença do outro na prática tanto da *askêsis* como da internalização, o que pode ser notado quando A. se vira para a Pesquisadora e repete a orientação. Tudo isso é marcado pelos turnos 1289 e 1293, quando A. repete a orientação da mãe para a própria mãe e, em seguida, para a pesquisadora, apesar de o texto não ser explícito, as filmagens não deixam dúvidas quanto ao conteúdo dos enunciados. É interessante observar que a criança chama a atenção da pesquisadora (turno 1291) para somente depois repetir a recomendação.

Queremos destacar, nesses enunciados, o uso diferente da entoação – embora não seja o objetivo deste trabalho tratar desta questão, mas acreditamos que se trata de uma pista importante a ser explorada futuramente –, isto é, no primeiro enunciado (turno 1289) a entoação é decrescente, marcada pelo símbolo ↓, e se aproximando de uma afirmação, porém, no segundo enunciado (turno 1293) a entoação é crescente, ↑, e se aproximando de uma pergunta. Não queremos afirmar que, no segundo enunciado A., ao se dirigir à pesquisadora, está realizando uma pergunta, mas a entoação nos permite perguntar se ele não estaria questionando a recomendação, testando, com o intuito de reafirmar a verdade, ou seja, em nosso estudo, a prática da *askêsis* remete à assimilação da verdade. Sugere-se, assim, que neste momento, o A. está praticando um dos polos da *askêsis*, a *meletê*, ou seja, a criança está verbalizando a recomendação como num processo de sustentação da argumentação. Essa sequência deixa bastante clara a participação do outro no cuidado de si e na *internalização*. Pode-se, também, pensando em Bruner, observar que a criança está trabalhando o conceito de perigo e adquirindo um saber-fazer em relação a ele, afinal de contas por inúmeras vezes nota-se o termo “perigo” marcado na fala da mãe e uma atitude a ser tomada nessa circunstância: “afastar-se”.

1288. (...)M – Não. Andrezinho aí é perigo. Perigo. Não. ((tenta puxá-lo pela mão))

**1289. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↓
(não pode mexer)**

1290. M – [Quer mais? ((oferece comida)) Não pode mexer no fogão. Qué?

1291. A – Alessanda ↑

1292. Pe – hum!

**1293. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↑
(não pode mexer)**

1294. Pe – Não pode mexer no fugão((A. vai novamente até a mãe para comer e em seguida volta para o fogão))

1295. M – Fora A.. Meia volta.

(...)

Nesta sessão toda, notamos que A. sempre remete ao fato de não poder mexer no fogão, como se fosse necessário memorizar essa atitude no sentido de internalizá-la e transformá-la em conduta natural. Essa técnica de si auxilia a criança a aprender a arte de viver, a *technê tou biou*, através da *askêsis*, sendo assim, A. realiza um treino de si por si mesmo num processo de subjetivação, que o auxilia na constituição de sua subjetividade.

Sequência: a *askêsis*, um ato de rememoração

Trecho: Ao telefone celular

O outro, a internalização e o gênero discursivo

Essa sequência é muito rica podendo-se observar três acontecimentos conjuntamente. A prática da *askêsis*, marcada pela repetição da recomendação de *não se poder mexer no fogão*, que acontece inúmeras vezes, nos permite pensar em regularização do ato, uma vez que Bruner (1998) nos mostra que a regularização dos movimentos está relacionada com a aquisição de linguagem e que, repetir a recomendação de *não mexer no fogão*, o auxilia no processo de internalização de conceito de perigo e que essa relação se faz permeada pela mudança do gênero discursivo.

Nota-se que a criança avista o telefone celular da mãe (turnos 1302 e 1303) e, apesar de não estar explícito na fala, percebe-se pela filmagem a intenção de A. de fazer uma ligação (turno 1304), uma vez que a mãe, em seguida, responde à intenção da criança respondendo que poderá fazer a ligação (turno 1305). Inicia-se aí um jogo que tem na linguagem seu campo de atuação. A criança cria um novo ambiente discursivo, mudando do discurso direto, face a face, para o discurso mediado pelo aparelho celular, que tem como característica a distância física³⁵. Observamos, nesse momento, a mudança do gênero discursivo anotada

³⁵ Bakhtin (1997) observa que os gêneros discursivos são divididos em dois grandes grupos, o gênero primário e o secundário, e que esses grupos podem ser subdivididos em grupos menores. É nesse sentido que propomos a subdivisão do gênero primário, que neste momento chamamos de discurso primário "face a face", para o gênero primário mediado pelo telefone celular. Sendo assim, propomos que a criança entra no discurso por meio de outro gênero discursivo, ou seja, mudando o gênero que estava utilizando até aquele momento.

anteriormente. A criança coloca o telefone no ouvido da mãe, é interessante pensar que o motivo que levou A. a colocar o telefone no ouvido da mãe e não em seu ouvido é o fato de deixar bem claro que o diálogo se estabelecerá entre a mãe e ele e que, ao atender ao telefone, a mãe estará prestando atenção somente ao que ouve no telefone, ou seja, ao que A. tem a dizer para a mãe. A mudança do gênero discursivo marca o início e o fim desse acontecimento, o que permite fazer a leitura de que se trata de um acontecimento muito importante para A. e que a hipótese de que se trata de uma prática de si e de um processo de internalização se torna mais evidente e clara.

Esse jogo extraordinário, criado pela criança, ainda mostra mais uma característica interessante. Ao falar com a mãe ao telefone a criança passa a sensação de que está procurando outra pessoa para dialogar, que, apesar de se tratar de sua mãe mesmo, ele a procura de forma diferente, pois a coloca falando ao telefone consigo como se não fosse a mãe do diaadia, mas uma mãe criada para aquela circunstância. Lembrando Vygotsky (2005) pode-se entender que a criança está procurando uma outra pessoa na relação dialógica para compartilhar de um conceito de que está tomando ciência e se tornando uma conduta socialmente aceita.

(...)

1302. **A** – Ah!

1303. **M** – Ah ((imita A.)) Cuidado ((A. pega o celular da mãe)) ! O telefone é da mamãe.

1304. **A** – eu vo ((ininteligível, faz como se fosse apertar as teclas para ligar)). ↓

1305. **M** – Pode fazê. Mais cuidado.

1306. A – **Alou! Alou!** ((coloca o telefone no ouvido da mãe)) ↑

1307. **M** – Alou! Quem é?

1308. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↑

1309. **M** – O A. não pode mexer no fugão não. Mais o A. pode comê franguinho. ((Risos da Pe))

(...)

Essa sequência sugere que existe um diálogo entre as teorias e que a relação com o outro, as práticas de si, o processo de internalização estão, neste momento, interligados na/pela linguagem e que esse processo está bastante marcado pela mudança do gênero discursivo.

Acreditamos existir, nesse momento, fortes indícios de que o processo de internalização do conceito de que o fogão é objeto perigoso e pode causar danos à integridade física da criança está avançado, uma vez que os estudos das atividades lúdicas com os jogos e a linguagem, realizados por Bruner (1987) mostraram que a criança adquire comportamentos sociais que a acompanharão por toda a vida, e essa brincadeira de A., envolvendo o jogo dos gêneros discursivos e da rememoração, *askêsis*, é uma marca relevante nesse processo.

5.2 A *exagoreusis*: uma relação mestre/aprendiz

1ª sessão

27/11/2004

André: 20 meses e 04 dias

Filho único até a 8ª gravação (a irmã dele nasceu em 22/10/05)

Identificação: A (André), P(pai) , M (mãe) e Pe (pesquisadora)

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

Pretendemos, nessa sequência, observar os conceitos relacionados nas sessões anteriores com a prática da *exagoreusis*. Temos o objetivo de saber até que ponto essa prática de si participa do processo de aquisição de linguagem e as marcas que evidenciam essa relação.

Separamos uma sequência em que o pai, com o objetivo de passar o conceito de relâmpago para a criança, cria um ambiente discursivo, estabelecendo um diálogo com a criança numa sucessão de trocas de turnos que vão levar a criança a formar um conceito quanto à palavra relâmpago, como observado por Fernandes (2008). Destacamos essa sequência, pois percebemos uma relação com a prática da *exagoreusis*, ou seja, o pai com a intenção de apresentar o relâmpago para a

criança coloca-se como um mestre a ensinar seu aprendiz. É nesse sentido que pretendemos observar a aquisição de linguagem pela criança e a prática de si, uma vez que é através da capacidade humana de se relacionar como mestre e aprendiz que vai se estabelecer o diálogo que irá encaminhar a criança no processo de formação e internalização do conceito de relâmpago. Não pretendemos afirmar que toda relação humana se estabelece através da *exagoreusis*, mas a sequência selecionada sugere esse acontecimento.

Observamos, também, que a criança repete algumas palavras ditas pelo pai com o objetivo de demonstrar interesse pelo assunto e também manter o canal de comunicação estabelecido, destacaremos essa questão mais adiante. Observamos, assim, a relação mestre/aprendiz, a *exagoreusis*, uma técnica de revelação de si nessa sequência. Essa prática, permeada pela orientação dos pais, visa mostrar “[...] a la capacite du maître à guider son eleve vers une vie heureuse et autonome [...]”³⁶ (FOUCAULT, 1994, p.1628), aparece em nosso *corpus* de forma contextualizada e atualizada. Notamos mais adiante que a prática da *exagoreusis*, nesta sequência, está relacionada ao processo de internalização de conceitos de Vygotsky (2005), uma vez que há uma grande troca entre os pais e a criança e, que durante esse processo, o A. termina a sequência resolvendo o problema do medo do relâmpago, como conclui Fernandes (2008) em estudo realizado com a mesma sequência, afirmando que

[...] na verdade, é A. que, a partir de pistas fornecidas pelo pai, consegue, de maneira autônoma, chegar a uma explicação aceitável – do seu ponto de vista – para o seu medo. Finalmente, aprende que se trata de algo passageiro e efêmero (FERNANDES, 2008, p.72).

Essa é a primeira vez que aparece a relação mestre/aprendiz em nossa transcrição. Nota-se que essa prática está presente desde muito cedo no cotidiano da criança e que tanto o pai como a mãe vão exercer a função de orientadores na formação de novos conceitos, conforme relata Bruner (1998), chamando a atenção para a postura pedagógica do adulto em relação à criança e a função de tutores na orientação da criança, ou seja, reafirma a participação do outro no processo de aquisição de linguagem e na prática do cuidado de si. Essa relação é permeada por muito carinho e paciência.

³⁶ capacidade do mestre em guiar seu aluno através de uma vida feliz e autônoma (Tradução nossa).

Neste primeiro trecho, logo no início das gravações, ou seja, na primeira sessão, já aparece o interesse do pai em mostrar para A. que existe algo que ele ainda não conhece e que o papai pode apresentá-lo em um processo de orientação pedagógica, isto é, exercendo a *exagoreusis*, através de diálogo entre os membros da família. Afinal de contas, não há apenas a participação do pai, mas de todas as pessoas que estão no ambiente em que se passa a cena, um novo conceito, o do relâmpago. É importante observar, como destaca Fernandes (2008), que, apesar de todo esforço do pai em ensinar à criança, é ela quem consegue chegar a uma explicação aceitável para a internalização do conceito de relâmpago.

Para melhor explanação do que foi discutido acima, iremos dividir a sequência em trechos e nomeá-los conforme os acontecimentos que vão se sucedendo. Sendo assim, neste primeiro trecho, trataremos da percepção do pai de que há algo novo a ser ensinado à criança.

Sequência: a *exagoreusis*, uma relação mestre/aprendiz

Trecho: percebendo algo novo a ser ensinado à criança

O outro e o gênero pedagógico

Neste pequeno trecho, podemos supor que a curiosidade do pai desperta em si mesmo o desejo de apresentar ao filho algo muito interessante, por ele ainda não conhecido. No turno 14, ele exterioriza esse desejo e complementa com uma explicação técnica do trovão, o que vai marcar a mudança do gênero discursivo (BALHTIN, 1997) no cotidiano familiar utilizado, até aquele momento, para o gênero discursivo pedagógico. Observamos, também, a repetição da palavra trovão com o objetivo de manter o contato dialógico entre o pai e a criança, não nos referimos à regularização do ato (BRUNER, 1998) nesse momento, pois acreditamos que a repetição da palavra trovão não visa a regularidade. Inicia-se, aqui, o processo de internalização do conceito de relâmpago e sugerimos que a prática da *exagoreusis*, nesse momento cria um ambiente auxiliador nesse processo.

(...)

14. P – **A. olha o relâmpago. O papai não te mostrou o relâmpago ainda?** O relâmpago vem junto com o trovão.

15. A – tuvão ↓

16. P – Com o trovão, é. Papai vai mostrar pra você daqui a pouco o relâmpago e o trovão.

(...)

Neste segundo trecho o pai novamente tenta chamar a atenção de A. para o relâmpago. Relaciona o relâmpago à chuva, porém não se nota interesse por parte de A..

(...)

129. P – Alessandra-a, uh-uh! ((A. volta a brincar com a tampa)) **Que que você ta fazendo? Ih...eu to vendo um relâmpago, A., lá fora.** Acho que vai chover.

130. M – Será?

131. P – a propaganda tá boa lá fora...né?

132. P e Pe – ((fazem algum comentário sobre a chuva, ininteligível)) ((A. coça o olho, aparentando sono)) Quem tá com sono?

(...)

Por sugestão da Pe., o pai retoma o assunto do relâmpago e tenta mais uma vez estabelecer um diálogo. Chama A., pegando-o do cadeirão e se dirige para a varanda da sala. É interessante notar que a criança percebe aquilo que já é conhecido por ela, o Papai Noel e, em seguida, o ônibus.

Sequência: a *exagoreusis*, uma relação mestre/aprendiz

Trecho: início da apresentação

(...)

139. Pe- Você não quer mostrar pra ele, lá fora, o relâmpago?

140. P- Hum...

141. M- Porque você tá com essa cara de sapeca?
142. Pe- ((ininteligível))
143. A – SAPECA...SAPECA ↓
144. Pe – ((ininteligível))
- 145. P – O A. quer ver o relâmpago?**
146. **A – /âpago/ ↓**
147. P – querido vamo ver se vem o relâmpago ((pega A. do cadeirão))
148. M – eu vou apagar a luzes daqui de dentro pros bichos/
149. P – não não tá tendo bicho Irê
150. M – tá sim eles tão voando
- 151. A - Papai noel papai noel ↑**
152. P – Papai noel? Ire cê viu a árvore ((ininteligível)) lá embaixo?
153. M – aqui no prédio
154. P – é
155. A – papai noel papei noel embaixo? ↑
156. P – papai noel lá embaixo
157. M – aonde?
158. P – ãh?
159. M – onde tá?
160. P – no saguão entre o elevador e a porta do/
161. M – [ah lembra do ano passado ((ininteligível))
- 162. A – [Papai noel papai noel ((ininteligível)) oibus... ↑**
163. P – [deixa acesa Irê deixa acesa ãhn?
- (...)

Sequência: a *exagoreusis*, uma relação mestre/aprendiz

Trecho: internalização de conceitos, gênero discursivo e regularidade do ato

A cena 2 se passa na varanda do apartamento e, neste momento, a prática da *exagoreusis*, ou seja, a intenção do pai em ensinar algo novo à criança, é evidente e ele penetra nesse contexto de forma lúdica e permeada por muito carinho e dedicação.

É importante observar que a criança, ao chegar à varanda, relaciona o acontecimento do relâmpago com aquilo que já tem como referência nesse local.

Faz uma relação do caminhão (turno 165), do carro (turno 167), com o fato de que eles passam e vão embora (turnos 165 e 167). Num momento, o Pai chega a usar a expressão: “foi embora para casa”. A criança demonstra medo do relâmpago o que faz com que o pai tente explicar para a criança o que é um relâmpago (turno 178, 180, 184, 186), e nesse momento, nota-se a mudança de gênero discursivo passando do gênero familiar cotidiano para o gênero pedagógico, pois há a intenção de agregar algum conhecimento à criança. Notamos, também, o indício de que a criança está procurando um grupo para associar o relâmpago, como na formação de conceitos relatada por Vygotsky (2005), quando a criança relaciona conceitos divididos em famílias, juntando o novo – relâmpago – ao já conhecido – caminhão, ônibus e carro – juntando-os e levando em conta o que possuem em comum. Nesse caso, notamos que a criança, fazendo a relação com o caminhão e o carro que passam pela rua e vão embora enquanto ela está na varanda com o relâmpago, ela está procurando um grupo já conhecido para agregar característica a esse novo conceito que lhe está sendo apresentado. É importante observar esse acontecimento com muita atenção, pois, no final da sessão, será por esse viés que a criança resolverá a questão do medo (turnos 196, 198, 202 e 204) que ela demonstra ter do relâmpago, no trecho que segue abaixo. Também, é importante ressaltar o conceito de regularização (BRUNER, 1998) que, apesar de se relacionar com movimentos físicos, queremos relacionar também com a elaboração da repetição de uma situação, como a do medo do relâmpago que observamos muitas vezes nessa sessão. A criança, por várias vezes, vai ressaltar o medo do relâmpago e relacioná-lo, na tentativa de resolver o problema com o fato de ser semelhante ao ônibus, ao carro e ao caminhão, conceitos já dominados pela criança. Esse exercício de repetição da comparação “vai passar” aparece em vários turnos, mostrando semelhança aos movimentos que a criança, estudada por Bruner (1998), realiza para dominar uma determinada ação, tornando-a natural. É importante observar que para Bruner (1998, p.20) “[...] l’acte sur l’objet comporte à cet égard des isomorphismes avec les propriétés syntaxiques des actes de langage [...]”³⁷ e que o efeito, no caso o entender que o relâmpago passa, não é exterior ao ato, mas simultâneo ao resultado e ao regulador. Esse acontecimento pode ser olhado, também, do ponto de vista da prática da *askêsis* (FOUCAULT, 1994), uma vez que

³⁷ [...] ato sobre o objeto comporta a respeito dos isomorfismos com as propriedades sintáticas dos atos de linguagem [...] (tradução nossa).

estamos relacionando o domínio de uma ação/conceito com a repetição e que a *askêsis*, um ato de rememoração, está presente nesse episódio, quando a criança busca na memória o conceito que vai dar sustentação àquilo que ela está adquirindo de novo e faz um exercício, lembrando diversas vezes as relações que podem ser estabelecidas. Passemos à transcrição.

(...)

164. P – Hã? O ônibus? Será que o ônibus vai passá lá?

165. **A – *camião passá:á* ↑**

166. P – Caminhão vai passá?E o ônibus, vai passá também?

167. **A – */carru passá:á/* ↑**

168. P – O carro já tá passando.

169. **A – */carru passá:á/* ↑**

170. P – o carro tá passando

171. A – a mamãe:e? ((percebe a ausência da mãe)) ↑

172. P – A mamãe foi lá dentro, já volta. Hã!!! ((fala como se estivesse assustado) um relâmpago, o papai viu! Lá ó tá vendo? ó...fica olhando lá..ó...fica olhando! ((aponta o lugar para onde A. deve olhar)) ó viu... cê viu? Ó Fica olhando, ó... lá, viu... cê viu? Fica olhando lá, ó... já já chega vai fazer atenção é um, é dois, e lá vem o...relâmpago! venha! o relâmpago você viu? Você viu o relâmpago? Ó a cara dele ((falando para a pesquisadora e dá um beijo no A.)) Você viu o relâmpago, filho?

173. **A – ((fica em silêncio um tempo)) *u /ãpadu passá/* ↑**

174. P – O ônibus passa é lá, ó... ((o pai mostra o lugar a A.))

175. A – *u /ãpadu/* ↑

176. P – Relâmpago!Hum, passou outro agora, você viu? você viu? Relâmpago vem junto com o trovão. Hum Outro!Você viu?

177. A – *edo du âmpadu* ((encosta no pai)) ↓

178. P – Tá com medo? Não, meu filho, não precisa ficar com medo...não, não é pra ter medo do relâmpago. O relâmpago é da natureza...é da natureza...o relâmpago. Ele é poderoso, mas ele fica na dele lá em cima

179. A – o âmpadu cima ↑ ((encosta a cabeça no ombro do pai))
((ininteligível))

180. P – **o relâmpago lá em cima ele fica lá em cima ó**

181. A – ((ininteligível))

182. P – Tá com medo do relâmpago?

183. A – tô ↓

184. P – Não, não precisa ter medo do relâmpago. O relâmpago é gente boa ...tá. Tá?

185. A – Edu du âmpadu ↑

186. P – Tá com medo do relâmpago, meu filho? Mas ele tá lá longe, deixa ele lá. Não precisa ter medo dele.

(...)

Cena 3: sala de televisão

(...)

187. A – mãe...mamã:ãe...edo du Âmpagu ↑

188. P – vamo falar pra mamãe então que cê tá com medo do relâmpago
vamo falar pra mamãe fala

189. A – edu du âmpagu ((M. pega A. no colo)) ↑

190. P – Mas não precisa ter medo, né, filho?

191. A – edu du âmpagu ↑

192. P – Ó, deixa o papai te explicar uma coisa (os dois debruçam no sofá e olham para fora, e logo começa a chover)

(...)

Cena 4 : sacada do apartamento

(...)

193. P – O relâmpago tá lá em cima...((o pai vê de repente a chuva e anuncia)) a chuva, A., a chuva! Vem ver a chuva, a chuva! A chuva, a chuva, a chuva a chuva...os caras do açougue tão parecendo uns kalangos correndo

194. A – u âmpagu...u âmpagu ↑

195. P – O relâmpago passou, olha a chuva agora. O relâmpago traz chuva.

196. A – edu du âmpagu ↑

197. P – Não, não tá com medo do relâmpago, não precisa ficar com medo do relâmpago porque o relâmpago não faz nada, tá? O papai ((ininteligível))

198. A – u âmpagu ai passá:á ↑

199. P – O relâmpago vai passar, daqui a pouco já acabou o relâmpago.

200. A – u oibus ↑

201. P – O ônibus, o ônibus...cadê o ônibus? Não tem ônibus.

202. A – camiã:ã:ãu ↑

203. P – Também não tem. O ônibus e o caminhão tão na casa deles ((voltam para sala, junto da mãe))

204. A – u camiã...u âmpagu ↑

205. P – O relâmpago, é...((incompreensível))

(...)

Dessa forma, a criança internalizou uma característica do relâmpago, o fato de se tratar de algo efêmero e passageiro e, a partir desse momento, já não demonstra mais ter medo do fenômeno. Apesar de parecer que o pai não se deu conta do processo que ocorreu com o filho, a ação de ensinar algo a um aprendiz, isto é, a prática da *exagoreusis*, auxiliou na internalização de uma característica do relâmpago e na solução de um problema que surgiu com sua apresentação. Esse acontecimento, também demonstrado por Fernandes (2008), reforça a sugestão de que a *exagoreusis*, uma prática de si que tem por objetivo o encaminhamento do discípulo por uma vida feliz e autônoma, contribuiu com o processo de aquisição de linguagem.

5.3 As marcas da prática do *Hupomnêmata*

Os *hupomnêmatas* não devem ser entendidos como diários [...] trata-se não de buscar o indizível, não de revelar o oculto, mas de captar, pelo contrário, o já dito; reunir o que se pode ouvir ou ler, e isso com uma finalidade que nada mais é que a constituição de si. (FOUCAULT, 2004, p.149)

Nesta sequência, queremos destacar a questão do *hupomnêmata*. Os pais como guia de conduta, orientação e encaminhamento da criança em seu desenvolvimento e preparação para a vida em sociedade. Notamos a grande preocupação dos pais em realizar a orientação, uma vez que insistem bastante nas condutas a serem adotadas nesta gravação e nas seguintes. Realizam a atividade cercada de afeto, sem a alteração de voz, evitando assim um mau encaminhamento da criança na internalização das condutas socialmente “corretas”.

É importante frisar que, para este trabalho, identificamos e marcamos os momentos em que foi possível observar essa prática de si. Nessa sequência, é importante localizar o momento em que o cuidado de si é praticado pela criança, em quais condições esse fato acontece e como os pais estão envolvidos nessa prática. Queremos destacar que não encontramos, nas análises, indícios de mudança de gênero discursivo (BAKHTIN, 1997). Sendo assim, passemos às análises.

1ª sessão

27/11/2004

André: 20 meses e 04 dias

Filho único até a 8ª gravação (a irmã dele nasceu em 22/10/05)

Identificação: A (André), P(pai) , M (mãe) e Pe (pesquisadora)

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

Sequência: *hupomnêmata*, um guia de condutas e orientação dos pais

Trecho: lugar do garfo é na mesa

Neste primeiro exemplo, A. anuncia que o garfo caiu no chão (Turno 2). Porém, o pai tenta mostrar que foi a criança quem realizou a ação, quem jogou o garfo no chão, explica a ela sua atitude (Turno 5), no sentido de marcar o

responsável por essa conduta.

Separamos esse trecho a fim de ilustrar a prática do *hupomnêmata*, uma vez que o pai já tem em sua memória gravada a orientação de que o garfo deve ficar em cima da mesa e que sua função é auxiliar na alimentação. Tem também a noção de que, ao cair no chão, o garfo pode se sujar (contaminar) e isso pode ser prejudicial à saúde. Conceitos que a criança, nesse momento, ainda não tem internalizado e por esse motivo recebe a orientação do pai que o guia.

(...)

1. ((estão todos jantando, tranquilamente, A. come *pizza* com um garfo, com a ajuda da mãe. Aos poucos, na medida em que come, A. começa a bater os objetos na mesa em que está e derruba o garfo no chão))

2. **u gafu cai::iu**

3. P – Não, não caiu

4. A – u gafu ((chora))

5. P – **Caiu, não. Cê que jogou no chão, é diferente.** ((chama a atenção, mas fala com paciência))

6. ((continua batendo os objetos))

(...)

Sequência: *hupomnêmata*, um guia de condutas e orientação dos pais

Trecho: não se deve bater objetos na mesa

Neste segundo exemplo, destacamos uma nova orientação quanto à conduta, desta vez realizada pela mãe e reafirmada pelo pai, no sentido de evitar que o filho bata o garfo na mesa (Turnos 9, 10 e 11). Nesse ensinamento, além de se notar a preocupação com a conduta socialmente rejeitada – bater objetos na mesa -, tem-se também o cuidado com a integridade física da criança, uma vez que pode acontecer algum acidente e a criança se machucar. A. reage positivamente à solicitação dos pais colocando o garfo sobre a mesa (Turno 12). Não é possível afirmar apenas com base nesse trecho se houve internalização da conduta, é preciso observar as próximas sequências e sessões para isso. O trecho termina com um reforço positivo por parte dos pais – sem fazer aqui uma apologia ao behaviorismo (Turno 13).

(...)

6. A - u gafu...u gafu... ((continua batendo))

7. A - u GAfu...

8. **M - Agora, agora põe na mesa.**

9. **P - É, põe na mesa o garfo.**

10. **M - Põe na mesa o garfo, A..**

11. **A - ((coloca o garfo na mesa))**

12. **M - Isso, muito bem.**

(...)

Sequência: *hupomnêmata*, um guia de condutas e orientação dos pais

Trecho: o talher mais adequado para a refeição

Neste trecho, percebemos a intenção dos pais em ensinar A. a comer com o talher mais adequado para a sua idade. Para alcançar seu objetivo, os pais incentivam a criança a comer sozinha e a aprender a utilizar os talheres corretamente. Essa atitude dos pais, de encaminhar o filho nos preceitos da boa conduta, fazendo uso de conhecimentos já adquirido por eles anteriormente é o que temos denominado como prática do *hupomnêmata*. Neste trecho que vamos apresentar mais adiante, o pai tem a preocupação de que A. se machuque com o garfo (turnos 20, 28, 32, 34), sendo assim lhe propõe a troca para o talher mais adequado à sua idade (turno 33), assim, a criança poderá/deverá realizar a tarefa sozinha. Notamos a recomendação de que o garfo é perigoso e que a colher é o talher mais adequado para que A. coma *pizza*.

Como temos sugerido, o cuidado de si auxilia na aquisição de linguagem, uma vez que sua prática é permeada pelo discurso, pela participação do outro e pela regularidade, que neste trecho é marcada pela insistência dos pais em orientar A. a utilizar o talher mais adequado, evitando assim que a criança se machuque. Neste trecho, também, gostaríamos de sugerir que o processo de internalização da conduta de comer como a colher está em andamento, pois quando o pai pergunta à criança o que ela está comendo (turno 36) ela responde que está comendo *pizza* com a colher (turno 39). Vimos, no capítulo anterior, que o sujeito se constitui da realização das práticas de si, e que a prática do *hupomnêmata* visa captar o já dito e

o que se pode ouvir com a finalidade de se constituir como sujeito. Sendo assim, este trecho ilustra o encaminhamento da criança nos preceitos da boa conduta social e da preservação da integridade física. Pretendemos, então, com esta análise reafirmar nossa proposta de que as práticas de subjetivação auxiliam no processo de aquisição de linguagem “[...] com a finalidade que nada mais é que a constituição de si” (FOUCAULT, 2004. P. 149).

(...)

17. M – [Quer pizza? Quer mais? Quer mamadeira, filho? Cuidado com esse garfo... ((A. segura o garfo na mão e coloca próximo a seu dedo))
mastiga

18. P – ((ininteligível))

19. A – o gafu u dedu:u ↑

20. **M – É espetou o dedo, né filho. Garfo não é brinquedo, é pra comer ((A. continua batendo o garfo na mesa)) Deixa a mamãe pegá uma pizza pra você, dá...dá ((quer o garfo que está na mão do André))?**

21. A – u gafu...u gafu... ↑

22. M – tó ((dando a pizza na boca para André))

23. A – u GAfu... ((mãe dá a pizza na boca do André)) ↑

24. M – Agora, agora põe na mesa ((o garfo))

25. P – É, põe né filho?...duas vezes né filho?

26. M – [Põe na mesa o garfo ((A. coloca o garfo na mesa)) Isso, muito bem ((A. volta a bater o garfo na mesa)) Péga a pizza aqui, ó...((mostrando ao filho o pedaço de pizza sobre a mesa)) pega a pizza com o garfo

27. A – pizza ((continua batendo, sem parar, bastante tempo, pais conversam entre si, ininteligível)) ↓

28. **M – André-é, você vai se machucar com esse garfo.**

29. P – André não inventa André

30. A – GA:AFO:O ↑

31. P – não inventa aqui ó

32. **M – Dá o garfo...dá, dá, dá...você vai se machucar, filho.Não pode, não pode.**
33. **P – Pega uma colher. Vou pegar uma colher pro André. Colher é bom, né ,filho?**
34. **M – o garfo pode machucar.**
35. A – a cuer? a cuer? ↑
36. P – A colher, é. Tó a colher...tó bate aí no prato ((entrega a colher para André e ele a pega)) isso ((A. segura a colher e a bate na mesa, e logo depois a joga na mesa de jantar)) **o que que cê tá comendo?**
37. A – pizza ↓
38. P – pizza
39. **A – cuendu pizza a coe:er ↑**
40. P- É? ((André continua batendo a colher e a joga))
41. P- É? ((André continua batendo a colher e a joga))
- (...)

Trecho: tampa do copo não é chapéu

No terceiro exemplo, A. bate a tampa da água na cabeça (Turno 14) e, ao ser indagado sobre aquilo que estava fazendo, sugere que a tampa é um chapéu e por esse motivo está sendo colocado na cabeça. O pai o adverte dizendo que não se trata de um chapéu, mas sim da tampa da água (Turno 17). Subentende-se aqui uma nova orientação de conduta, a tampa da água não é chapéu e, conseqüentemente, não deve ser colocada na cabeça e sim usada para tampar o copo.

(...)

13. A - Pampa abéita ((bate a tampa do copo na cabeça))

14. P - Quê que você tá fazendo?

15. A - um:m apé:eu...um apé:é:éu... ((um chapéu))

16. P - Isso aí não é um chapéu, isso daí é a tampa da sua água.

(...)

Trecho: não se deve fazer sujeira.

6ª gravação

12/06/05

André: 26 meses e 19 dias

(A) – André, (M) – mãe, (P) - pai, (Pe) - pesquisadora

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

André e o pai estão na sala assistindo à televisão (esta cena toda se passa aqui, diante da tv)

Este trecho foi grava no dia 12 de junho de 2005, quando A. estava com 26 meses e 19 dias e retrata mais um momento em que o pai, exercendo a função de orientador, demonstra para A. a importância de manter o ambiente limpo, uma vez que sua mãe gasta tempo e dedicação para fazer a limpeza (turno 1833 e 1835). Observa-se que a criança insiste na tentativa de derrubar sucrilhos, porém, o pai o adverte em todas as tentativas, terminando num não mais contundente (turno 1837 e 1841), até que A. se desvia do assunto e passa a se distrair com outras coisas.

(...)

1829. A – Comeu tudo

1830. P – Comeu? Parabéns ((A. bate palma))

1831. P – Parabéns filho... ((falando sobre o potinho de sucrilhos)) dá pro papai guardar então... ah tem mais então pode comê

1832. A – Pode fazê sujeia?

1833. P – Sujeira num pode fazê né ... a mamãe tá limpando aí há duas horas a casa e você você sujando

1834. A – Pode deiubá aqui?

1835. P – Num pode derrubá aí não senhor ... num inventa A. num inventa ... ((A. tenta colocar um pouco de sucrilhos dentro do seu tênis)) Ó:: Ó::... não pode.. a mamãe não gosta que faz sujeira filho senão ela tem que limpá depois... ou o papai

1836. A – Posso deiubá aqui? ((joga o sucrilhos no chão))

1837. P – NÃO: manezão

1838. A – Posso comê esse pedaço?

1839. P – Do chão não pode comê mas esse pode esse o papai deixa vai pega pode comê tá com vontade? ((mãe cantando no fundo))

1840. A – Pode comê? ((Pe ri))

1841. P – Não ah cê faz sujeira agora acabou a brincadeira assisti lá o teu filme vai olhá teu filme lá... VAI... maestro maestro MAESTRO Ó como é que o maestro faz? ((M. canta))

(...)

Trecho: não se deve bater nas pessoas

8ª gravação

04/10/05

André: 30 meses e 11 dias

(Obs. Durante o mês de setembro André esteve muito doente, mais uma vez não foi possível gravar)

(A) – André, (P) – pai, (B) – babá, (Pe) - pesquisadora

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

Este outro trecho foi grava no dia 4 de outubro de 2005. A. já está com 30 meses e 11 dias. Notamos, novamente, a orientação do pai nas condutas sociais e exercício do *hupomnêmata*, da forma como vimos observando. É possível observar que a orientação do pai já havia sido passada (turno 2199), ou seja, A. já tinha conhecimento de que *não pode bater nas pessoas* e tinha prometido que não faria mais isso. Porém, no início da sequência, ele bate no pai (turno 2182) e, ao ser indagado quanto à sua conduta (2187 e 2193), não assume a atitude que já tinha conhecimento de que não deveria fazer, dizendo que queria lutar (turnos 2187 e 2188). A., dizendo que queria lutar, demonstra que já tem internalizado o conceito de que não se deve bater nas pessoas, demonstra isso dizendo que não bateu, mas lutou (turno 2188, 2194 e 2196). Essa sequência é bastante interessante, pois a

criança demonstra que já tinha internalizado o conceito, então o *hupomnêmata* é praticado como reforço na internalização da conduta.

(...)

2181. P – Não deu né?

2182. A – () no papai i bateu

2183. P – O A. bateu no papai?

2184. A – é

2185. P – é?

2186. Pe – Por quê?

**2187. P – Pode bater no papai? ãh? quê? pode bater no papai? não
não pode**

2188. A – não, eu qué lutá

2189. P – que?

2190. A – lutá

2191. P – lutá? lutar o que o meu?

2192. A – lutá ((dá um soco no ar)) ((pai e observadora riem))

2193. P – A. pode bater no papai filho? não pode não

2194. A – não porque eu lutei

2195. P – você lutou com quem?

2196. A – com o papai ()

2197. P – cê lutou com o papai? cê não lutou nada, você bateu na cara do papai () cê lembra? lembra?

2198. Pe – cê bateu no papai A.?

2199. P – depois bateu na Mimi aqui em casa ainda. Prometeu.

Falou: “papai não vou fazer mais isso”. Depois chegou aqui bateu na Mimi. Não foi filho? ã? não foi isso que aconteceu? eu to mentindo? Não tô né? né?

2200. A – Esse é pesado ((apontando para o avião))

(...)

Os segmentos selecionados ilustram a questão do *hupomnêmata*, que, como já destacamos, trata-se de função realizada com o auxílio dos pais. Como já é

sabido, a criança depende dos pais para orientá-la e rememorá-la das condutas que lhe são socialmente pertinentes. A escrita do *hupomnêmata* é um exercício de si consigo mesmo, que para a criança, é realizado pela mediação oral dos pais. Nota-se que se trata de uma técnica de subjetivação amplamente praticada durante o desenvolvimento da criança. Separamos uma sequência da primeira sessão com o intuito de demonstrar que o cuidado de si está presente desde o início da constituição do sujeito. Essas orientações se estendem por todas as dez sessões gravadas e agem como um fio condutor no encaminhamento da socialização da criança. É importante lembrar que a criança é participante ativa nesse processo e que as orientações não são moldes pré-existentes que se encaixam nos preceitos da boa conduta como as peças de um quebra-cabeça, mas que há intensa interação entre pais e criança, durante a realização dessa técnica de si.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

7

Com as mudanças na sociedade e nas metodologias utilizadas, é necessário o estudo constante da língua como o produto de uma criação coletiva, i.e, um fenômeno social. (BAKHTIN, 1997, p.79)

Nessa perspectiva de Bakhtin (1997), de que é necessário estudar a língua, uma vez que há mudanças, tanto na sociedade, como nas metodologias utilizadas, procuramos, com esse trabalho, acrescentar algo novo que seja relevante para os estudos da linguagem. Sendo assim, refletimos quanto às relações entre a aquisição de linguagem e as práticas de subjetivação a partir das manifestações discursivas da criança e de seus pais. Procuramos estabelecer uma relação entre a constituição do sujeito e a aquisição de linguagem. Buscamos, através do “diálogo” – não tomado aqui a partir da concepção de Bakhtin –, encontrar pontos em comum que nos permitissem estabelecer essa relação. A realização desse trabalho foi, sem sombra de dúvidas, muito desafiadora e nos fez compreender um pouco mais os mecanismos que contribuem para que a criança entre na linguagem, constituindo-se como sujeito de linguagem.

Ficou evidente a interação dialógica nesse processo e, principalmente, na introdução da criança no meio social. Ficou claro, também, que não se trata de simples repetição de práticas de si, mas uma complexa relação da criança com o outro, e consigo mesma, na qual ela é participante ativa nesse processo. Percebemos que os pais são bastante ativos no processo de aquisição de linguagem e no desenvolvimento cognitivo da criança, não apenas a ajudando, mas agindo como tutores (BRUNER, 1998), estimulando e incentivando.

Dentro desse contexto, procuramos entender como o cuidado de si participa da aquisição de linguagem e quais contribuições sua prática pode acrescentar no desenvolvimento cognitivo/social da criança. Sendo assim, destacamos três técnicas de si, a *askêsis*, a *exagoreusis* e o *hupomnêmata*, práticas que têm, no cuidado de si, o objetivo de contribuir para a constituição do sujeito. É importante destacar que, para Foucault (1994), as técnicas de si são práticas que conduzem o indivíduo à constituição de sua subjetividade, porém, não se pode afirmar que as técnicas de si são a constituição do sujeito. As questões levantadas por Michel Foucault (1994)

apontam para um sujeito que se constitui através do exercício de práticas de subjetivação e esse processo, aos moldes da aquisição de linguagem, acontece de forma ativa, com a efetiva participação do sujeito. Nesse sentido, podemos depreender, também, o exercício constante das práticas num construir da subjetividade que nunca cessa.

Segundo Bruner (1998), durante o processo de aquisição de linguagem é necessário haver interação com a criança, sendo assim, deve existir uma assistência efetiva do adulto/outro, uma vez que ela é ativa no processo, não participando apenas como mero espectador. Durante as análises, pudemos perceber que a criança interage constantemente com os pais e que o cuidado de si pode ser olhado como agente estimulador dessa interação. Na sequência *exagoreusis* (FOUCAULT, 1994), percebemos que foi o ato de ensinar, isto é, a vontade do pai em se colocar como mestre/orientador da criança que gerou o diálogo. Esse processo discursivo levou a criança a internalizar o conceito de que o relâmpago é algo efêmero e passageiro, como constatado nas análises e confirmado por Fernandes (2008). Esse acontecimento nos permite constatar que a *exagoreusis* auxiliou no processo de internalização de conceitos e, conseqüentemente, na aquisição de linguagem. Essa constatação nos leva a pensar que a prática da *exagoreusis* pode trazer contribuições consideráveis no processo de aquisição de linguagem..

Quanto às contribuições da *askêsis* (FOUCAULT, 1994), um exercício de rememoração, pudemos perceber que existem fortes indícios de que a sua prática assemelha-se a regularização do ato (BRUNER,1998), com a diferença de que a *askêsis* se realiza pela linguagem, enquanto a regularização se realiza na ação. Acreditamos, assim, que sua prática auxilia a criança na internalização do conceito (VYGOTSKY, 2005), porém, não foi possível constatar, neste estudo, se o conceito de *perigo*, relacionado à proibição de mexer no fogão, foi internalizado. Acreditamos que seriam necessários novos estudos para que pudéssemos afirmar, com certeza, se a prática da *askêsis* leva a criança a internalizar conceitos, porém terminamos nossas análises com a certeza de que fortes indícios apontam nessa direção.

O estudo do *hupomnêmata* (FOUCAULT, 1994), um exercício de encaminhamento de si nas condutas sociais através da escrita de si, mostrou que a criança através da tutoria dos pais realiza essa prática e se prepara para a convivência com o grupo social em que está inserida. Sendo assim, como já

demonstrado, partimos da hipótese de que os pais fazem o papel de livro guia da vida, e que, durante a orientação da criança nas condutas socialmente aceitas, ela aprende conceitos, auxiliando, assim, a aquisição de linguagem. Não foi possível, nas análises realizadas, marcar o momento em que a criança internaliza algum conceito, mas, no trecho em que os pais orientam A. a comer com a colher, notamos a utilização do termo “colher” quando foi perguntado para a criança o que ela estava comendo, como se estivesse demonstrando ao pai que tinha aprendido a recomendação e que estava agindo corretamente. Sendo assim, pudemos constatar que a prática do *hupomnêmata* está presente desde os primeiros anos de vida. Nesse processo discursivo, a criança explica, justifica e argumenta, apropriando-se, através da linguagem, de comportamentos socialmente aceitos.

Demonstramos, assim, que as *Tecnologias do Eu* estão presentes e contribuem no processo de aquisição de linguagem. No estudo da *askêsis*, observamos que a rememoração participa de forma ativa na internalização de conceitos (VYGOTSKY, 2005), na modalização de costumes (BRUNER, 1998) e na aquisição de elementos culturais (OCHS e SCHIEFFELIN, 2006), que acompanharão a criança por todo o processo de constituição de sua subjetividade, preparando-a para a convivência em sociedade. A prática da *exagoreusis* contribuiu para a internalização do conceito de relâmpago e para a solução do problema do medo. Dessa forma, podemos sugerir que outros conceitos podem ser internalizados durante a prática da *exagoreusis*, ou seja, durante as relações mestre/aprendiz existentes no cotidiano familiar e no âmbito escolar. Já, o *hupomnêmata* contribui principalmente para a transmissão de costumes culturais, uma vez que sua participação no processo de aquisição de linguagem se dá na orientação e encaminhamento da criança nos preceitos culturais do grupo.

Como queríamos demonstrar, as contribuições das práticas de si, através do cuidado de si, na aquisição de linguagem são inúmeras e auxiliam na constituição do sujeito/criança. Dessa forma, a relação entre os postulados foucaultianos e a aquisição de linguagem implica em subjetivação, uma vez que para Bakhtin (1997) o sujeito se constitui das relações com o outro e que para Foucault (1994) o sujeito se constitui através da prática de técnicas si. Dessa forma, queremos propor que o processo de aquisição de linguagem pode ser encarado como o lugar da constituição do sujeito por excelência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRIGAUDIOT, M., MORGENSTERN, A., NICOLAS, C. **Me found it, Internalização find it, à la recherche de “je” entre deus e trois ans**. Faits de Langues 3 – La Persone, p.123-131, 1994.

BRIGAUDIOT, M. e MORGENSTERN, A. **Tu pour jê et tu pour tu. Etude longitudinale de l'emploi de la deuxième personne chez um enfante francophone**. Actes du colloque sur la deuxième personne. Forum des langues européennes. Paris: Institut Cervantes. 7-8 mars 2003.

BRUNER, J. K. **Comment lês enfants apprennent à parler**. Paris: Retz, 2004.

_____. **Le développement de l'enfant. Savoir faire, savoir dire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Editora Paulistana, 2007.

DEL RÉ, A. (Org). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____, **Movimento de *mise en mots* e produção de metáforas face ao desenho**. Alfa, São Paulo, n. 48(1), p.73-82, 2004.

_____. O papel do pai na socialização *linguagreira* da criança: a questão das condutas explicativas. In: **A linguagem da criança: sentido corpo e discurso**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008.

DEL RÉ, A. e FERNANDES, S. D. (Org). **A linguagem da criança: sentido, corpo e discurso**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008.

DELEUZE, G. As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação). In: **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ELLIOT, A. J. **A linguagem da criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FARACO, C. A. Criação ideológica e dialogismo. In: **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FARACO, C. A. e NEGRI, L. **O falante: que bicho é esse afinal**. Letras, Curitiba, n. 49, p.159-170, 1998.

FERNANDES, S. D. (Org). **Aquisição de linguagem: conceito, definição e explicação na criança**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2003.

_____. Movimento discursivo: o diálogo no linguagem infantil. In: **A linguagem da criança: sentido corpo e discurso**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2008.

FOUCAULT, M. **Ditos & Escritos Vol IV: Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. *Les Techniques de soi*. In: **Dits et écrits – Vol II**. Paris: Guillimart, para 1602-1632, 1994.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2003.

_____. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Subjetividade e verdade. A hermenêutica do sujeito. In: **Resumos dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.109-134, 1997.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P.& DREYFUS, H.. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.231-249, 1995.

_____. O que são as luzes?. In: MOTTA, M. B. (Org). **Ditos e escritos - Vol. II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

_____. Linguística e Ciências Sociais. In: MOTTA, M. B. (Org). **M. Foucault. Ditos e Escritos II**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

GHIRALDELO, C. M., 2003. As representações de língua portuguesa e as formas de subjetivação. In: CORACINI, M. J. (Org). **Identidade e discurso: (des)constrindo subjetividades**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

GREGOLIN, M. R. V. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos**. São Carlos: Clara Luz, 2004.

GREGOLIN, M. R. V., CRUVINEL, M. F. e KHALIL, M. G (Org). **Análise do discurso: entorno dos sentidos**. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2001.

LEMOS, C.. **Língua e discurso na teorização sobre Aquisição de Linguagem**. Letras de Hoje. Porto Alegre: EDUIPUCRS, v.30, n.4, 1995.

MIOTELLO, V. **Conhecendo alguns conceitos bakhtinianos**. Versão beta, São Carlos, a. 1, p.1-10, 2002.

OCHS, E. e SCHIEFFELIN, B. The impact of language socialization on grammatical development. In: JOURDAN, C. e TUIITE, K. **Language, culture and society**. New York: Cambridge University Press, 2006.

PIAGET, J. **Le langage et la pensée chez l'enfant**. Neuchâtel: Editions Delachaux et Niestlé, 1966.

REVEL, J. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Editora Cultrix , 2006.

SCARPA, E. M. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIN, F; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

SCLIAR, L.. **Morphological coding of brasilian portuguese and chilo directed speech analysis**. Fórum Linguístico, 5 (2), Florianópolis, p.69-82, jul. dez., 2008.

SCHERER, A. E.; MORALES, G. e LECLERQ, H. Palavras de intervalo no decorrer da vida ou por uma política imaginária da identidade e da linguagem. In: CORACINI, M. J. (Org), 2003. **Identidade e discurso: (des)constrindo subjetividades**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SCHNACK, C. Baby-talk: uma fala do adulto direcionada à criança. Que adulto? Que criança? In: **Caleidoscópio**, v. 5, n. 2, p. 115-124, mai/ago 2007.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New Jersey: Prentice Hall, 1957.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ANEXOS

ANEXO A: Dados do André

1ª sessão: 27/11/2004

André: 20 meses e 04 dias

Filho único até a 8ª gravação (a irmã dele nasceu em 22/10/05)

Identificação: A (André), P(pai) , M (mãe) e Pe (pesquisadora)

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

Cena 1 : A família está reunida na sala de jantar, os pais estão sentados, estão comendo pizza e André também está sentado à mesa, num cadeirão, com um copo de plástico nas mãos, ele às vezes bebe, às vezes brinca com o copo

((pai fala ao telefone))

1. M – Não quer mais pizza?
2. P – ((ininteligível)) ((A. bate os objetos na mesa em que está, derruba o garfo no chão)) E laiá!
3. A – u gafu cai::iu ↓
4. P – não, não caiu
5. A – u gafu ((chora)) ↓
6. P. – Caiu, não.Cê que jogou no chão, é diferente de caiu ((A. continua batendo os objetos, passa um bom tempo fazendo isso)) ((ininteligível)) cuidado para não molhar ... quebra né?
7. A – ((continua batendo copo na mesa do cadeirão)) ((grita, ininteligível)) /alisanda/ ↑ ((gritando e chamando a pesquisadora))
8. Pe – Oi Andrezinho ((rindo))
9. M- Será que você vai conseguir ser natural com essa câmera aí?
1. [
10. A - NATUAL...NATU:.....AL...((pesquisadora ri ri)) NATU:AL....naTUAL ↑ ((gritando, se jogando para trás na cadeira e olhando para a câmera))
11. P- ((ininteligível)) natural
12. A – naTUAL ((gritando)) ↑
13. Pe e P ((conversam, ininteligível))
14. P – André, olha o relâmpago. O papai não te mostrou o relâmpago ainda? O relâmpago vem junto com o trovão.

15. A – tuvão ↓
16. P – Com o trovão, é. Papai vai mostrar pra você daqui a pouco o relâmpago e o trovão.
17. M – [Quer pizza? Quer mais? Quer mamadeira, filho? Cuidado com esse garfo... ((A. segura o garfo na mão e coloca próximo a seu dedo)) mastiga
18. P – ((ininteligível))
19. A – o gafu u dedu:u ↑
20. M – É espetou o dedo, né filho. Garfo não é brinquedo, é pra comer ((A. continua batendo o garfo na mesa)) Deixa a mamãe pegá uma pizza pra você, dá...dá ((quer o garfo que está na mão do André))?
21. A – u gafu...u gafu... ↑
22. M – tó ((dando a pizza na boca para André))
23. A - u GAfu... ((mãe dá a pizza na boca do André)) ↑
24. M- Agora, agora põe na mesa ((o garfo))
25. P- É, põe né filho?...duas vezes né filho?
26. M- [Põe na mesa o garfo ((A. coloca o garfo na mesa)) Isso, muito bem ((A. volta a bater o garfo na mesa)) Péga a pizza aqui, ó...((mostrando ao filho o pedaço de pizza sobre a mesa)) pega a pizza com o garfo
27. A – pizza ((continua batendo, sem parar, bastante tempo, pais conversam entre si, ininteligível)) ↓
28. M- André-é, você vai se machucar com esse garfo.
29. P – André não inventa André
30. A – GA:AFO:O ↑
31. P – não inventa aqui ó
32. M- Dá o garfo...dá, dá, dá...você vai se machucar, filho.Não pode, não pode.
33. P- Pega uma colher.Vou pegar uma colher pro André.Colher é bom, né ,filho?
34. M- o garfo pode machucar.
35. A – a cuer? a cuer? ↑
36. P- A colher, é. Tó a colher...tó bate aí no prato ((entrega a colher para André e ele a pega)) isso ((A. segura a colher e a bate na mesa, e logo depois a joga na mesa de jantar)) o que que cê tá comendo?
37. A – pizza ↓
38. P- pizza
39. A – cuendu pizza a coe:er ↑
40. P- É? ((André continua batendo a colher e a joga))
41. M – ai ai ai ((reprovando o que faz André))
42. P- ((ininteligível)) vai uma calabreza aí filho? ((ininteligível)) ((André joga agora a colher no chão)) É, laiá...É laiá...É laIÁ... ((o pai levanta para pegar a colher na chão)) Pode ficar jogando a colher no chão assim?! Pode?
43. A - nã:ao ↓
44. P - Não, né?Então porquê você joga?Tó tó ((dá a colher para André))... ((o pai devolve a colher a André)) tó tó...senta direitinho, senta direitinho, senta ó senta direitinho, ó ((coloca André sentado, ele escorrega na cadeira)).
45. A – mamãe u gafu... ↑
46. M- Garfo só para comer a pizza.
47. P- O garfo é pra gente grande. Pra menininho igual você É colher, né? ((A. brinca com a colher na boca)) Que é isso? Abilolô?
48. M- Acho que ele tá fazendo gracinha ((falando de André que continua brincando com a colher e joga o copo de plástico no chão)) qué ((dá pizza na boca do André)) ?
49. A – ((fica batendo os objetos incessantemente, coloca a colher na boca e fica mexendo a cabeça)) /abioio
50. A – abioio/ ((com a colher na boca)) /abioio/ ↑
51. P – abilolô é? ((André continua batendo e derruba novamente a colher))
52. M- André:é

53. A – ((ininteligível)) ↑
54. P- ((imita o som que André produz, algo como uuh com a mesma entonação))
55. M- Seu trabalho vai sair meio enviesado.
56. Pe- Meio enviesado...por quê?
57. A – ((incompreensão de sua fala, quer a colher que caiu))
58. M- Porque o ator principal tá fazendo show ((A. olha para os objetos no chão))
59. P- Caiu, filho?
60. A – caiu... ↑
61. P- Caiu, não teria sido você que jogou? Hã? ((M. devolve a colher e o copo a André))
62. A – /patu... u pa:atu/... ↓
63. P- Mamãe vai pegá pra você.
64. A – ((olha para o prato vazio)) a pizza /apaa:bô:ô/... ↑
65. M- Acabô, né, filho?
66. A – mãe qué pizza ↓
67. M – mais né?
68. P- Mamãe vai dá pra você
69. M – eu não queria dar mas ((ininteligível)) ((A. coloca o prato na cabeça, como se fosse um chapéu)) ((mãe e pesquisadora conversam, ininteligível, risos))
70. P- É um chapéu isso aí? ((fala rindo e pesquisadora também ri)) é um chapéu ou é prato isso aí?
71. M – a gente vai poder ter cópia do filme?
72. Pe – claro claro
73. P - hã? Isso é chapéu ou é prato? ((A. tira e coloca o prato na cabeça))
74. M – putz, eu tinha lavado esse cabelo com tanto carinho ((ininteligível)) Adê eu levei ele lá no/ pra ele brincar lá no parquinho
75. P- hã
76. M – ((ininteligível)) ele tá sem vergonha desceu até no escorregador mais alto
77. P –ah é? Ele anda naquele furadinho?
78. M – anda naquele furadinho na ponte ((ininteligível))
79. P – ah que bom!
80. M – ((ininteligível)) ((A. derruba novamente a colher no chão)) ai ai ai ((com tom de reprovação))
81. A – O:O:O /SÃ:Ã:AO/ (chão) ↑
82. M- quem jogou a colher no chão?
83. A – ((segura um de seus braços)) o baço:o o baço do André:é:é ↓
84. M- O braço do André? Que que tem no braço?
85. A – buaco ↓
86. M – tem um buraco filho?
87. [P- Buraco? Cadê o buraco? Mostra pro papai, mostra...Cadê o buraco no braço do André?
88. A – ((mostra o braço)) dueu...due:eu... ↑
89. P- Doeu, filho? Bateu a colher, foi? ((A. fica olhando para o braço)) cê já sarou? Vamo passá pomadinha pra sarar? ((A. olha a colher no chão))
90. Pe – ((ri)) eu não consigo não interferir
91. A – cué cué:é no CHÃ:Ã:ÃO ↑
92. P- Quem jogou no chão? ((M. pega a colher e devolve a André que ameaça jogá-la novamente no chão))
93. M- Não, ã...ó..ó!
94. A – a mamãe... ↑
95. P- É, né, não é pra jogar no chão...O André já comeu toda a pizza? ((A. coloca o copo sobre o prato e tenta erguê-los para colocá-los na cabeça, não consegue, e bate o copo no prato sem parar, com força; segura o copo e mostra para a mãe)) ((ininteligível)) ô Irê você tá cansada

96. M – ((ininteligível)) eu quero ver filme
97. P – ((ininteligível)) na hora que você quiser ver ele vai pedir pra ver o Sherek
98. M – eu sei ... o pior é que eu podia deixar ele aí e ver na outra tv mas aí ele ((ininteligível)) ele não dormiu hoje à tarde ((ininteligível))
99. A – abi, abi, abi, abi... ((quer que o pai abra o copo em que ele costuma beber)) ↑
100. M- Não, senhor
101. A – mamãe, mamãe, mamãe... ↑
102. M – dá ((pega o copo))
103. A – qué abi, abi...((ameaça chorar)) qué abi:i:i... ↑
104. M- Você quer abrir?Ou você quer água? ((P. abre copo e o devolve a André))
105. A – ((pega o copo sem a tampa)) /aga abi/ ((ininteligível)) /a pãpa/ ((água abre a tampa)) ((o pai devolve a tampa)) tá aziu, tá aziu ↑
106. P- Tá vazio, filho?
107. M- É, não dá mais pra te enganar, né rapaz?
108. A – ((vira o copo de cabeça pra baixo e olha com atenção)) tá aziu...o copu...tá aziu...pampa abéita ((bate a tampa no copo na cabeça)) ↑
109. M – André eu vou te pegar e te dar uma mordida ((começa a conversar com P, ininteligível))
110. A – ((ininteligível)) ((bate nos objetos))
111. M – ((conversa com P, ininteligível)) a gente tava lá em Atibaia ((André faz muito barulho com os objetos, não é possível escutar o que os pais falam, ele coloca o prato na cabeça))
112. P- Quê que cê tá fazendo?
113. A - /un sapéu un sapéu/ (um chapéu) ↑
114. P- Isso aí não é um chapéu, isso daí é a tampa da sua água.
115. P, M e Pe ((conversam, ininteligível)) ((A. coloca o copo na boca e finge beber))
116. P- Aparecido!
117. A – mamãe, mamãe, mamãe tá aqui? ↑
118. P- A mamãe tá aqui.
119. A – Papai tá aqui:i? ↑
120. P - O papai tá aqui.
121. A - A Alesanda tá aqui:i? ↑
122. P- A Alessandra ta aqui.
123. A – Mama...mamãzinha ta aqui? ↑
124. P- A mamãezinha ta aqui!
125. A – mamãzinha...lesanda-a ...lesandinha-a-a... ↑ ((chamando))
126. P-Alessandra...Alessandrinha-a!
127. Pe- Nossa!Já to assim?!
128. A – Aessanda-a...AESSANDA:A:A ↑ ((chamando))
129. P- Alessandra-a, uh-uh! ((A. volta a brincar com a tampa)) Que que você tá fazendo? lh...eu to vendo um relâmpago, André, lá fora. Acho que vai chover.
130. M. – Será?
131. P. – a propaganda tá boa lá fora...né?
132. P e Pe – ((fazem algum comentário sobre a chuva, ininteligível)) ((A. coça o olho, aparentando sono)) Quem tá com sono?
133. M- Eu!!
134. P- Além de você...quem tá com sono aqui, André? ((A. continua brincando com o copo e com a tampa))
135. P. – ((levanta da mesa e quer tirar André da cadeira)) Já comeu? Vamo descê daí, vamo?
136. M – ai que ventinho bom
137. P – ai que ventinho bom ai que ventinho ((cantarolando)) O André quer ficar aí?

138. M – ((ininteligível))
 139. Pe- Você não quer mostrar pra ele, lá fora, o relâmpago?
 140. P- Hum...
 141. M- Porque você tá com essa cara de sapeca?
 142. Pe- ((ininteligível))
 143. A – SAPECA...SAPECA ↓
 144. Pe – ((ininteligível))
 145. P. O André quer ver o relâmpago?
 146. A – /âpago/ ↓
 147. P – querido vamo ver se vem o relâmpago ((pega o André do cadeirão))
 148. M – eu vou apagar a luzes daqui de dentro pros bichos/
 149. P – não não tá tendo bicho Irê
 150. M – tá sim eles tão voando
 151. A - Papai noel papai noel ↑
 152. P – Papai noel? Ire cê viu a árvore ((ininteligível)) lá embaixo?
 153. M – aqui no prédio
 154. P – é
 155. A – papai noel papei noel embaixo? ↑
 156. P – papai noel lá embaixo
 157. M – aonde?
 158. P – ãh?
 159. M – onde tá?
 160. P – no saguão entre o elevador e a porta do/
 161. M – [ah lembra do ano passado ((ininteligível))
 162. A – [Papai noel papai noel ((ininteligível)) oibus... ↑
 163. P – [deixa acesa Irê deixa acesa ãhn?

Cena 2: Sacada do apartamento

164. P- Hã? O ônibus? Será que o ônibus vai passá lá?
 165. A – caminhão passá:á ↑
 166. P- Caminhão vai passá?E o ônibus, vai passá também?
 167. A – /carru passá:á/ ↑
 168. P- O carro já tá passando.
 169. A - /carru passá:á/ ↑
 170. P. o carro tá passando
 171. A – a mamãe:e? ((percebe a ausência da mãe)) ↑
 172. P- A mamãe foi lá dentro, já volta. Hã!!! ((fala como se estivesse assustado)
 um relâmpago, o papai viu!Lá ó ta vendo? ó...fica olhando lá..ó...fica olhando!
 ((aponta o lugar para onde André deve olhar)) ó viu... cê viu? Ó Fica olhando, ó... lá,
 viu... cê viu? Fica olhando lá, ó... já já chega vai fazer atenção é um, é dois, e lá vem
 o...relâmpago! venha! o relâmpago você viu? Você viu o relâmpago? Ó a cara dele
 ((falando para a pesquisadora e dá um beijo no André)) Você viu o relâmpago, filho?
 173. A – ((fica em silêncio um tempo)) u /ãpadu passá/ ↑
 174. P- O ônibus passa é lá, ó... ((o pai mostra o lugar a André))
 175. A – u /ãpadu/↑
 176. P- Relâmpago!Hum, passou outro agora, você viu? você viu? Relâmpago
 vem junto com o trovão. Hum Outro!Você viu?
 177. A – edo du âmpadu ((encosta no pai)) ↓

178. P- Tá com medo? Não, meu filho, não precisa ficar com medo...não, não é pra ter medo do relâmpago.O relâmpago é da natureza...é da natureza...o relâmpago. Ele é poderoso, mas ele fica na dele lá em cima
179. A – o âmpadu cima ↑ ((encosta a cabeça no ombro do pai)) ((ininteligível))
180. P. o relâmpago lá em cima ele fica lá em cima ó
181. A – ((ininteligível))
182. P- Tá com medo do relâmpago?
183. A – tô ↓
184. P. Não, não precisa ter medo do relâmpago.O relâmpago é gente boa ...tá.Tá?
185. A – Edu du âmpadu ↑
186. P- Tá com medo do relâmpago, meu filho? Mas ele tá lá longe, deixa ele lá. Não precisa ter medo dele.

Cena 3: Sala de televisão

187. A - mãe...mamã:ãe...edo du Âmpagu ↑
188. P. – vamo falar pra mamãe então que cê tá com medo do relâmpago vamo falar pra mamãe fala
189. A – edu du âmpagu ((M. pega André no colo)) ↑
190. P- Mas não precisa ter medo, né, filho?
191. A – edu du âmpagu ↑
192. P- Ó, deixa o papai te explicar uma coisa (os dois debruçam no sofá e olham para fora, e logo começa a chover)

Cena 4 : Sacada do apartamento

193. P- O relâmpago tá lá em cima...((o pai vê de repente a chuva e anuncia)) a chuva, André, a chuva!Vem ver a chuva, a chuva! A chuva, a chuva , a chuva a chuva...os caras do açougue tão parecendo uns kalangos correndo
194. A - u âmpagu...u âmpagu ↑
195. P - O relâmpago passou, olha a chuva agora. O relâmpago traz chuva.
196. A - edu du âmpagu ↑
197. P - Não, não tá com medo do relâmpago, não precisa ficar com medo do relâmpago porque o relâmpago não faz nada, tá? O papai ((ininteligível))
198. A - u âmpagu ai passá:á ↑
199. P - O relâmpago vai passar, daqui a pouco já acabou o relâmpago.
200. A - u oibus ↑
201. P - O ônibus, o ônibus...cadê o ônibus?Não tem ônibus.
202. A - camiã:ã:ãu ↑
203. P - Também não tem. O ônibus e o caminhão tão na casa deles ((voltam para sala, junto da mãe))
204. A – u camiã...u âmpagu ↑
205. P- O relâmpago, é...((incompreensível))

Cena 5: Sala de televisão

206. A – mamÃ:É ↑
207. M-Oi, amor...
208. A –qué vê sheREqui ↑
209. P- Que que você quer ver?
210. A – sheREqui ↑
211. P- Quer ver o Sherek?
212. A –qué vê u “Pooh” ↑
213. P- Quer ver o Pooh também?
214. A – qué vê u “Pooh” tamBÉM ↑
215. P- Quer ver o Pooh também...
216. A – olu mamÃ:É...olu da mamã:ãe ((está no colo do pai)) ↑
217. P- Quer ir no colo da mamãe?
218. A – o buo ↑
219. P- O burro?
220. M- A mamãe quer ver esse filme aí, agora.
221. P- O colo da mamãe e o Sherek?
222. M- O colo da mamãe, sim.
223. A – ((passa para o colo da mãe)) u BÚ:ú...qué u BÚ:ú ↑
224. M- Senta aqui, no colinho.
225. A –olu da mamã:ãe ↑
226. M- Já tá no colo da mamãe
227. A – u âmpagu ↑
228. P- Relâmpago? É...((A. quer pegar o controle remoto da televisão)) Esse controle aí é do papai, cai fora. É do papai!
229. A – ((incompreensível)) ((sobe no outro sofá, senta sozinho e segura a fita de vídeo na mão)) qué vê u sherequi, u buo...qué vê, qué vê u emo, qué vê u emo... ↑
230. M- É da tia...agora a mamãe e o papai tão vendo ((A. bate a fita de vídeo na perna))
231. P- Você vai machucar a perna, não bate não!Vai doer a perna!
232. A...a péina, a péina ↑
233. P- Vai machucar a perna se ficar batendo ((A. continua batendo a fita na perna)) Não faz assim, filho, machuca ((A. continua batendo)) Ou...ou, mané, não faz assim... ((A. para de bater na perna, abre a fita e fica olhando para ela) Oh-oh,
234. A – oh-oh...oh-oh...oh-oh...↓
235. P- Oh-oh, oh-oh...
236. A- oh-oh...↓
237. M. ((ininteligível))
238. P- Ih, André, tá chovendo lá fora agora.
239. A – u âmpagu, u âmpagu? ((parece querer perguntar do relâmpago)) ↑
240. P- O relâmpago tá lá fora, acho que ele já foi embora, André.
241. A – u âmpagu ai passá:á ↑
242. P- O relâmpago vai passar. Vai embora o relâmpago.
243. A –u âmpagu ((volta a olhar a fita de vídeo)) mamãe...mamãe ↑
244. M- Oi, amor
245. A – qué u emo ↑
246. M – depois cê vê filho a mamãe tá vendo um filme
247. A - mamãe...((continua olhando para a fita de vídeo)) ↑

2ª gravação: 12/01/2005 (Obs. Os pais estavam viajando durante o mês de dezembro)

21 meses e 19 dias

A - Criança,

M - Mãe,

Pe - Pesquisadora

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

((vídeo com problema, não é possível ver imagem))

Mãe lê história de livros sobre bichos.

248. M - - Você já conhece o tatu? Tatu é esse bicho aqui. Olha, ele vai cantar! Olá amiguinhos, sou o Dudu, o tatu. Conheça um pouco da minha história, e se divirta com a turma dos animais do reino! (pausa) O Dudu era muito sapeca e comilão. Vivia se escondendo e fugindo em busca de comida. Para se proteger, ele vivia no meio do mato, perto dos lagos e dos riachos, mas ele tinha FO: O: O: ME!

249. A - Fome? ↑

250. M - Fome. Quando ele queria comer, ele corria para as plantações. Era a dor de cabeça dos fazendeiros. Como ele era banguela, cavava aqui, cavava ali. Cavar é pegar a terra e fazer assim, ó, tchu, tchu, tchu... Buraco na terra! Gostava tanto de cavar, com suas unhas afiadas, que estragava as plantações de legumes atrás de seu prato preferido: insetos!

251. A - (/eto/) ↑

252. M - Foto? A Alessandra tá fazendo foto do André. ((pausa)) Que mais que tem, hein, André? A borboleta! Você quer ver a borboleta?

253. A - Sim! ↓

254. M - Sim...

255. M - Violeta, a borboleta. Olá amiguinhos, sou Violeta, a borboleta. Conheça um pouco da minha história e se divirta com a turma dos animais do reino!

256. A - mamãe... o mamãe... ↑

257. M - [Oi amor...

258. A - /u j'i'raki/ ↑

259. M - Você quer ver o Shrek?

260. A - Sim /a pinseza fiona/ ↑ ((pausa))

261. M - A princesa Phiona? Tá bom, vamos ver então. Senta lá no seu cantinho... Muito bem... E o Tchan, posso desligar? Desliguei o Tchan ((conjunto brasileiro de musica Axé))... Você gosta de ver Shrek?

262. A - /u tã/? ↑

263. M - O Tchan eu desliguei! Ou o Shrek ou o Tchan... Os dois não dá! ((atende o telefone e fala por algum tempo, A. fica em silêncio, começa a assistir televisão))

264. A - ((ininteligível)) /o o o a a/ ((enquanto assiste televisão))

265. M - Onde você escondeu o controle remoto? Eu vi, viu? Eu tô aqui vendo tudo o que o senhor tá aprontando...Inclusive tá registrado em filmagem! André, cadê o controle remoto? ((ela encontra o controle remoto)) Agora eu vou pôr lá longe! ((ininteligível)) Ele não fala nada!
266. Pe - Não, fala sim...
267. M - Não, ele não fala.
268. Pe - Ah, não...Pode ficar sossegada... É assim mesmo!
269. M - [Quer que eu fale?
270. Pe - É natural...
271. A - /mã mãmãi/, /mãmãi/ ((chamando)) ↑
272. mã mamãe mamãe
273. M - [Se você quer fazer xixi, fala, tá amor? Quê?
274. A - u u ((André tira a calça))
275. M - ((risos da mãe e da P)) Seu aparecido! Aparecido!
276. A - ((grita)) Aii!
277. M - Caiu?
278. A - /ka'iu/ ((imita entonação de pergunta da mãe)) ((ininteligível)) ↑
279. caiu?
280. Pe - [André, conta pra mim como você cortou o cabelo no cabeleireiro? Quem levou você pra cortar o cabelo?
281. A - /u mosu/ ↑
282. o moço
283. Pe - O moço? E você dirigiu lá?
284. A - /e diigi i pulo a'sim/ ↓
285. Eu dirigi e pulou assim.
286. M - Ah, dirigiu e pulou assim? (.) Você foi na casa do Felipe hoje? ((criança continua a assistir a tv))
287. A - ((ininteligível))
288. M - ((ininteligível))
289. A - ((ininteligível))
290. M - Quem tá aí?
291. A - /u'buo/ ↑
292. M - O burro!
293. A - /u'buo!/ ↑
294. M - ((ininteligível)) André, senta aqui no seu cantinho senão eu vou desligar ((ininteligível)) (.) Aí, peguei. (.) ((ininteligível))
295. A - ((ininteligível, A. brinca de pular no sofá))
296. M - ((ininteligível)) Ei, presta atenção em uma coisa que eu quero te dizer. Fecha a boca! Senão você vai morder a língua...Vira pra cá...Não, não, vira pra mim...Boca fechada! um
297. A - um... ↓
298. M - um, agora vai...um, dois e...
299. A - Já! ↓
300. M - Já!
301. A - ((grita bem alto)) Ah!
302. M - Ai, André ((ininteligível))...
303. A - ((ininteligível)) e já ((gritando)) ↓
304. M - Ai, caiu ((vendo André pular no sofá, grita))...
305. M - Vamos ver o livrinho da borboleta? Andrééé fecha a boca!
306. A - ((grita alto)) Ah!
307. M - Tchum um, dois e...Tchum (André continua pulando)! (.)
308. A - Qué xixi, qué xix: i? (.) ((André continua vendo a tv))
309. M - A tendência dele é melhorar?
310. Pe - É. Você já jantou?

311. ((ouvem música do filme))
312. M - Quer xixi? Fez xixi, amor? ((durante bastante tempo André fica assistindo tv))
Tá alto, pode mexer, devagar.
313. A - Altu? ↑
314. M - Quer mais baixo? Deixa mais baixo (André continua a ver tv) (.) acabo?
((acaba a fita da história que ouviam)) quem é? sabiá... Quem chegou? ((o pai chega assoviando)) Quem chegou? Quem é?
315. A - O pa: pai! ↑
316. M - É?
317. Pe - Meu amor, você tá aí, grandão!
318. A - Papai... ↑
319. Pe - Oi querido?
320. A - Papai... ↑
321. Pe - Fala, filhão...
322. A - /dizligo/ /dizligo ?/ ↑
323. Pe - Desligou? Tinha fita aqui, né?
324. A - /aki u botão/ ↓
325. Aqui o botão
326. Pe - Desligo o botão meu filho
327. M - [o botão
328. Pe - é queridão? ((ininteligível))
329. A - Papai ((chama gritando)) ↑
330. P. Oi querido...
331. A - /dizligo botão aki/ ↓
332. Pe - Desligou o botão aí, meu filho? E agora?
333. ((P e M. Conversam, ininteligível, falam sobre os livros que a Pe deu para André))
334. M - ((risos))
335. A - ((grita para chamar a atenção dos pais enquanto conversam com a P)) Ah!
336. Pe - ((continua conversando com a mãe, ininteligível)) Olha que legal de quem é esse leão aqui... Quem te deu esse leão?
337. M - A gente que comprou na banca, fala ((se dirige a André)).
338. Pe - Ah! É aquele leão grandão!
339. M - Ai meu pé, ai meu pé ai meu pé
340. Pe - (você machucou o dedo)
341. M ((ininteligível)) Passa a mão aqui, ó...
342. Pe - O que você fez?
343. M - Eu não sei, mas tá doendo muito.
344. Pe - Como não sei?
345. M - Ou eu bati em algum lugar, ou é o calor...
346. Pe - ((ininteligível)) Andrezinho, vem cá que o papai quer te mostrar uma coisa.
347. M - ((ininteligível))
348. Pe - O papai tem uma coisa pra mostrar pra você, vem cá ver...
349. A - /uma có: ó/ ((André fala quase tudo em forma de pergunta)) ↑
350. Pe - Quê que tem aqui? Adivinha, adivinha o que é... Que cê acha que é?
351. A - Bú... Abú! ↓
352. Pe - Cê acha que é um elefante?
353. A - Sim! ↓ ((risos da mãe))
354. Pe - Não vale! Você viu o rabinho dele! Você acha que é um leão?
355. A - Sim! ↓
356. Pe - Você acha que é o Abú?
357. A - Sim! ↓
358. Pe - Você acha que é o Mickey?
359. A - Sim! ↓
360. Pe - Você acha que é o telefone da mamãe?

361. A - Sim! ↓
362. Pe - Você acha alguma coisa diferente de sim?
363. M - Você acha blá-blá-blá? ((A. faz sinal positivo com a cabeça))
364. Pe - ((ininteligível)) Mamãe tá enganando, filho? ((risos da mãe))
365. A - ((grita)) Ah!
366. Pe - André, André...vc contou pra mamãe que nós fomos na padoca hoje?
367. A - Na padoca ↑
368. Pe - E o que nós vimos na padoca?
369. A - /bucá...buzcá pão ali, ali/ ↓
370. Pe - Foi assim? E aquele cachorro que tava lá que a gente viu?Você contou pra mamãe? O cachorro...Cê contou pra mamãe que você foi no cadeirão antigo?Que você foi sentado no carro naquela cadeira antiga? ((ininteligível))
371. M - Foi no banco de trás, deitado ((ininteligível, A. grita))?
372. Pe - [é, foi, sentado ((ininteligível; risos da mãe))...
373. A - Mamãe, mamãe... ↑
374. M - Oi!
375. A - /aki fju/ ↓
376. Aqui, frio...
377. M - Tá ventando, tá ventando.Escuta aqui, ó
378. A - MIAU!
379. Pe - ((ininteligível)) cê contou pra mamãe que você foi, que você foi brincar de esconde-esconde com o Felipe na casa dele? Cê brincou de esconde-esconde là?
380. A - Hum...((ininteligível))
381. Pe - Hum....Que você quer?
382. A - /Ké assim essj/ ↑
383. Qué assim esse
384. Pe - qué assim esse? Mas esse aí é vidro, meu filho, esse quebra...Não pode te dar porque quebra, tá?
385. M - (dá o negócio pra ele) ((quer dar alguma coisa para A. comer))
386. A - ah ((pede alguma coisa))
387. M - qué nozes? ((mãe e pai estão comendo))
388. A - nozes? ↑
389. Pe - tó
390. M - Ale como é ((ininteligível))
391. Pe. ((ininteligível, nesse momento mãe, pai e Pe. conversam))
392. Pe - Mastiga filho, mastiga...
393. M - Quer dar pra mamãe?
394. Pe - Mastiga, mastiga que tá uma delícia essa noz...
395. A - a juaninha ↑
396. Pe - Cadê a joaninha?
397. M - Joaninha!Até com a boca cheia ele fala!
398. Pe - Cadê a joaninha então?
399. A - Aqui: i! ↓
400. Pe - Essa daí é a borboleta, não é?Vamos ver...Ah!Tá aqui, a joaninha!Ah!Que legal!
401. O leão, o peixe...cê tá babando? Mastiga e engole, mastiga e engole...
402. A - /papãdu/ ↓
403. Pe - Tá papando ((ininteligível))? Tá babando, ai, ó...vai sujar! Olha quem tá aqui, André?
404. A - / a kakau::ga/ ↓
405. Pe - olha quem tá aqui
406. A - / a kakau::ga/ ↑
407. Pe - [Hã!Nossa, quantos bichos!Olha quem tá aqui!
408. A - /u makako?/ ↑

409. Pe - O macaco! Hã ((surpreso)) e esse daqui?
410. M - Ah! Esse você não conhece, filho!
411. Pe - Dá dá o negócio pro papai, dá o negócio pro papai ((A. não está mastigando a noz que seu pai lhe deu para comer))
412. A - não ↓
413. Pe - Não? Então mastiga e engole...Filho, esse aqui você não conhecia...Esse aqui é o tatu, ó. Ele cava embaixo da terra. e/
414. M - [E o cavalo, hein?Mostra pro papai o quê que é cavalo.
415. Pe - Ele sabe?
416. A - /bãdu/ ↓
417. Pe - tá babando. Ele tá brincando de babar, né?
418. A - Ó, ó, ó...
419. M - Qual história a gente contou mesmo?
420. A - Ó, ó, ó!
421. M - A Mila me ensinou como é que ele faz xixi.Ela põe um banquinho na frente da privada e deixa ele em pé! ((ininteligível))
422. Pe - Ela tava aqui?
423. M - Não. A Lê já viu duas vezes ele fazer xixi hoje.
424. Pe. É, já vi.
425. M - Mas a Mila não tava ((ininteligível, André chama seu pai))
426. A - [Papai! ↑
427. Pe - Oi! Mastiga e engole pra poder falar com o papai, senão
428. A - Papai ↑
429. Pe - senão você pode engasgar. Mastiga e engole primeiro pra depois falar com o papai.
430. A - [papai... ↑ E...
431. Pe - Olha aí, tá vendo, ó! Você pode engasgar, filho!
432. A - mamãe ↑
433. M - O que, querido...
434. A - Papai! ↑
435. Pe - Oi!
436. A - /a ka..uda a kakauga aki!/ ↓
437. Pe - A tartaruga!Deixa eu ver...Hum! É a Guga, a tartaruga. Olha aqui, quem tá aqui!
438. A - O elefa: ante! ((fala com a boca cheia)) ↓
439. Pe - O elefante!O Dante, o elefante.O Tutu, o tatu. Olha essa borboleta, que bonita! ((ininteligível)) filhão
440. A - /boboleta/? ↑
441. Pe - É. ((ininteligível, continua tentando fazer com que A. engula o que está comendo))
442. A - /a boboleta/ ↓
443. Pe - a borboleta
444. M - André, você ainda sabe cantar a música da borboletinha?Borboletinha... ((começa a cantarolar))....
445. Pe - Borboletinha...
446. A - ((ininteligível))
447. Pe - Foi pra cozinha...
448. A - Papai! ↑
449. Pe - Oi!
450. A - /a boboleta!/ ↓
451. Pe - A borboleta? Hã! Ai, que bonita essa borboleta, filho, olha!
452. M - Olha a flor!
453. Pe - Hum, olha ela, que bela!Olha a joaninha, que bonitinha!
454. M - A abelhinha, Binha...

455. Pe - Olha o leão!Vamos contar a história pra pra a Al/Alê? Vamos contar aquela história pra Alê? ((ininteligível)) Era uma vez um menino chamado João Pedro...
456. M - não é porque você não gosta de noz ((ininteligível)) ((risos)) ((ininteligível))
457. A - /u tubalão!/ ↓
458. Pe - Aí ele encontrou um tubarão! Aí (tocou) a música do tubarão (canta uma música)
459. A - O quê? ↑
460. Pe - Aí ele encontrou o leão...
461. A - U leã:ão! ↓
462. Pe - Ah ((imita o som do leão))!Aí o João Pedro encontrou o boi...
463. A - /patu i o gãsa/? ↑
464. Pe - O pato e o ganso
465. A - [/u boi/? ↑ ↓
466. Pe - O boi, o pato e o ganso...
467. A - /u boi/? ↓
468. Pe - ((ininteligível, mãe, pai e Pe conversam)) ((A. grita))
469. M - André, você molhou a minha planta, André? ((André tenta subir no sofá)) vai ca/vai vai cair assim, filho
470. Pe - dá a bola pro papai, chuta pro papai, filho! ((A. chuta)) Golaço! Agora vai lá que o papai chuta pra você!Chuta pro papai! ((A. chuta)) Isso...Pega a bola, filho... ((ininteligível, mãe, pai e Pe conversam)) Chuta pro papai!
471. Pe. Que meleca, hein, André!
472. M - Ei, ei, aonde você vai? ((André quer sair da sala)) a bóia de braço tá em oferta nas Americanas.
473. Pe - Quanto?
474. M - (quatro e noventa e nove) 4, 99.
475. Pe - Ah, pode comprar!
476. A - U...Papai! ↑
477. Pe - Oi, querido!
478. A - /kin kongue/? ↑
479. Pe - Eu não sei onde tá o King Kong.
480. M - Debaixo da mesa...
481. Pe - Ah, é... tó! ((ininteligível))
482. M - precisamos comprar fralda...((ininteligível))
483. Pe - Noturna?
484. M - As duas!
485. ((ininteligível, mãe e pai comentam algo, gravação é interrompida))
486. Pe - Pode fazer xixi no tapete?
487. A - U...Não! ↑
488. Pe - sim ou não? ((risos da mãe)) Quê que você fez aí?
489. A - /kin kōgue!/ ↓
490. Pe - Kingue kongue né? ((ininteligível))
491. A - ((ininteligível)) grita
492. Pe - Pode fazer xixi no tapete, André?
493. A - Não... ↓
494. Pe - NÃO! E como você fez ?Foi um vacilo, foi?
495. A - Não, não, não... ↓
496. Pe - não não não ((pai imita André, risos da mãe))
497. A - ((incompreensão das falas de André)) du papai ↓
498. Pe - ((ininteligível)) pro papai? ((ininteligível, todos falam ao mesmo tempo))
499. A - papai? ↑
500. Pe - oi querido
501. A - ((ininteligível))
502. Pe - ((ininteligível))

503. A - Mimi? ((pergunta sobre a babá)) ↑
 504. Pe - a Mimi foi pra casa dela
 505. A - papai? ↑
 506. Pe - oi
 507. A - ((ininteligível)) pro papai! ↓
 508. Pe - é mesmo filho? ((ininteligível)) vamos troca a calça?
 509. A - papai? ↑
 510. Pe - oi querido
 511. A - o Mickey ((ininteligível))
 512. Pe - ((ininteligível)) o Mickey não fez xixi no tapete você que fez...ó o Mickey não tá molhado ó o André tá molhado ó ó nós vamos ter que trocar a sua calça não a dele
 513. A - Mimi! Mamãe! ↑
 514. M - oi amor
 515. A - papai! ↑
 516. Pe - oi
 517. A - ((ininteligível)) caiu ↓
 518. Pe - caiu? Cê derrubou e caiu, filho
 519. A - ((ininteligível)) caiiiu ↓
 520. Pe - caiu, filho
 521. A - ((ininteligível))
 522. M - ((ininteligível, fala junto com André))
 523. Pe - o que que caiu filho?
 524. Pe. ((ininteligível))
 525. A - ((ininteligível)) pro papai ↑
 526. Pe - ((ininteligível)) ah olha que legal esse (jornal) aqui André ((ininteligível))
 527. A - /caVALu/ ((gritando)) ↓
 528. Pe - o cavalo? Que mais?
 529. A - ((ininteligível))
 530. Pe - é ((ininteligível))
 531. A - /u bOi/ ((gritando)) ↓
 532. Pe - quanto boi filho!
 533. A - ((ininteligível))
 534. Pe - ((ininteligível))
 535. A - ((ininteligível)) a música? ↑
 536. Pe - a música a gente põe depois agora precisamos trocar o::: o xixi tá molhado olha aí tá molhado...tá molhado? Quem fez xixi? Quem fez xixi?
 537. A - ai ai ai ((grita))
 538. Pe - ai ai ai ((pai imita André)) aparício

3ª sessão – 23/02/05

André: 23 meses

M – mãe

A – criança

Pe - pesquisadora

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

Mãe e criança brincam no quarto (A.)

539. M – aqui é a janela ó janela janela janela janela tudo aqui é janela ((*mostrando uma foto de um avião*)) aqui é a porta aqui é a janela do piloto o André já vi/ andou de avião?
540. A – andou ↑
541. M – onde você foi? de avião? você sabe?
542. A – de São Paulo ↑
543. M – de São Paulo para?... de São Paulo para?... Campo Grande... o André
544. foi pra Campo Grande? de avião e depois foi de/
545. A – mamãe? ((*chamando*)) ↑
546. M – ã? ((*boceja*)) ai oi filhote?
547. A – qué esse ↑ ((*aponta para um dos brinquedos que estão sobre um armário, ele enxerga mas não consegue pegar*))
548. M – este o qual? qué tira a sandália amor? qué fica descalço?
549. A – /u bodi qué mamadeira óia só/ ↓
550. (o bode) da mamadeira (óia só)
551. M – cuidado aí onde você vai?
552. A – /óia só/ ↓
553. M – ah: o bode da mamadeira? ah: filho você quer? ((*levanta-se e pega uma foto em que uma menina dá mamadeira para um carneirinho*)) é bode esse? a menininha tá dando mamadeira pro pro filhotinho não é?
554. A – /pu fiotinho/ ↓
555. M – mostra pra Alessandra então a foto
556. A – /u bodinhu/ ↓
557. Pe– ()
558. M – o bodinho filho
559. A – mamãe () o bode ()
560. M – qué tirá a sandália filho?
561. A – qué ↓
562. M – vamo fica descalço tá calor hoje ((*tira a sandália da criança*))
563. A – mamãe? ↑
564. M – oi?
565. A – /peiado/ ↑
566. M – tá pelado vamo cantá a música?
567. A – sim ↓
568. M – ((*cantando*)) pelado pelado... pelado pelado... ((*a criança sai correndo para outro cômodo*)) ((*pára de cantar*)) fugiu meu pelado?
569. Pe– André::
570. M – ((*cantando*)) pe:lado [[pelado
571. [[a a ai
572. M – ((*cantando*)) nu com a mão no bolso
573. A – ((*a foto gruda no pé da criança*)) () tia ↓
574. M – ((*ri*)) grudô?
575. A – gudô ↓
576. M – vem cá vai mamãe segura ((*tira a foto*)) ((*cantando*)) pe:lado pelado nu com a mão no bolso ((*pára de cantar*)) ih grudou de novo... ((*cantando*)) pe:lado pelado nu com a mão no bolso

577. A – nu↓ ((fica andando pelo quarto com a foto grudada no pé, pula para que ela saia, ela sai)) (pode ter dito “saiu” para a foto que desgrudou)
578. M - ((cantando)) nu nu nu nu nu pelado pelado nu [[com a mão no bol/
579. A – [[mamãe? ↑↓
580. M – oi?
581. A – fazê bagunça com a bolinha ↑
582. M – ah: agora não filho amanhã vai
583. A – mamãe? ↑
584. M – oi?
585. A – (icutá) a música ↑
586. M – cê qué música?
587. A – sim ↓
588. M – a gente pode colocar mas não tá aqui a música tá lá na sala que música você queria ouvir? hum? da pulguinha?
589. A – sim ↓
590. M – como é?... ((cantando)) a pulguinha pula à beça
591. A – gudô ↓ ((a foto gruda novamente))
592. M – grudo ((mãe tira novamente))
593. A – mamãe? ↑ ((se senta))
594. M – hum?... de quem é esse pé gostoso hein?
595. A – () ((agora é o livro que gruda no pé, ele arrasta o pé tentando desgrudar a foto, fica bastante tempo arrastando a foto))
596. M – André cuidado pra num escorregá () tá filho? escorrega ((a criança desgruda a foto sozinho)) isso muito bem
597. A – mamãe? ↑
598. M – hum?
599. A – fazê bagunça com a bolinha ↓
600. M – tá bom você ajuda a arrumar?
601. A – sim ↓
602. M – promete?
603. A – sim ↓
604. M – então me ajuda a levantar daqui ajuda a mamãe força um dois i i já ((A ajuda e a mãe beija a criança))
605. A - fazê bagunça com a bolinha ↓
606. M – dá licença que eu vô tira o carrinho
607. A - dá dá licença ↓
608. M – espera aí tá que eu vô pegá... você fez bolinha/bagunça hoje?
609. A – bagunça? ↑
610. M – tó... SEGURA... ((a criança tenta abrir o saco de bolinhas)) isso pra lá puxa pra lá pro outro lado puxa... segura... lá lá faz... não num abriu ainda falta puxá aqui ó puxa aqui ó segura você faz assim... assim fechô pro outro lado (a mãe ajuda, mas André não consegue)... isso mais precisa mais
611. A – ()
612. M – pra cá vô ajuda qué ajuda?
613. A – sim ↓
614. M - abriu mais um pouquinho pôe a mão faz você ()
615. A – ((tenta tirar as bolinhas do saco)) mamãe ajuda↑ mamãe ajuda↑ mamãe ajuda↑
616. M – ajuda quem? ã? bola azul bola verde bola tum (joga na cabeça de A., brincando)) vermelha ((A. chuta a bola)) go:l golaço
617. A – mamãe joga bem alto ((joga a bolinha para o alto)) ↑
618. Pe– jogou bem alto?
619. M – bem alto ó um dois
620. A – bem alto ↑

621. M – um dois i
622. A – bem alto ↑
623. M – um dois i... um dois i isso um dois i
624. A – mamãe ajuda ((*tenta jogar a bolinha para o alto*)) ↑
625. M – pega uma pra eu te ensinar aqui ó ó SOLTA isso foi bem alto de novo...
bem alto... bem alto
626. A – ()
627. M - muito bem
628. A – mamãe () ajuda () a janéla fico abéita () ↑
629. M – a janela tá aberta
630. A – a mamãe ajuda? ↑
631. M – o que? fechá?
632. A – sim ↓
633. M – ah tá tão calor hoje deixa aberta
634. A – a mamãe ajuda ↑
635. M – a mamãe tem que levantar?
636. A – sim ↓
637. M – a mamãe num qué levanta precisa? não não
638. A – /a mamãe levanta pigá janéia/ () ↑
639. M – tá bom quem vai fazê a mamãe ou o André?
640. A – o André ↓
641. M – ((*a criança fecha a janela*)) muito bem fechô sozinho Al muito forte fechou já
acabou já acabou já fechou ó sh sh sh fechou olha ei ei ei olha aqui
642. A – ã? ↑
643. M - tá fechada agora (A. continua a tentar fechar)) já acabou senão vai estragar
assim não pode ()
644. A – /qué polguinha/ ↑
645. M – qué o que?
646. A – /qué polguinha/↑
647. M – qué o que?
648. A – /qué poguinha/↑
649. M – foquinha? pulguinha?
650. A – sim ↓
651. M – ((*cantando*)) a pulguinha pula à beça e belisca o seu pé
652. A – a motoca ((*olha uma foto*)) ↑
653. M – de quem é essa motoca lá na foto?
654. A – du André ↑
655. M – é? não é do Lipe?
656. A – /du ipi/ ↑
657. M – ((*tosse*)) quem tá aí na foto filho?
658. A – /fiipi/ ↓
659. M – o Filipe o Filipe é seu amigo?
660. A – mãe? mamãe? ↑
661. M – hum?
662. A – fazê bagunça a bola aqui ↑
663. M – ah então pra isso a gente precisa pôr as bolas aqui no saco pra fazer de
novo você quer de novo? fazer bagunça? tem que pôr as bolinha aqui dentro
ó
664. A – mamãe? ↑
665. M – hum?
666. A – mamãe? ↑
667. M – hum?
668. A – eu qué esse ((*mexe na cortina*))... pusa esse eu qué↑ () pusô/ ↓
669. M – puxou? é filho essa cortina mamãe comprou quando casou ()

670. A – mamãe? ↑
671. M – hum?
672. A – qué polguinha ↑
673. M – ((cantando)) a pulguinha pula à beça e belisca o seu pé do pé pula pra cabeça
vai fazendo cafuné
674. A – ((derruba alguns álbuns de fotos no pé)) machucou ↓
675. M – machucou? Qué um beijinho?
676. A – () ((sai do quarto))
677. M – vai na vizinha

corte

Mãe e criança estão na sala de tv

678. () o beto ↑
679. M. é o beto? ((Vila Sésamo)) Ale posso por o Beto?
680. sim ↓
681. Pe. [pode
682. ((ininteligível, mãe e Pe conversam))
683. M. pelado pelado ((volta a cantarolar))
684. A – mamãe? ↑
685. M – sim?
686. A – é o Beto↓... mamãe? ↑
687. M – vai vê o Beto já entendi
688. A – a::
689. M – que cê tá fazendo? comendo o pé?
690. A – u:: u: ó::((mordendo o pé)) u: u::beto ↑
691. Pe– o André não vai desenhar?
692. A – num qué ↓
693. Pe– não qué?
694. A – Beto i:u u: u: ((mordendo o pé)) ↑
695. Pe– tá gostoso o pé?
696. A – mamãe? ↑
697. M – [[hum?
698. Pe– [[tá gostoso o pé?
699. A – mamãe? ↑
700. M – hum?
701. A – u Beto? ↑↓
702. M – vai começá... ((toca o interfone)) é aqui? Quem é André?
703. ((A. assiste ao desenho))

4ª gravação: 04/04/05

André: 24 meses e 09 dias

A - criança

P - pai

B – babá

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

A criança está almoçando

704. B – você vai comer direitinho tá?

705. P – é filho come direitinho mastiga engole e depois () põe mais na boca tá bom? tá bom?

706. A – ta ↓

707. P – mastiga e engole depois cê come mais arroz

708. A – () pé ↓

709. P – cadê o pé? deixa o pé aí... já mastigou e engoliu? põe na boca mais um pouco põe... é muito esse é muito! é muito... deixa o papai ajudar papai vai ajudar... esse tá bom... caiu? deixa aí depois depois a gente tira

710. A – ((olha o arroz que caiu sobre ele)) é um bicho ↓

711. P – não é um bicho não... não é bicho não é alguma coisa da comida que caiu parece uma folhi:nha mas não é bicho não

712. A – ()

713. P – hum?

714. A – () **((falha no som da gravação))**

715. P – ()

716. A – () é uma abeinha ↓

717. P - não é uma abelha também

718. A – é um cavainho ↓

719. P – é um cavalinho? cadê deixa eu ver?

720. B – tó André *((coloca um prato no cadeirão))*

721. P – depois cê vê ()... *((a criança derruba comida))* ê laiá ê laiá... não André não é pra () André!

722. A – é meu! ↓

723. P – é seu mas come direito... aprendeu a falar é meu e () ele tá falando eu também **esses dias ele falou eu**

724. D – ah é?

725. A – com medo do desenho do tubarão ↓

726. P – tá com medo meu filho? não não tem nada lá não pode assistir tranquilo papai assisti com você ()

727. D – *((ri))* hum! *((ri))*

728. P – vamo come primeiro depois cê pega esse (A. quer pegar seu copo de plástico)) come primeiro come primeiro mastiga e engole... tá?

729. A – () cetim

730. P – () de cetim ? papai canta pra você que que o papai canta? papai lembrar o começo papai esqueceu

731. A – pum ti pá ti zum *((música))* ↓

732. P – essa aí é outra () *((cantando))* plum ti plá ti zum

733. A – é do Tazan ↓

734. P – essa é do Tarzan () ó ((cantando)) plum ti plá ti zum não vai a lugar nenhum
 735. A – do Tazan ↓
 736. P – a do Tarzan é assim ((cantando)) o uo uo uo uo uo o
 737. A – ((cantando)) o uo uo uo uo
 738. P – ((cantando)) é o grito do Tarzan
 739. A – ((cantando)) o uo uo uo uo
 740. P – ((cantando)) é o grito do Tarzan... come tudo come
 741. A – o macaco tá sentado ↓
 742. P – o macaco tá sentado é você que tem que comer agora o macaco vai comer depois
 743. B – come pra ficar forte
 744. P - cadê o muque deixa eu vê o muque? ((A. mostra o braço)) ó esse muque tá fraco come mais um pouquinho pra ficar forte come filhê
 745. A – papai? ↑
 746. P – oi?
 747. A – o macaquinho tá cu André ↑ ↓
 748. P – o macaquinho tá com o André mas o macaquinho falou pro André comer pra ver o André ficar forte come então
 749. B – vamo comer pra ficar forte
 750. P – come um pouquinho come come... hum: uma delícia essa comida da Dalvinha filhê... né?

751. A – () macaco ↑

752. P – ê macaco!
 753. A – () André () abeia ↓
 754. P – () com o André () abelha?
 755. A – O André () da abeia ↓
 756. P – tá com medo da abelha?
 757. A – ta ↓
 758. P – mas não tem abelha aqui ó... não tem não precisa procurar não tem... só tem o macaquinho ()
 759. A – () tá quebada ((fala de um brinquedo que tem na mão)) ↓
 760. P – tá quebrado é ()
 761. B – mastiga e engole
 762. P - mastiga e engole a comida depois cê fala se não cê pode [[engasgar
 763. A – [[((grita)) baulho! ((a criança brinca com alguma coisa nas mãos)) ↓
 764. P – fez?
 765. A – fez! ↓
 766. P – deixa eu ver se faz deixa eu ver ((pega o objeto das mãos da criança))... ah! faz mesmo filho! mastiga e engole a comida filho mastiga
 767. A – baulho ↓
 768. P – então mastiga e engole que o papai dá um pedaço pra você ((A. estende a mão indicando que quer pedaço da maçã que o pai está comendo))
 769. A – () tá moiada ↓
 770. P – que que tá molhado?
 771. A – o macaco ↓
 772. P – o macaco tá molhado porque ele foi na água por isso que tá molhado
 773. A – ta moiado ↓
 774. B – engole a comida pra comer o tomate toma
 775. A – o macaquinho! ↓
 776. P – ê que fofinho esse macaquinho
 777. B – engole olha o que tem pra você tomate
 778. A – aaa ((repete o mesmo tom em que o pai falou fofinho)) ↓

779. P – aaa fofinho (imita André) masti/ mastiga e engole ó tá cheio de comida na boca mastiga e engole... não papai não tá dando risada mastiga e engole... mastiga e engole:
780. A – aaa ((repete o mesmo tom em que o pai falou fofinho)) ↓
781. P – eu não tô dando risada... eu não to dando risada não tô achando nada engraçado
782. A – fofinho ↓
783. P – fofinho mas mastiga e engole
784. A – é é uma coisa ↓
785. P – que que é uma coisa?
786. A – que coisa ↓
787. P – que coisa?
788. A – /pão na fainha/ ↓
789. P – oi?
790. A – /pão na fainha/ ↓
791. P – pão na farinha? ()... é isso que cê falou?
792. A – /pão na fainha/ ↓
793. P – que que ele tá falando?
794. D – ((ri))
795. B – () André?
796. A – /pão na fainha/ ↓
797. P – o pão na farinha? num sei que cê tá falando filhê
798. A – /pão na fainha/ ↓
799. P – bom
800. B – come mastiga e engole a comida... ((a criança faz careta para a câmara)) ((ri))
801. P – cê tá fazendo careta pra Alê? não é pra fazer macaquice não... é pra mastigar e engolir a Alê a Alê quer ver mastigando e engolindo vai... mastiga e engole... ó o papai comeu tudo ó... tudinho sobrou só/ só os ossos
802. D – ((ri))
803. A – () laranja ↓
804. P – quer laranja? então mastiga e engole assim que o papai dá um pedaço pra você... vai
805. A – babou ↓
806. P – não é pra babar não senhor é pra mastigar e engolir
807. A – ((boceja)) /cum [onu... [onu/ ↓
808. com sono
809. P – tá com sono?
810. D – ((ri))
811. A – tá abindo a boca ↓
812. P – tá abrindo a boca tá com sono então? tá
813. A – ()
814. P – então mastiga o papai dá laranja pra você ó mastiga e engole
815. A – ()
816. P – André não enrola André come
817. A – macaco tá deitado ((brinca com um macaco de brinquedo)) ↓
818. P – macaco tá deitado?... que macaco () né filho?
819. A – macaco tá voando ↓
820. P – tá voando meu filho?
821. A – tá voando no baão ↓
822. P – o macaco tá voando no balão?
823. A – o barco puxa o baão ↓
824. P – o barco puxou o balã:o isso aí é porque a gente foi na praia eu subi num balão daquele que o barco puxa vai lá em cima aí ele ficou impressionado... papai voou no balão? e o André que que o André fez?

825. B – [[olha aqui o tomate... come come o tomate ((dá comida para a criança))
826. A – () na onda ↓
827. P – o André foi na onda com o papai?
828. A – foi ↓
829. P – que que tem que fazer na onda?
830. A – () tinha u tubarão ↓
831. P – tinha tubarão meu filho?
832. A – tinha! ↓
833. P – então mastiga e engole pro papai dar banana... laranja
834. A – o barco puxou o baão ↓
835. P – o barco puxou o balão isso mesmo... mastiga e engole pro papai dá laranja pra você.. mastigou e engoliu?
836. A – o barco puxou o baão ↓
837. P – o barco puxou o/mastiga e engole pro papai dá laranja vai engoliu? não... engole a carne/a comida primeiro engole... ((a criança cospe a comida)) a:: assim é feio André papai não gosta... tó tó ai meu dedo ai meu dedo
838. A – ((ri)) () deu modida ↓
839. P – me deu uma mordida né?
840. D – ((ri))
841. A – ((ri))
842. P – não achei a menor graça doeu ()
843. A – ((ri))
844. P – o André deu uma mordida no dedo do papai?
845. A – o barco puxou o baão ↓
846. P – o barco puxou o balão filho? puxou... papai voou mas o papai voltou papai tá aqui com você ó não foi?
847. A – foi ↓
848. P – foi? então tá bom isso é o que importa... que?
849. A – papai? ↑
850. P – hum?... tá gostoso o tomate?
851. A – ((cantando e fazendo gestos)) cinco patinho foram pachiar além da montanha paa bincar a mamãe gitou quáquáquáquáquá () voltou di á! ↓
852. P – que foi?
853. A – ((cantando e fazendo gestos)) () patinhos foram pachiar ↓
854. P – ()
855. D – ((ri))
856. P – ela faz assim com a mão ((fazendo gestos))
857. D – é?
858. A – ((fazendo gestos)) () a mão ((cantando e fazendo gestos)) cinco patinho foram passear além da:: montanha brincar a mamãe gritou quáquáquáquáquá só quato patinho voltou di á ↓
859. P – ê:: parabéns filho!
860. D – ((ri))
861. P – muito bem!
862. A – ((cantando)) () patinho foram pa/ () do Tazan! ↓
863. P – do Tarzan? a Alê quer ver cê cantando a do a do Marcha Soldado
864. A – () do Tazan! ↓
865. P – do Tarzan? então canta pro papai ver
866. A – [[ou
867. P – [[ou... vai você
868. A – ((cantando)) ou ou ou ou ou ou ou
869. P - ((cantando)) é o grito do Tarzan
870. A – ()

871. P – () na cabeça
872. A – ()
873. P – André canta aquela canta aquela do: Marcha Soldado pra Ale vê ela quer filmar
874. D – canta canta Marcha Soldado
875. P - ((cantando)) marcha soldado
876. D – canta
877. P – ((cantando)) cabeça de papel
878. B – canta André... canta Marcha Soldado pra Alê ouvir.. eu não sei você me ensina? você ensina () André? canta o Marcha Soldado
879. A – () tinha um/ ↓
880. B – tira o dedo do nariz
881. A – () tinha um neném ↓
882. P – quem tinha neném? hum? eba!
883. B – ele fez no banheiro ()
884. P – ele pediu?
885. B – () papel higiênico () segurei ele ele fez tudinho
886. P – é? mas ele pediu ontem também na piscina
887. B – fez?
888. P – não fez fez xixi... fez xixi né filho? mas pediu fofinho muito bem! né?
889. B – vamo comê no pratinho? ()
890. P – () bolacha?
891. B – comeu três bolacha... isso que estragou... ele tá acostumado a [[()
892. A – [[()
893. P – ele pediu foi isso?
894. B – foi ele já tava com fome ()
895. P – hum... ()
896. D – ((ri))
897. A – suco! ↑
898. P – ()
899. A – /pexinho/↓
900. P – ã?
901. A – ()
902. D – o André é canhoto é André?
903. P – ainda não se sabe
904. D – ((ri))
905. P – ele chuta com a direita mais do que com a esquerda
906. D – ((ri))
907. P – mas ele pega muita coisa com a mão esquerda
908. D – ((ri))
909. P – acho que não tá definido ainda né?
910. D – ele tá testando né?
911. P – é deve ser
912. A – ()
913. D – () um bom teste né?
914. P – é só [[()
915. D – [[((ri))
916. P – que que tem desenhado aí na colher filhê?
917. A – um ganso e um pato ↓
918. P – um ganso e um pato deixa eu ver...é mes:mo meu filho!
919. A – é um ganso e um pato ↓
920. P – é verdade um ganso e um pato... bonito ele né?
921. A – tem um pequeno ↓
922. P – tem um pequeno e um maiorzinho né?
923. A – () tá () ↓

924. P – é: então vamo comê a comida vamo?
 925. B – olha papá comida mastiga e engole tá? porque mais tarde o André () vai jogar futebol com os amiguinhos
 926. P – hum:!
 927. B – com o Bruno com o Filipe... tá bom? come tudo pra ficar forte
 928. A – com a Maria ↓
 929. B – com a Maria
 930. A – cum Buno ↓

931. B – com o Bruno

932. A – () ↑ ↓
 933. B – com ()
 934. A – com o papai ↓
 935. B – com o papai com todo mundo você vai jogar futebol mas precisa comer pra ficar forte
 936. P – é tem que ficar forte pra chutar a bola... né filhão?... hum hum hum!... ()
 937. B – ()
 938. A – tá doendo ↓
 939. P – oi?
 940. A - tá doendo a bunda ↓
 941. P – [[tá doendo a bunda filho?
 942. B – [[ele tá ressecado
 943. D – ((ri))
 944. P – ã? ele tá ressecado... tá doendo filhê? ↑ ↓
 945. A – tá... pegá uma comida () ↓ ((tentando pegar a comida de outro prato))
 946. P – pega lá aquela comida [[lá ó ((aponta para o prato da criança))
 947. B – [[sabe que o André vai comer de sobremesa pra não doer mais o bumbum? mamão... tá bom André?
 948. A – ()
 949. P – tem lá tem lá no seu prato essa aqui essa aqui ó
 950. B – [[olha aqui ó olha aqui
 951. P – ó come aquela lá primeiro depois o papai põe mais () aquele lá
 952. B – igual
 953. P – olha a () ó
 954. B – mastiga que sua boca tem comida... mastiga e engole André
 955. A – () do oto ↑
 956. B – coma desse aqui ó esse outro tá sujo a () vai lavá ele tá bom? olha esse suco... põe a colher aqui no prato
 957. A – tá doendo ↓
 958. P – tá doendo aonde filhê?
 959. A – na bunda ↓
 960. P – tá doendo na aí bunda filhê? é porque tá ressecado
 961. B – é
 962. P - vamo acaba de comer a Mimi vai trocar a fralda do André vamo?
 963. B – toma suquinho... ó ((dá o copo pra criança))
 964. A – obrigado ↓
 965. B – de nada
 966. A – obrigado ((devolve o copo)) ↓
 967. B – não ()
 968. A – ()
 969. B – ()... mastiga e engole o papá
 970. A – ()
 971. P – () mas ele não tá aí agora... eles tão trabalhando agora
 972. A – () baço ↑ ((esconde o braço embaixo da toalha de plástico))
 973. P – cadê o braço? faz uma mágica faz uma mágica

974. A – chalabin chalabin () faze o braço faz achim ↓
975. P – apareceu o braço André!
976. A – agora a mão ↓
977. P – agora a mão põe as duas mãos põe...faz a mágica põe embaixo a mão... faz a mágica... faz a mágica pra ela aparecer... faz!
978. A – ()
979. P – () não faz o salabin que ela aparece
980. A – () baixinho ↓
981. P – bem baixinho?
982. A – sim ↓
983. P – não faz um salabin alto que é pra mão ouvir e aparecer... ()
984. B – ê:!
985. A – ((*põe a toalha na cabeça*)) tá escondido ↓
986. P – tá escondido?
987. A – ã ã ã ã ã:o! ↑
988. B – põe cá põe cá
989. P – ó ó ó ó
990. A – não! ↑
991. P – ó ó isso é p/ André André André! Andrezinho dá qui isso aqui por favor dá qui ((*tira da cabeça da criança*))
992. A – não! ↓
993. P – não é de pôr na cabeça isso não
994. A – () mão colocá ↓
995. P – embaixo então põe embaixo... só aí que pode
996. A – na mão! ↓
997. P – põe a outra embaixo não segurar não só por só embaixo qué pôr a mão embaixo?
998. A – sim ↓
999. P – então põe aí em cima da mesa que eu ponho em cima... a outra também... () fazer o salabin agora... salabin salabin aparece a mão do André assim tchã tchã:! apareceu a mão do André:!!... agora precisa comer um pouco senão não tem mais mágica tem que comer... come a comida agora pra fazer mágica
1000. A – não ↓
1001. P – come a comida
1002. A – não! ↓
1003. P – [[é seu é seu eu sei que é seu mas come a comida
1004. B – [[()
1005. A – ()
1006. P – [[que que cê qué?
1007. B – [[olha aqui o couve
1008. A – qué liCÓptero! ↑ ↓
1009. P – helicóptero tá guardado olha aquí na mão da ()
1010. B – () comendo o couve olha o couve que delícia ó
1011. A – papai? ↑
1012. P – hum?
1013. A – ((*brincando com um helicóptero de brinquedo*)) o piloto! ↑
1014. P – cadê o piloto? ah olha lá o piloto filho!
1015. A – piloto tá diigindo ↓
1016. P – o piloto tá dirigindo isso mesmo!
1017. B – vamo comer?
1018. P – o piloto tá dirigindo o helicóptero o piloto já papou comeu tudinho pra ficar forte igual o André vai comer tá?
1019. A – () fome ↓
1020. P – o piloto não tá com fome ele já comeu comeu tudo... ()

1021. B – ()
1022. A – papai? ↑
1023. P – oi? Dá aqui deixa o papai arrumar um negócio pra você
1024. B – mastiga e engole tudo bonitinho pra ficar forte tá bom André?
1025. A – tá tudo () ↑
1026. B – não tá tudo () faz dodói machuca
1027. A – () ↓
1028. B – () assim com mão pra bate palminha pode cantar... pode cantar ((cantando))
marcha soldado... como é que canta eu não sei esqueci você sabe?
1029. A – ((cantando)) ou ou ou ou ou ou ou ou
1030. D – () música do Tarzan
1031. B – ((cantando)) é o grito do Tarzan
1032. A – ((cantando)) ()
1033. B – segurou!
1034. A – iu:! ↑
1035. B – ((cantando)) ou ou ou... como é que faz o Tarzan? como faz o Tarzan?...
((cantando)) ou ou ou ou ou ou ou todo mundo segurando o tchan
1036. A – u::! ↑
1037. B – segurou!
1038. A – iu::! ↑
1039. B – qual música que você quer cantar?... cê sabe cantar Parabéns? vamo cantar
Parabéns pro Andrezinho que vai ter a festa dele mes:mo de dois ani:nhos
1040. A – () **vai te baão** ↓
1041. P – vai ter balão sim
1042. D – ((ri))
1043. P - vai ter balão na festa do André?
1044. A – sim ↓
1045. P – você vai estourar o balão?
1046. A – sim ↓
1047. P - o André tem medo de estourar o balão?
1048. A – sim ↓
1049. P – faz barulho né? pou! pou! pou! né?...vamo comer essa comida pra dormir? o
papai tá com sono
1050. A – a baá ↓
1051. a bala
1052. P – ã?
1053. A – qué comê a baá ↓
1054. P – quer comer a bala? é: cê comeu uma bala cê gostou né? cê não vai vê bala
tão cedo
1055. A – ()
1056. P – () balão
1057. D – ((ri))
1058. P – ()
1059. B – ()
1060. A – no dedo! ↑ ((brinca com a comida))
1061. P – no dedo? é pra comer e pôr na boca!
1062. A – ()no dedo ↓
1063. P – é na boca!
1064. A – () dedo ↓
1065. B – André mastiga e engole pra você ficar forte André... pra depois o [[André
poder/
1066. A – [[no dedo!
↑
1067. P – no dedo?

1068. A – no dedo! ↑
1069. P – quer dormir com o papai na rede?
1070. A – () sim ↓
1071. P – sim? então come a comida porque o papai já vai papai tá com sono
1072. A – papai? ↑
1073. P – oi?
1074. A – no dedo! ↑ ((tenta juntar os dedos da mão))
1075. P – eu tô vendo que é no dedo mas o papai tá com sono o papai quer ir dormir
1076. A – () tá escondido do baião ↓
1077. P – tá escondido?
1078. B – cadê o André? ((a criança esconde o rosto))
1079. A – () ta dificiu
1080. P – tá difícil filho?
1081. A – é uma taitauga ↓
1082. B – será que é uma tartaruga?
1083. A – é o chapo ↓
1084. B – será que é o sapinho? não... cadê o André? cadê o Andrézinho gente?
1085. P – eu não vi ()
1086. B – ai tá difícil hein?
1087. P – tá difícil
1088. B – será um boneco? não não é um boneco quem será? cadê o André?
Andrézinho cadê você? ai como tá difícil... de quem será que é esse () aqui? eu acho que é do ()... cadê o André? hum não sei se tô um olhinho ali...
1089. A – ()
1090. B – é o André:!
1091. A – é/ é o licóptero! ↓
1092. B – que que é?
1093. A – é o licóptero! ↓
1094. P – não é helicóptero é o André achou!
1095. B – achou é você André!
1096. A – é o licóptero! ↓
1097. B - não é o helicóptero é você achei o André... vai/ vai mastigando () se parar de mastigar eu não vou brincar mais não... ai cadê o André? André cadê você? ai tá difícil hein [[eu tô vendo o () André?
1098. P –
[[tá difícil
1099. B – não é o André não é um boneco... é um boneco! de quem é esse pé aqui gente?
1100. A – ((ri))
1101. B – é o André! achou você André!
1102. A – () não é um boneco ↓
1103. B – não é um boneco?
1104. A – é uma taitauga! ↓
1105. B – ((cantando)) () tartaruga [[uga uga
1106. A – [[é/ é o sapo! ↓
1107. B – ((cantando)) o sapo não lava o pé
1108. A – é o sapo! ↓
1109. B – ((cantando)) não lava porque não quer
1110. A – ()
1111. B – ó vamo comê porque/ ô André eu vou procurar você você sabe por que? () bem difícil de encontrar
1112. A – () não:: ↓
1113. B – vai comendo pra ficar forte

1114. P – come filho come a comida...vai dormir com o papai na rede o papai tá com sono... ()

1115. D – se o André comer tu:do eu vou dar um presente pro André o André quer presente?

1116. P – a Alessandra vai dar presente pro André?

1117. D – o André quer presente?

1118. A – sim! ↓

1119. D – sim?

1120. A – não! ↓

1121. D – não?...sim ou não?

1122. A – não! ↓

1123. P – [() dela ainda

1124. D – [()

1125. A – () dela ↓

1126. P – por enquanto é dela

1127. A – ()

1128. B – você tá difícil de encontrar...

1129. P – tá difícil viu André

1130. B - o André tá se escondendo eu quero saber onde o André se escondeu... qual o seu nome?... qual o seu nome menino? eu acho que esse não é o André... quem é esse menino?

1131. A – é o Fiipão ↓

1132. B – é o Filipão? será que esse é o Filipão gente? eu acho que não esses olhos tá diferente acho que esses olhos/

1133. A – é a vó Maria! ↓

1134. P – é a vó Maria?

1135. A – () é a vó Maria! ↓

1136. B – onde tá a vovó Maria?

1137. A – ()

1138. B – ()

1139. P – ()

1140. A – () a vovó Magda ↓

1141. P – a vovó Magda? você foi na piscina com a vovó Magda?

1142. A – não!... quero um baão ↓

1143. P – então come a comida aí que papai dá um balão pra você... geralmente ele come mais fácil Alê

1144. D – ah é?

1145. P - é que a () deu bolacha pra ele

1146. D – ((ri)) hum!

1147. P - um de cada vez filho come primeiro o da boca depois cê pega só um... André só um André não é brinquedo é comida

1148. B – () como que você vai comer André [[um de cada vez né?

1149. A – [[qué um baão!... qué um baão! ↑

1150. P – quer balões?

1151. A – sim ↓

1152. P – então primeiro precisa comer a comida o papai vai buscar pra você come

1153. B – o papai pega tá?

1154. P - o papai vai buscar vai comendo aí

1155. B – mastiga e engole que o papai dá um balão

1156. D – hum!

1157. B – só brinca com o balão quem come sabia? como que vai correr atrás do balão quando o balão pular? tem que ter força nas pernas né então tem que comer... quem não come não fica forte tá bom?... deixa eu ver as pernas do André olha só tá ficando grossinhas hein André?

1158. P – () cê sabe se seu () já foi? já foi né?
1159. B - foi
1160. P – é?... tá comendo tudo? tá?
1161. B – ih cadê o balão do André?... sabe onde eu tô vendo? dentro dos seus olhos eu tô vendo () aqui
1162. P –(*brinca com um cachorro de bexiga*) André olha tem um cachorro na cabeça da Mimi ó!
1163. B – cadê André?
1164. P – agora na cabeça do papai... (*imitando um cachorro*) au au au!... tá latindo o cachorro?... (*imitando um cachorro*) au! au au au au au!... mastiga e engole a comida querido
1165. A – u u u
1166. P – tó
1167. B – olha o cachorro!
1168. A – () um baão ↓
1169. P – então mastiga e engole tó
1170. A – () da Cataina tinha um baão ↓
1171. P – tinha um balão que que aconteceu no balão na festa da Catarina?
1172. A – itoou ↓
1173. P – estourou!... e o André que que fez?
1174. A – ficou choando ↓
1175. P – ficou chorando mas depois ficou tudo bem né? né?
1176. A – o André () (vuá) o baão ↓
1177. P – é? você quer voar no balão?
1178. A – sim ↓
1179. P – mas esse balão é pequenininho você não cabe dentro
1180. A – () baão ↓
1181. P – você não cabe aí dentro filhê... o balão é pequenininho esse aí
1182. A – não é de voar ↓
1183. P – não é de voar esse aí
1184. A – não é de voar esse ↓
1185. P – esse aí também não esse aí é um cachorrinho... né?
1186. B – ()... () balão vermelho ó... que lindo!... quem fez esse cachorrinho pra você André?
1187. P – foi o ()
1188. B – ah foi o () que legal!
1189. A – pou! pum! pum! (*brinca com um balão*)
1190. P – não vai estourar não... não tá bem cheio esse aí
1191. A – () da Catalina itoou o baão ↓
1192. P – na festa da Catarina estourou o balão foi isso mesmo
1193. A – André ficou choando ↓
1194. P – o André ficou chorando?
1195. A – foi ↓
1196. P – mas depois ficou tudo bem né?
1197. A – papai? ↑
1198. P – oi?
1199. A – vo voar no baão! ↓
1200. P - cê quer voar no balão?
1201. A – sim ↓
1202. P – mas esse balão é pequeno filho
1203. A – não é de voar ↓
1204. P – não é de voar esse aí
1205. A – vo itoar ↓
1206. P – não estoura não

1207. A – pequenininho ↓
 1208. P – hum?
 1209. A – pequenininho ↓
 1210. P – é não tá muito cheio tá só a metade
 1211. B – vai comendo e vai brincando com o balão tá bom?
 1212. A – () baão não é de voar ↓
 1213. P – não é de voar esse aí mas é de/ ó a comida é de comer ó come a comida
 come
 1214. A – a tia () lá no cé:u ↓
 1215. P – é? a tia () falou isso pro cê? foi?
 1216. A – au: ↓
 1217. P – é:? ((imitando André)
 1218. B – cadê a tia Ângela André?
 1219. A – tá tabaando tá tabaando ↓
 1220. P – tia Ângela tá trabalhando filho? mas ela volta né?
 1221. A – () go:!! ↑
 1222. P – o André fez gol com a tia Angela hoje?
 1223. A – é ↓
 1224. P – é?
 1225. A – qué o baão! ↓
 1226. P – então come a comida querido come meu anjo
 1227. A – ((cantando)) ()
 1228. B – olha... come pra ficar forte
 1229. A – ((cantando)) paabéns pa Cataina paabéns po João () po João nada! ↑
 1230. P – tudo!
 1231. A – na cabeça ↓
 1232. P – na cabeça?
 1233. A – ((cantando)) ()
 1234. P – come mais comida
 1235. A – () pequenininho ↓
 1236. P – é tá só a metade
 1237. B – vai comendo come pra/ pra ficar forte come toda a comidinha André to
 1238. P – come filho come o frango!
 1239. A – qué o baão! qué o baão! ↑
 1240. P – come o tomatinho então [[tomatinho
 1241. B – [[ó tomatinho
 1242. P – () eu já volto

5ª gravação: 17/05/05

André: 25 meses e 24 dias

Transcrição de cenas filmadas pela pesquisadora na casa do pesquisado André,
 envolvendo também seus pais em alguns locais de sua casa – Sessão 05

Ambiente desta sessão: Cozinha do apartamento do André.

Identificação: A (André), P (Pai), M (Mãe), Pe. (Pesquisadora)

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

Obs. Não é possível ter certeza se A. nesta sessão diz “mocinho” ou “mocinha”, embora o primeiro pareça mais plausível

Cena 1: André e Mãe estão na cozinha.

1243. A – Mocinho, mocinho ↑alessandra.....((incompreensível)) Yes I do.
Uhhh::.....Yes I do ((cantando))
1244. M – Você não tá entendendo o que ele tá falando porque ele tá falando em inglês.
1245. Pe – A:: É::?
1246. M – I don't know my shake but any yes I do.
1247. Pe – ((risos)) Ah! Porque eu não sou poliglota que nem o André. ((risos))
1248. M – Ela não entendeu o que é filho, porque ela não conhece essi essi essa fita... a gente pode cantar pra ela.
1249. A – Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. ((fala como se estivesse dando bronca, mas ele dança ao falar, não está bravo)) ↑
1250. Pe – O que ele fala que eu não entendo?
1251. M – Mocinhu.
1252. Pe – Mas por quê?
1253. M – Porque eu dei bronca nele. Mocinho ((risos da Pe.))
1254. A – ((ininteligível)) Cadê uououo uououo ((ininteligível)) a du tazã....((cantando))
1255. Pe – Essa eu conheço. ((risos))
1256. M – Uo:uououoo: Uo:uououoo:.
1257. A – Ah! Tum! ((se atira no chão))
1258. M – Uo:uououoo:
1259. A – Tô gatinhando ((começa a gatinhar pela cozinha)) ↓
1260. M – Tá o que filho?
1261. A – Tô gatinhando ↓
1262. M – Tá gatinhando? ((risos da Pe)); ((A. engatinha pela cozinha))
1263. M – Ah! Eu quero beber alguma coisa. Mas não é isso aqui não. Não é refrigerante.
1264. A – Uouououo ((joga uma peça de plástico))
1265. A – Mocinhu. Mocinhu. ((levanta e dança))
1266. M – Mocinhu:. ↑
1267. A – Ah! Uo:: ((senta no chão)) ((ininteligível))
1268. Pe – Ele tá ((ininteligível))
1269. M – André “I konw my shakes” “I konw my shakes”((cantando)) ((A. brinca de engatinhar no chão e se aproxima do fogão)) Não:: no fogão não pode. ((puxa A. para afastá-lo do fogão) Mocinho fora daí ((A. acende a luz do forno))
1270. Pe - Ele usa como espelho o fogão.
1271. M – [Não. Não ((A. fica olhando o forno com a luz acesa)) Uh, Uh ((reprovando A.) Não é brinquedo. ((afasta o André da frente do fogão)).
1272. A – ((A. sai pulando de perto do fogão)) Mocinha ↑ ((Vai em direção à pesquisadora)) ah uhh

1273. Pe – ((ininteligível)) Tem uma parede aqui ((fala para André que parece quer “atravessar a parede”)) ((A. volta até o Fogão e a mãe o pega no colo))
1274. M – Vem cá filho. É Perigoso. No fogão tem fogo. Queima.
1275. A – Eu quero esse ↓
1276. M – O qual? O frango?
1277. A – Esse daqui ↓
1278. M – O garfo? Péra aí, cê vai comê aqui. Fala direitinho o que você quer.
1279. A – Eu quero esse. É: esse. Esse tá quenti. ((pega o pedaço de frango que está no prato e põe na boca)) ↓
1280. M – Toma aqui. Isso ((andré coloca o osso do frango sobre a mesa e a mãe dá um outro pedaço de frango para o André))
1281. A – ((A. desce do colo da mãe, anda)) Quelo mais flanguinho. ↓
1282. M – Quer mais?
1283. A – Uh!
1284. M – Isso é sim que se diga?
1285. M – Faz de novo. Uh!
1286. A – Huh!
1287. M – Ah::: não. Vem cá. ((A. vai até a mãe e come mais um pouco de frango)) Nhoch! ((A.vai até a pesquisadora e volta ao fogão))
1288. M – Não. Andrezinho aí é perigo. Perigo. Não. ((tenta puxá-lo pela mão))
1289. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↓
1290. M – [Quer mais? ((oferece comida)) Não pode mexer no fogão. Qué?
1291. A – Alessanda ↑
1292. Pe – hum!
1293. A - ((ininteligível)) nu fugão. ↑
1294. Pe – Não pode mexer no fugão.((André vai novamente até a mãe para comer e em seguida volta para o fogão))
1295. M – Fora André. Meia volta.
1296. A – telefone! ↑
1297. M – Mais não foi aqui. Foi no outro apartamento.
1298. A – /ta cu medo do apatamentu/ ↓
1299. M – Ta com medo do apartamento?
1300. A – tá ↓
1301. M - Como assim?
1302. A – Ah!
1303. M – Ah ((imita André)) Cuidado ((A.pega o celular da mãe)) ! O telefone é da mamãe.
1304. A – eu vo ((ininteligível, faz como se fosse apertar as teclas para ligar)). ↓
1305. M – Pode fazê. Mais cuidado.
1306. A – Alou! Alou! ((coloca o telefone no ouvido da mãe)) ↑
1307. M – Alou! Quem é?
1308. A – ((ininteligível)) nu fugão. ↑
1309. M – O André não pode mexer no fugão não. Mais o André pode comê franguinho. ((Risos da Pe))
1310. A – ah aha ha ((ininteligível)) ((Vai até o fogão e volta até a pesquisadora algumas vezes. Dança, imitando uma dança) u elmo pula ((ininteligível)) ↑
1311. M – O elmo dançando?
1312. A – U elmu pula bem longe. ↓ luhhh....((salta))
1313. M – Ah. Ele pula alto, não é? na fita, quando ele tá dançando? ((Risos da Pe)) Tchau.
1314. A – U elmo. ↑
1315. M – Circulando.
1316. A – É. É. Ele vai pulando. Èuuu! ((gritando))
1317. M – Eh! Depois a gente mostra pra Lê como é.

1318. M – Alê é o seu telefone.
1319. Pe – É acho que é. Mas deixa eu pego.
1320. M – Qué que eu pegue?
1321. A – ((fica brincando pulando na cozinha)) Eh! Uh! Uh!
1322. M – eh uh uh ((imita A.))
1323. A – Quelo cumidinha. ↓
1324. M – Pois então Alêzinha.....nunca mais vi admitir que já vem com a gravidez.
1325. Pe – Mas foi por causa disso.
1326. M – Você quer comê esse?
1327. A – sim. ↓ mas eu quello fanguinho ↑
1328. M – Franguinho, precisa esquentar mais. Pera aí, eu vou esquentar pra você. ((A. Vai pulando e gritando até a pesquisadora e volta até o fogão. Volta e agarra a calça da mãe)) ai. Não segura na minha calça. Qué experimentá esse ((oferece alguma comida))?
1329. A – Eu qué/ eu qué/ eu quero o arroz e tudo.....é tudo. ↓
1330. M – Você quer arroz?
1331. A – É tudo. É tudo. ↓ u o u o ((gritando))
1332. M – Vou fazer um pratão pra você filho, tô vendo que cê tá com fome ((começa a falar com a Pe)) A gente tava no clube. Eu fui trocar a fralda dele no berçário
1333. Pe - hã
1334. M - e ele saiu correndo, tinha umas senhoras lá limpando, varrendo e ele achou um pacote de bolacha água e sal e ele foi lá e alcançou o pacote e pegou o pacote.
1335. A – o Andé correu ((incompreensível)) /a pãta gande/ ↑
1336. M – é::: Você pegou a bolacha da tia?
1337. A – ((incompreensível)) Na boca....na boca.... ↓
1338. M – Você tem sorte de ser bonitinho e a moça achô fofinho.
1339. Pe – ((Risos))
1340. M – Sai daí. Não. Não. Não.
1341. A – Eu qué/eu quero uma ceveza. ↓
1342. M – Eh. Você já tem uma cerveja que você estragô que tá por aí.
1343. A - ((incompreensível))
1344. M – Alê cê não veio naquele dia do Adê (refere-se à festa de aniversário dele) tava legal quer dizer eu tava morrendo de sono
1345. A – [((incompreensível))
1346. Pe – Então::
1347. M – [((incompreensível))
1348. Pe - eu tava.....o que que aconteceu aquele dia? Eu dei aula até as oito horas.....e.....foi aniversário da minha....da minha tia que fazia oitenta anos.
1349. A – [((Gritos, parece querer chamar a atenção)) A galafa mamãe ↑ ((pega a garrafa)) quello esse mamãe quello esse esse ↓ ((M. fecha a tampa da garrafa e deixa com ele)) ((grita chuta a garrafa e depois pega ela do chão)))
1350. M – [assim não [Nem chutá. Nem chutá.
1351. A – Uhhh, Uhhh. Que gotosa a ceveza.((virando a garrafa de refrigerante como se fosse tomar, parece imitar alguém, talvez seu pai)) ↓
1352. M – Que gostosa a cerveja? Ess é quaraná, não é cerveja. ((A. Joga a garrafa no chão)) Ah André Não, não, não.
1353. A - [((incompreensível)) a cerveza ↑
1354. M – Mais não pode ficar jogando a garrafa, não é brinquedo.
1355. [((incompreensível)) ((vai novamente em direção ao fogão))
1356. M – ih, menino hoje você tá que tá. Heim! ((risos da Pe)) Até parece que você percebeu que eu não estou com pique pra ficar atrás de você ((segurando o André)) Vem cá comigo. Olha aqui pra mim ó. ((cochicha algo no ouvido dele))
1357. A – Entendeu ↓
1358. M - Entendeu?

1359. A – ah pulô, pulô, pulô. ↓
1360. M – Cê qué arroz com franguinho. Olha eu pus aqui pra você.
1361. A – eu quero esse ↓ ((incompreensível)) Cadê aquela /save/? ↑
1362. M – A chave tá na porta ((senta-se, tenta almoçar))
1363. A – ((vai até a porta)) eu quero esse eu quero esse mamãe ↓
1364. M – André:: ((fica incomodada))
1365. A – ((incompreensível))
1366. M - Eu acho que a gente vai mostrar seu quarto de brinquedos pra Alessandra. Né? ((M. e Pe conversam, ininteligível)) vamo ver se tá quente pêra aí pera aí tá quente? Dá pra ir? ((parece que ele concorda, então ela dá comida na boca de André; ele vai em direção à Pe, ela o chama por algum nome de desenho animado japonês) o /zagumafu! ((Risos da Pe)) ((André vai ao encontro dela para comer)) que fome!
1367. Pe – também pulando desse jeito, né? Gasta muita energia
1368. A – Mocinhu. Mocinhu. ((pulando enfrente ao fogão e olhando no reflexo do vidro)) ↑
1369. M – Mocinho ((imita André))
1370. Pe – oh lá ele fica sambando e olhando no fogão oh.
1371. A – Mocinho. Mocinho ((continua sambando, Pe ri)) ↑
1372. M – acho que é mocinho que ele fica falando tem umas horas que eu fico na dúvida ((Risos da Pe)) Hei!
1373. A – Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. Mocinho. ↑
1374. M – [No fundo eu não sei.
1375. A – mocinho ↑
1376. M – [Não senhor. ((A. pára de pular e bate na as mãos na geladeira)). O que você tá falando? Não senhor? Mocinho?
1377. A – batucada ↓ ((começa a bater com uma colher na cadeira))
1378. M – batucada?
1379. M. ô menino mas hoje você tá muito se divertindo aí ((risos de Pe)) tá ligado no 220 ww? Ah::
1380. ((ininteligível)) u fugão ((ininteligível)) ↑
1381. M – [André no fogão pode mexer? O fogão é pra brincar?
1382. A – a pum::: ((não responde para a mãe, continua a brincar)) batucada ((ininteligível)) bacu/tada ((continua a bater com a colher na cadeira)) ↓
1383. M – Bacutada, né?
1384. A – batutada/ ↓ ((continua a bater com a colher agora na mesa))
1385. M – batutada ((risos)) não não não assim quebra a mesa, filho, quebra a colher oh qué? ((oferece comida para André e ele continua a bater)) devagarinho
1386. A – Bacutada. Batucada. Bum bum ↑
1387. M – qué franguinho com arroz? ((A. continua a bater))
1388. A – não quero. Quero batucada batucada ((batendo)) ↓
1389. M – luru::! ((sinaliza não com a cabeça))
1390. A – ((ininteligível)) Batucada. ((continua a bater na cadeira)) ↓
1391. M – eu preciso arranjar um tambor pra você batucá. Faz tempo que eu tô procurando um tamborzinho.
1392. A – ((ininteligível))
1393. M – Na verdade é que o papai não qué ((A. grita)) Vão ser duas alegrias: quando ganhá e quando quebrá.((risos da Pe))
1394. A – Eu quero ↓ ((ininteligível)) pé pé pé.....((batendo a colher na cadeira e cantando))
1395. Pe – Você precisa por ele pra fazê aula de música.
1396. M – Ele gosta .. Ele tá cantando ((ininteligível))

1397. Pe – Eh
1398. M – pés pés pés.....
1399. A - pés pés pés.....((batendo a colher na cadeira e cantando))
1400. M – [a gente precisa mostrar tudo pra Alessandra, porque.....((Risos da Pe))
1401. A - pé pé pé.....((batendo a colher na cadeira e cantando))
1402. M – [Esse Vila Sésamo é muito bom.
1403. Pe – É né. ((risos))
1404. A – [pé pé pé.....((batendo a colher na cadeira e cantando)) ((ininteligível))
1405. M – Vamos aprender então ((cantando))
1406. A – ((ininteligível)) o oto não queria cantá ↑
1407. M – É, ele não queria cantar, mas ele acabou cantando no fim.
1408. A – Cabo ↓
1409. M – Depois no fim ele cantava assim, né. 1,2,3,4,5,6 é assim que os números são ((cantando uma musiquinha))
1410. A – O ato pego o eno ↓
1411. M – O rato pego o eno? Não!
1412. M – Qué franguinho com arroz?
1413. A – ((ininteligível)) eu qué/ eu quero aquele mãe ↓
1414. M – Aquele não é brinquedo. É minha chaleira, meu amor.
1415. A – ((ininteligível)) mas eu quero fazê assim ((mexe a colher que está em sua mão)) ↓
1416. M – Não, vai quebrá.
1417. A – a a Alessandra ↑ ((ininteligível)) podi fazê assim ↑ ((mexe a colher novamente))
1418. Pe – Não. Não pode.
1419. A – ((ininteligível))
1420. M – A Lê ta bem:: com o ouvido bem treinado agora.
1421. A – ((ininteligível))
1422. M - A cerveja não. Ó.
1423. A - eu quero essi ↑
1424. M – Não sai do fogão.
1425. M – Qué franguinho com arroz? Posso comê filho?
1426. A – Pépépé.....pépépépé.....((cantando))
1427. M – você não qué mais? Posso comê.
1428. A - Pépépéi.....pépépépéi.....((cantando e batendo a colher na cadeira))
1429. M – Ele ta começando a tentá fazê um.....variações musicais.
1430. Pe – Que bom né.....
1431. M – Pára. Pára. ((pede para A. parar de bater com a colher na cadeira))
1432. A – ((ininteligível))
1433. M – Eu vou comê o seu, cê não qué?
1434. A – ((ininteligível, Bate com a colher numa tampa de plástico em cima da mesa canta alguma coisa com os números, vai até o 12))
1435. M - Até o doze foi bem ((risos de Pe))
1436. A – ah ah ↑ ((joga a colher no chão e faz esse barulho como se estivesse se “auto-reprovando” ou imitando o que os pais fazem quando ele joga os objetos no chão))
1437. M - Ele não gosta do treze
1438. Pe – Que coisa.
1439. A – Ah! Ah! ((joga a colher no chão)) Ah! ((pega a colher e volta a bater com a colher na mesa))
1440. M – Pára.
1441. A – ((ininteligível)) um, dois, teís, kuaito/kato, cinco, seis ((cantando)).....
1442. M – [((ininteligível)) meninão ((risos da Pe))
1443. M – Um, dois.

1444. A – Ah:. Que cambaota, upi.....dá cambaota, upi:. ((brinca de dar cambalhota)) ↓
1445. M – [Cuidado meu bem.
1446. A – [Deu cambaota ↑
1447. M – Dei cambalhota, né.
1448. A – Deu cambalhota, upi ↓
1449. A – Lessanda, pu favo ↓
1450. Pe – hum
1451. A – Eu que/ eu que/mexê nesse ↓
1452. Pe – O que você qué?
1453. A – Eu quero mexê↓...puim:.. ↑
1454. Pe – Não pode. Esse daqui:.
1455. M – Ele falô Alessandra por favor, ou eu.....
1456. Pe- Falô:((risos)) ((A. vai até o fogão novamente))
1457. Pe – Tá muito educado esse menino.
1458. M – Não lá.
1459. A – ((ininteligível)) aqui por favor. ↓
1460. M – Qué? ((oferece uma colherada de arroz com frango e A. come)) ((risos))
((ininteligível)) Um, dois, três....((cantando))....Oh! ((o André se aproxima do fogão))
André, não to brincando filho.
1461. A – lissanda! ↑
1462. Pe – oi:.
1463. A -Ah, Uh,.....mocinho, mocinho ((pulando e dançando)) ((risos da Pe))
1464. M – Conta pra Alessandra que você vai pra escola.
1465. A – ((ininteligível)) icola.....eu to viando, eu to viando... ↓
1466. Pe – ((risos)) você vai pra escola, ô: sambista. Hein?.
1467. A – Eu tô rodando ↓
1468. Pe – Eu tô rodando. ((risos))
1469. M – agora pro outro lado.
1470. A – ((se joga no chão)) ai minha bunda ↑
1471. M – Ai minha bunda.
1472. A – Ai minha banda ↑
1473. M – Ontem à noite, eu fui por a fraude pra ele dormir “Oi mãe, lavá a
bu:n:da.((risos da Pe)) bu:n:da”
1474. Pe – o André quando é que você vai pra escola, André?
1475. A – Bum:.. ((senta no chão))
1476. Pe – Hein?
1477. A – Qué? ↑
1478. Pe – Quan/....
1479. M – Semana que vem.
1480. Pe – Quando que você vai pra escola? ((A. quer mexer no gravador)) Não num
pode.
1481. Pe – Conta pra mim quando é que você vai pra escola?
1482. A – Mamãe ↑
1483. M – hum?
1484. A – ((ininteligível)) come tudo cum arrois, ↑ ((pega uma tupyware que está sobre
a mesa))
1485. M –Uh, Uh. ((no sentido de não deixar)).
1486. A – É tudo. Qué tudo. Qué tudo. Qué tudo. ↓
1487. M – Cê qué comê arroz?
1488. A – eu que/eu que/mexê nesse ↓ ((põe a mão na vasilha))
1489. M – ((risos da M. e da Pe.)) Não, não.senhor. Não, não filho:. Pára, pára ((André
coloca a mão dentro da vasilha e pega o arroz)) puts... Ale/.Ô: ô: André, a
Alessandra nunca vai quere comê aqui. Vendo essa cena “apocalíptica” ((risos da
Pe))

1490. A – puca'ia: ↓
 1491. M – Que porcaria filho.
 1492. A – Que poca/tica ↓
 1493. M – apocalíptica
 1494. Pe – Mas também né. Cê ta querendo que ele aprenda ((risos))
 1495. M – não eu não to querendo, eu falei espontaneamente e ele ta tentando repiti. Eu só to...
 1496. M – Ah, do chão não filho. Pára. Pára, do chão não. ((o André está pegando o arroz que caiu no chão e pondo na boca))
 1497. A – Aqui um arroiz ↓ ((pega arroz no chão))
 1498. M – Tó, vem cá.
 1499. A – a bum ((senta no chão))
 1500. M – Ó, ó, qué? ((oferece arroz para ele))
 1501. M – Mais do chão não é prá pega ((A. vai até a pesquisadora e dá uns tapinhas na perna dela))
 1502. M – Que é isso? ô bonitinho.
 1503. A – Quelo futa. Quelo futa. ↓ ((a mãe está com a geladeira aberta e ele olha dentro))
 1504. M – te salvei agora a cabeça, viu. Cê pode ter se assustado, mais cê ia dá uma batidona. ((a mãe está recolhendo as coisas de cima da mesa e guardando na geladeira))
 1505. A – eu quero esse eu quero esse ↓
 1506. M – vamos prá sala. Prá sala.

((interrupção na gravação, se deslocam para o quarto onde ficam alguns brinquedos, depois vai ao escritório))

1507. A – ((ininteligível))
 1508. M – ah vai precisar colocar pilha ((ininteligível)) ((um brinquedo do A. que toca música))
 1509. A - eu quero toca a pii:a ↑
 1510. M – eu não sei se eu tenho pilha eu vou procurar tá bom?
 1511. A – ((ininteligível))
 1512. M – [ah pera aí, se eu puser direito pera aí, empresta pra mamãe empresta pra mamãe
 1513. A – eu qué/ eu quero a pii:a ↑
 1514. M – nã/
 1515. A – eu quero a pii:a ↑
 1516. M – pera aí ((ininteligível)) pe::ra
 1517. A – é pia é pia...é pia↑ ((ininteligível, pega uma bola grande))
 1518. Pe – uma bolona!
 1519. A – asei u eicópitu asei u eicópitu ↑ pu pu ((imita o barulho de um helicóptero)) ((fala sozinho, boa parte é ininteligível, ele brinca, fala eicópitu e não)) ((fica sozinho na sala, a mãe sai, ele tenta brincar com o brinquedo que a mãe estava trocando a pilha, se desinteressa e volta para o helicóptero)) ele sobe ele desce ((ininteligível)) dá licença?↑
 1520. Pe – onde vai? ((A. engatinha para ir ao outro quarto dos brinquedos))
 1521. A – pum pum pum (imita som do helicóptero, levanta-se e vai ao quarto, encontra a mãe pelo caminho que passa por ele, lhe faz um carinho)) ele sobe ele desce ele sobe ele desce ele sobe ele desce ele sobe ele desce ((ininteligível, continua falando e brincando sozinho)) ((volta para o quarto dos

- brinquedos, reencontra sua mãe sentada no mesmo local com o brinquedo da pilha, pega um brinquedo e o entrega a sua mãe)) e
1522. Pe – ai o burro do Shrek
1523. M – ((ininteligível))
1524. oi buo ((quer estabelecer um diálogo entre os bichos/brinquedos))
1525. M – oi André! Tudo bem? Ai minhas orelhas, ai André cê tá mordendo minhas orelhas? Ai solta! Solta minhas orelhas! ((abraça A. que está mordendo de fato as orelhas do brinquedo))
1526. A – oi buo
1527. M- Oi André tudo bem?
1528. A – tudo ((mãe espirra)) oi buo? Tudo bem? ((brincam com o burro de plástico e outro boneco))
1529. M – tudo bem? ((A. joga o brinquedo e a mãe fala como se ela fosse o brinquedo e sentisse ter sido jogada)) ai:!
1530. A – ((ininteligível)) o buo ((ininteligível)) o buo? Queo a piia
1531. M – essa pilha eu vou guardá
1532. A – oi buo!
1533. M – oi burro tudo bem? cê vai no colo da mamãe? Mamãe vai fazê um carinho em você
1534. A – ((pega novamente a bola)) ((ininteligível)) buo
1535. M – ta jogando vôlei André? Agora jogou o quê? futebol?
1536. A – vou diigi
1537. M – dirige ((A. joga o burro e a mãe novamente fala como se fosse ele)) ai:!
1538. A – ((ininteligível))
1539. M - mãe pega o burro e o equilibra em cima da bola)) o o o:: ((André o derruba)) ai:!
1540. A - u buo caiu eli/eli bateu a cabeça
1541. M – ele bateu a cabeça, filho, coitado! ((André morde as orelhas do burro)) Ai minhas orelhas ai ai ai ai::solta não morde minhas orelhas ai:: solta solta solta solta
1542. A - ((ininteligível, fala com o brinquedo na boca)) a boca
1543. M – tira da boca, filho
1544. A – oi buo
1545. M – oi burro oi André
1546. A – oi buo ((o brinquedo está na mão da mãe e ele tenta pegar, a mãe não deixa)) ah ah ah:: mamãe ((ele finge chorar, a mãe desiste de devolve o brinquedo)) eu queo a piia ((ininteligível))
1547. M – tststs ((negando)) pilha não é pra brincar eu pus aqui mas não funcionou eu vou guardar já
1548. A – oi buo oi buo
1549. M – oi André
1550. A – eu qué o buo
1551. M – ((ela fala como se fosse o burro)) vamo brincá André eu quero brincar de esconde-esconde eu vou me esconder tá? Eu vou me esconder ((coloca o burro embaixo da perna)) cadê o burro? Achou! Muito bem!
1552. A – [() (mexeu) a oelha
1553. M – ih mexeu...mexeu as orelhas
1554. A – é...oi buo
1555. M – oi André... vamo brincar de esconder mais um pouco?
1556. A – () eu qué o buo
1557. M – ()
1558. A – () u caminhão
1559. M – caminhão caminhão ((cantando))
1560. A – (o Andé icondi)
1561. M – (escondeu atrás da) () ai!

1562. A – ()
1563. M – qual música do Shrek?
1564. A – ()

((interrupção na fita))

6ª gravação: 12/06/05

André: 26 meses e 19 dias

A - criança

M - mãe

P - pai

Pe - observadora

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

André e o pai estão na sala assistindo à televisão (esta cena toda se passa aqui, diante da tv)

1565. P – vem ... abre a boca André ((André come uns cereais em um pote de plástico, já está no sofá, e quer brincar nele)) ... mastiga depois cê pula ... mastiga e engole ... tá
1566. A - (qué u) Van Gogh
1567. P – qué (vê) do Van Gogh? ... papai vai pôr ... mas não é pra fica pedindo pra troca não tá ... tá bom? ... tá bom?
1568. A –tá
1569. P – então tá bom
1570. A - (qué u Van Gogh)
1571. P – cê gosta do desenho do Van Gogh? Hum? cê vai mostrar pra Alessandra o desenho do Van Gogh .((A. faz sim com a cabeça)).. É?
1572. A -aqui ... ()

1573. P – (vai cantá?)
1574. A - vai
1575. P – então canta?
1576. A -()
1577. P – hã? ... tá bom
1578. A – uouououo ((grita))
1579. P – o quê?
1580. Pe - ele qué outra música
1581. P – é a música do Tarzan ((Pe ri)) canta a música do Tarzan pra Ale ela não sabe
1582. A – uouououo ((cantando e gritando))
1583. P – é o grito do Tarzan ((cantando)) () ... mas como é que fala isso?
1584. A -ioiô ô ... ô
1585. M – ((fala ao telefone))
1586. P - [ó lá
1587. M – ((continua falando ao telefone))
1588. P - [vem cá ... vamo brincá com a Alessandra aqui ... brinca com
ela que eu conheço ... vem cá
1589. M – ué ... e o bolo? ... não tem mais? ... pode i ... ()
1590. A -ah tá ... ah tá
1591. P – ((imitando o filho)) ah tá ... ah tá ... ah tá
1592. M – quem qué mais bolo?
1593. A - (quéio suquiio)
1594. M – sucrilhos? ... sabe que tem sucrilhos ... pra sua sorte ((Pe ri))
1595. P – ó o teu Van Gogh aqui ô meu ((chamando na sala, André e M. estão na sala de
jantar))
1596. A – ()
1597. P – ó vai passar o Van Gogh agora ((chamando))
1598. M – vai lá ... vai lá na sala (que eu to fazendo o melhor possível isso aqui ... vai)
1599. P – olha o Van Gogh ... olha ali ... Vincent Van Gogh
1600. A - /vincen vã gogui/.../vincen vã gogui/
1601. P – ()
1602. A -((gritando)) ()
1603. P – o quê?
1604. A – é u vã gogui
1605. P – é o Van Gogh ((Pe ri))
1606. A - tá chujo de tinta
1607. P – ta sujo de tinta
1608. A –pintô?
1609. P – ele vai pintar (ainda) mais ... já pinto um monte mas vai pintar mais
1610. P – olha aí
1611. M - [() ... não quero sujeira hein ... é pra comer direitinho ... (põe o sapato)
1612. P – André:: que balaozão:
1613. A - u Shiréki tá foti
1614. P – hã?
1615. A -o Shiréki tá foti
1616. P – o Sherk é forte ... por que que ele é forte? ... porque ele come tudo né? Hã?
1617. A - () ele é sujo
1618. P - (porque ele é todo sujo)
1619. Pe - ((Pe e P conversam sobre a filmagem, ininteligível))
1620. P – (cadê) () André?
1621. A - tem sujeila
1622. P – hum?
1623. A -sujeila
1624. P- tem sujeira?

1625. A - é
1626. P - () nela () sujeira () filHO? ((André não responde)) ... põe tudo de volta agora ... isso ... sem sujeira filho ... () ... cê tá (entendendo como) é a orquestra? ((André não responde)) () ... oh ... oh ... quem que toca esse ()? ()
1627. A - ()
1628. P - () ... (hein?) ... como é o artista?
1629. A - ()
1630. P - () olha lá () ... ou ((Pe ri)) () tá ... tá bom?
1631. M -- eba o quarto também já tá mais ou menos () agora só falta o meu quarto o quarto () --
1632. P - ((ri)) ()
1633. M - ()
1634. A -mamãe?
1635. M - oi filho?
1636. A - tem sujela
1637. P - tem sujeira não ... mamãe já limpô tudo ... mamãe já falou ()
1638. M - é ... não faz sujeira ... -- cê viu Alê o que é que ele fez pra nenê?
1639. Pe - não ... ((mãe mostra o que o André fez para a nenê)) ai::: que FOFPe - : ((ri)) ... (que bonitinho)
1640. M- [()
1641. P - eu li:
1642. Pe - ()
1643. M - aqui?
1644. Pe - é:::
1645. M - ()
1646. P - [((faz um barulho alto como se estivesse cantando, depois bate palma)) ((Pe ri))
1647. P - () ... tem pra todo mundo filho? ((A. não responde)) que () bonito filho!
1648. A - () tá acabandu
1649. P - (tá acabando filho) ... ((ri)) (tá quase no fim?)
1650. Pe - (ele deve tá preocupado)
1651. P - é::: ... (o André limpou tudo ... parabéns filho) ... () ... pron:::to ... papai limpo Ó
1652. Pe - ()
1653. P - () pô
1654. Pe - hum
1655. P - ()
1656. M - que coisa não é ()
1657. P - é até aqui ó () ... (promete?)
1658. M - falei pra me lembrar dele que amanhã eu tenho fisioterapia
1659. P - IH ... IH
1660. A -()
1661. M - ((falando com o André)) ué ... cadê o sapatinho?
1662. P - IH ... () ... ()
1663. A -oi?
1664. P - (pera aí)
1665. M - tava aqui na minha mão
1666. P - ()((Pe ri)) André:::
1667. M - [André que história ()
1668. A - oh pai
1669. P - oi
1670. A -() comê tudo
1671. P - pode come tudo ((ri))
1672. A -comê tudo
1673. P - come tudo filho ... olha quem tem ó

1674. A - ()
1675. P - ()
1676. A - ()
1677. P - como?
1678. A - ()
1679. P - o quê?
1680. A - ()
1681. P - você quer ir pro seu quarto?
1682. A - ()
1683. P - nossa o sapo! ... que sapão né filho!
1684. A - uma (boneca)
1685. P - uma (boneca)?
1686. A - ()
1687. P - é::
1688. A - é uma minhoca
1689. P - ela é uma minhoca mesmo isso mesmo
1690. A - uma menina
1691. P - é:: uma menina ... ó lá ... olha os peixes que bonitos filho ... ó lá ele tá pintando () ... (lá vai ele)
1692. A - MÃE::
1693. M - pera aí André ... ()
1694. P - uau! Que bonito André a sandália que a mamãe comprou ! ((M. experimenta a sandália no pé do André)) é grande?
1695. M - é vinte e dois ()
1696. P - tá comendo tudo André?
1697. A - tô comendo tudo
1698. P - olha lá o quadro tá quase pronto
1699. M - ()
1700. P - e::
1701. A - [()
1702. P - ele pinta o quadro olha lá parabéns pra ele ... olha que quadro bonito
1703. M - ()
1704. A - ()
1705. M - ()
1706. P - ()
1707. A - ()
1708. M - quer pôr nesse pé? ... quer sandália nesse pé ou quer pôr ele de volta?
1709. A - sim
1710. M - sim o quê? ... quer pôr a sandália aqui?
1711. A - () na cabeça ((põe a mão na cabeça))
1712. M - você que coloca o sapato fora da gaveta? ((Pe ri))
1713. A - não (na ota) gaveta
1714. M - na outra gaveta ... posso tirar esse? ((com a mão no sapato direito do André))
1715. A - sim ()
1716. P - a mamãe vai fazer o rango agora deixa ela botá a sandália primeiro ... olha o rato ... é rato aquilo lá ou ((referindo-se ao que estão assistindo na tv))
1717. M - é coelho né ... não é coelho?
1718. P - vixi ... nada a ver hein meu filho () ... ((pai faz um barulho alto e André o imita em seguida)) ((Pe ri))
1719. P - l::
1720. A - l::
1721. P - EBA ... o André vai rege a orquestra ... vai André ((André faz o movimento de regência com um das mãos))
1722. M - quantas turmas você já corrigiu Adê? ((fala com P. sobre as provas))

1723. P – ()
1724. M – mais de uma ontem (três) é isso? Quantas faltam?
1725. P – (foi um acidente) ((risos Pe))
1726. A --((faz um barulho enquanto se levanta, derruba algum coisa sobre o sofá)) ()
sujeira ((Pe ri))
1727. P – fez sujeira filho ... foi um acidente ... VAI rege a orquestra ... ((André começa a pular sobre o sofá, próximo à parede)) NÃ NÃO NÃO cuidado ... cuidado que vai pegá a parede ... Ó se você cair você machuca a cabeça cuidado ((André senta))
1728. M – vai comer mais ainda?
1729. P – ((imitando um maestro com as mãos e fazendo barulho))
1730. M – que coisa () pequena num é possível
1731. A – () u pesse paiaço
1732. P – é o peixe-palhaço isso mesmo
1733. A - ()
1734. P – ah também ()
1735. M – tá dando ()((Pe ri))
1736. P – OLHA aquele que a vovó tem é esse?
1737. M – num é a vovó é a gente que tem
1738. P – a gente tem
1739. M –a gente trouxe da França ... ALÊ:
1740. Pe - hum?
1741. M – você pode trazer uns quadrinhos do Van Gogh da França?
1742. Pe - posso
1743. M – imã de geladeira ... tem lá no museu d’Orsay
1744. Pe - posso
1745. M – vô te mostrar ... ((olhando para o marido)) o que é Adê? ... tá achando abusado?
1746. Pe - não é
1747. M – [ela vai no museu d’Orsay com certeza
1748. Pe - é ... mas se eu não for eu posso ir lá pra comprar
1749. M – ((para André)) que cê qué? esse caiu ... toma esse ((dando o potinho para ele))
1750. P – [cê vai ficá em Paris?
1751. Pe - [vô
1752. A -- pode comê? --(falando para a mãe do sucrilhos que restou no potinho))
1753. M – pode comê ... não é um inferno essa história dela tá aqui e a gente não pode interagir com ela ((mãe sai da sala))
1754. Pe - ((ri))
1755. M – não é Ale?
1756. Pe - podê podê não pode mas a gente acaba interagindo um pouquinho
1757. M -- achei o sapatinho perdido --
1758. P – cê vê ... minha teoria é sempre válida ... uma hora aparece ... ((falando com o André)) olha lá chego o () ... U LÁ LÁ
1759. A -U LÁ LÁ
1760. M – [((falando com a observadora)) olha com um olho pra cá ... olha aqui do museu d’Orsay do Van Gogh
1761. Pe - que fofo isso é um imã?
1762. M- é um imã
1763. Pe - e cê qué um outro desse?
1764. M – diferente
1765. Pe - [AH: bom
1766. M – (mas) com a pintura do Van Gogh
1767. Pe - tá
1768. M – tá fácil ou não?

1769. Pe - tá ... e o ... e o quadrinho?
1770. M - que quadrinho
1771. Pe - cê num falô que cê qué um quadrinho?
1772. M - esse é um quaDRInho
1773. Pe - não ... mas num era quadro quadro mesmo?
1774. P - ()
1775. M - quadro quadro não
1776. Pe - pôster pôster ... não?
1777. M - não não
1778. P - Andrézinho ... chutou a bola?
1779. M - -- daí já já exige ... paREDE prá pôr
1780. Pe - exige parede ((ri)) ... mas isso você tem ((ri))
1781. P - [((falando com o Luzinho)) aí vai (fingindo
que está regendo)
1782. P - cê gosta dessa música filhão?
1783. Pe - eu também gosto
1784. M - conta prá Alessandra como chama essa música
1785. P - ele sab/
1786. L: boelo
1787. P - André como é o nome dessa música?
1788. M - ele já falou
1789. L: opa... caiu
1790. P - levanta
1791. M - já falô direitinho o nome da música
1792. P - eu não ouvi
1793. L: boelo
1794. M - bolero ... muito bem
1795. P - ã:: bolero de quem?
1796. A - du Avel
1797. P - du Ravel
1798. Pe - ai meu Deus que qui é isso ((André ri)) eu num posso te mordê ... eu tô aqui
((ri))
1799. M - é ... nessas horas é bom que não pode interagir ((Pe ri))
1800. P - é o bolero do Ravel filho?
1801. A - é ((faz alguns barulhos))
1802. Pe - que fofo ... a pose dele ó ((acaba a música e André bate palma))
1803. P - e:: ((Pe ri))
1804. P - tá treinado é filho?
1805. Pe - que engraçado
1806. A - a pato
1807. P - qui o pato vai fazê?
1808. A - /pe/
1809. P - hum:: outro quadro do Van Gogh olha que bonito esse... que trezão olha que
trezão legal... cê viu o que ele fez?
1810. M- Adê a nossa próxima filha já ganhou muitos sapatinhos e meias --
1811. P - é?
1812. Pe - ((ri))
1813. M - um montão
1814. Pe - eu vô trazê um presentinho prá ela
1815. A - -- [u ventu --
1816. P - ã?
1817. A - é o ventu

1818. Pe - ((falando com a mãe)) eu vô trazê um presentinho prá ela
1819. P - (((falando com o André)) é o vento?
1820. M - [((falando com a observadora)) DA FRANÇA?
1821. Pe - ((faz barulho de afirmação))
1822. M - HUM ... FILHA ()
1823. Pe - [pro André também ... pro André também ... claro
1824. M - PRO ANDRÉ TAMBÉM
1825. Pe - cê acha que não?
1826. P - ()
1827. M - pro André um quadrinho do Van Gogh já vai ficar contente.
1828. Pe - ((ri))
1829. A - -- comeu tudo --
1830. P - comeu? Parabéns ((A. bate palma))
1831. P - parabéns filho... ((falando sobre o potinho de sucrilhos)) dá pro papai guardar então... ah tem mais então pode comê
1832. A - (pode faze sujeia?)
1833. P - sujeira num pode fazê né ... a mamãe tá limpando aí há duas horas a casa e você você sujando
1834. A -(pode derrubá aqui?)
1835. P - num pode derrubá aí não senhor ... num inventa André num inventa ... ((André tenta colocar um pouco de sucrilhos dentro do seu tênis)) Ó:: Ó::... não pode.. a mamãe não gosta que faz sujeira filho senão ela tem que limpá depois... ou o papai
1836. A - [posso **deiubá** aqui? ((joga o sucrilhos no chão))
1837. P - NÃO: manezão
1838. A - (posso comê esse pedaço?)
1839. P - do chão não pode comê mas esse pode esse o papai deixa vai pega pode comê tá com vontade? ((mãe cantando no fundo))
1840. A - pode comê? ((Pe ri))
1841. P - não ah cê faz sujeira agora acabou a brincadeira assisti lá o teu filme vai olha teu filme lá... VAI... maestro maestro MAESTRO Ó como é que o maestro faz? ((M. canta))
1842. A - () ((Vai até onde a mãe está e coloca o brinquedo sobre a cadeira. Volta para a frente da Tv e bate palma))
1843. A - ()
1844. P - ((falando com André sobre o desenho da tv)) que ele vai fazê?
1845. A - u mininu vai ficá cum sonu
1846. P - tá com sono?
1847. A - tá
1848. P - será que ele vai durmi?
1849. A - vai
1850. P - ((pai faz barulho para demonstrar reação ao comentário do André)) cabô?
1851. A - cabô
1852. P - ó lá o pato acendeu
1853. M - Adê a Fá gosto da calça que a gente deu prá ela
1854. P - é?
1855. M - mas ela pergunto porque que eu comprei tão grande... eu falei porque só tinha esse tamanho e eu achei linda e elas disseram que
1856. P - [((falando com o André que tenta pegar um controle remoto))
1857. M - outra loja ()
1858. P - [((tirando o controle da mão do André)) NÃO::: NÃ esse aqui não é brinquedo seu não ... não ...nem vem ... não senhor não senhor o teu é esse daqui

- ó((mostra o avião)) quem te deu esse aqui? ((A. faz manha, choraminga)) esse aqui não é brinquedo André esse aqui é de adulto não é () ((A. faz manha e olha prá câmera))
1859. M - não é por nada mas a Alessandra ta filmando tudo
1860. Pe - ele olhou prá mim ó lá
1861. P - isso aqui é brinquedo de criança... ((A. faz "sim" com a cabeça)) é? num é não... caindo fora... olha o seu aqui ó quem te deu esse daqui? quem te deu aquele avião? ((pega André no colo)) não não, não me chuta... se você me mordê sabe o que eu vô fazê? vô fazê ((faz cócegas com a boca na barriga de André)) eu vô fazê isso se você me mordê... tá bom? ... conta prá Alessandra que a gente vê avião () será que tem um avião passando lá? vamo vê se eu vejo... ih acho que não tem um avião passando André() que cê ta vendo? () que vai acontecê lá? eu num sei... ai que vento frio... ai que frio.
1862. M - ((cantarolando))
1863. L: eu queo descê
1864. P - por quê? que descê? ui André cuidado... ui André cuidado ((fingindo que vai derrubá-lo))
1865. M - Adê sinto nesse dia dos namorados não posso deixar de te falar que as coisas não voltam sozinhas pro lugar
1866. Pe - ((ri)) que romântico ((ri))
1867. P - [olha o aviãozinho ó... óum
1868. A - ()
1869. P - olha que ()
1870. A - [vo:a
1871. P : hã?
1872. L: vo:a
1873. P - não essa música é legal... vamô ouvi
1874. L: vo:a
1875. P - que a asa dele tá fazendo aqui atrás... tá virado isso aqui ((mexendo no avião de brinquedo))
1876. A - tubaião
1877. P - não isso num tá certo dexa o pai arrumá isso aqui... como bota isso aqui? u balão? cê viu o balão foi isso filho? (ó lá) o avião André ó
1878. A - u golfinhu...a bola
1879. P - o golfinho e a bola?
1880. A - ta bincandu cum a bola
1881. P - é... ele ta brincando... e o Van Gogh tá pintando ó lá
1882. A - ()
1883. P - hein?
1884. A - o ()
1885. P - é?
1886. A - tubaão
1887. P - tubaRÃOZÃO né meu filho... olha que tubarão André
1888. A - acabô
1889. P - acabô filho?
1890. A - acabô
1891. P - vamu vê o André Riê?
1892. A - sim
1893. P - sim?
1894. M - não é melhor a gente brincá no quarto de brinquedo prá Alê ter mais material ou ta ta indo bem Alê?
1895. Pe - tá sossegado
1896. M - Cê achô que ele assistia de boca fechada
1897. Pe - ((ri)) eu não

1898. P - --o que é aquilo lá filho?--
1899. A - é pinguim
1900. P - é um pinguim isso mesmo olha lá... aquilo lá chama arco-íris filho aquele lá ó...
aquele lá chama arco-íris... quando tem chuva ele aparece... um dia o papai vai
mostrá prá você... olha
1901. A - (areia) do mar ... u pavão
1902. P - u paVÃO?
1903. A - abeia
1904. P - o que o sol fez?
1905. A - se escondeu e acabou
1906. P - se escondeu e acabou... vamu desligá o DVD? vamu desligá? ((A. espirra))
1907. M - saúde benzinho
1908. A - [(Andé Riô)]
1909. P - ã?
1910. A - (Andé Riô)
1911. M - o André Rígram?
1912. P - fala prá Alessandra entendê o que cê ta falando
1913. A - o Andé Riê
1914. P - ã? ... Alê cê conhece o André Riê?
1915. Pe - conheço.
1916. P - ah Alê é das músicas ()
1917. M - eu num sabia que ela conhecia... eu conheci isso tão por acaso... foi tão...
1918. P - ah mas ele deve ser HÍPeR famoso
1919. M - ele deve ser mesmo... mas eu um dia tava na hora do almoço sapeando num
shopping lá no ()
1920. Pe - [ãã
1921. M - na frente do trabalho entrei numa loja de DVD querendo achar uma coisa
nova do Milton Nascimento
1922. Pe - [ã
1923. M - e tava tocando o Bolero de Ravel com o André Riê
1924. Pe - [Ã
1925. M - e tava um arranjo bonito... eu falei qui que é isso ele me mostrou assim o
DVD do André Riê
1926. Pe - ((ri))
1927. M - eu nunca tinha ouvido falar... e aí minha mãe apareceu com um DVD ()
1928. P - () lá filhão
1929. A - () é do Andé Riê
1930. Pe - ((ri)) que fofo
1931. P - que ele vai fazê agora ele vai tocar?
1932. M - não é tão fofo assim
1933. Pe - claro que é ((ri)) ((mãe cantarola, começa a tocar uma música clássica no
desenho que André assiste))
1934. A - vai tocá a música do Van Gogh
1935. P - vai tocá isso mesmo aquela música lá do... tem uma música que toca lá e toca
aqui aí tava tocando aí falô a música do Van Gogh eu num entendi depois eu vi lá no
outro é a mesma música
1936. Pe - ai meu Deus
1937. A - u burru
1938. P - u burro meu filho... vem cá
1939. A - (ai solta)
1940. P - ((pegando o filho no colo)) vem meu filho
1941. A - ããããã
1942. P - que foi? que foi? que foi?
1943. A - eu qué descê

1944. P - por quê? () aquele instrumento chama violino... sabe quem tem um violino? o (Diu) o (Diu) toca violino... olha que som bonito olha... escuta ó escuta... ó que bonito o violino... olha a cidade que bonita filho.
1945. A - ((André começa a descer do colo do pai)) ()
1946. P - desceu pronto então.
1947. A - olha o burro
1948. P - um burro... o burro tá ouvindo escuta fica quietinho
1949. M - --Adê amanhã de tarde cê tem que preparar aula ou prova?--
1950. P - (acho que não)
1951. M - cê vai tê a tarde livre pro Andrezinho?
1952. P - acho que sim
1953. M - que eu tenho()
1954. P - ah sim num tem problema
1955. A - quede o Andé Riê?
1956. P - o André Riê ta tocando lá atrás... é que agora mudou um pouquinho mas ele continua tocando... ó escuta ó
1957. M - André a sua pronúncia está me matando ... eu acho lindo o riE dele
1958. A - [André Rie
1959. M - é RiÊ mesmo né que ele é holandês (mesmo) né?
1960. Pe - [(é Riã)
1961. Pe - é mas deve ser a pronúncia certa né
1962. P - qué vê o André Riê?
1963. A - (quero)
1964. P - ele já vai aparecer ali ó lá ele ó o maestro ó
1965. P - viu
1966. A - ()
1967. P - claro...ó lá o violino dele ó... viu ((A. bate palma)) () ele tava assistindo aí tem uma hora que tava lá uma moça que tava cantando ópera né
1968. Pe - ã
1969. P - aí ele olhou uns dois minutos assim e/ele falou... papai... num gosta dessa ((risos da Pe)) () é ópera ... ce não gosto né filho da ópera?
1970. Pe - () da ópera
1971. P - cê num gostô da ópera?
1972. M - gente a sala ta quase habitável
1973. Pe - ((ri)) mas cadê o sofá?
1974. M - hum
1975. Pe - cê vê que eu demoro mas eu percebo
1976. M - eu:::....
1977. P - [foi, foi fazê uma...
1978. M - [leveí na fábrica prá vê se ainda tava na garantia porque a espuma amoleceu muito
1979. A - ()
1980. P - cê qué vê a ()?
1981. Pe - [que bom
1982. A - ((bate palma)) sim
1983. P - é... ele vai cantá mais será filho?
1984. A - num sei ... a moça bateu palma
1985. P - a moça bateu palma? porque ela gosto, filho
1986. A - icuta () qué icuta Van Gogh
1987. P - cê qué escuta música do Van Gogh?
1988. A - sim
1989. P - papai vai por pra você
1990. M - tem música do Van Gogh nas/nos dois DVDs do André Riez
1991. P - no outro tem o quê?

1992. M - no outro tem Bolero
1993. P - esse aí cê gosta? ((cochicha para a mãe que é ópera))
1994. A - num é essa música do Van Gogh
1995. P - num é?
1996. M - não é essa
1997. P - ó ela vai cantá qué vê ó ((ri para a mãe))... ele num gosta dessa... é legal essa meu filho?
1998. A - é (faz movimento de tchau para a televisão)
1999. P - é?
2000. Pe - ((ri))
2001. M - eu não considera a sala em condições de receber você ()
2002. Pe - imagina cê tá preocupada comigo?... gente ó o tempo ((fala da
2003. P - hum?
2004. Pe - ((ri))
2005. P - passo?
2006. Pe - vamo só vê ele ()
2007. P - ó lá ((música agitada, o pai bate palma no ritmo e canta junto)) ó a casa dele () ((Pe ri) olha a italianada lá André

7ª gravação: 16/08/05

André: 28 meses e 23 dias

(Obs. Durante o mês de julho e início de agosto André esteve muito doente, não foi possível gravar)

Legenda

A - André

M - Mãe

Pe - Pesquisador

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

((M. e Pe conversam))

A gravação se passa na sala, nesse dia André está um pouco doente, não tem vontade de brincar ou falar, quer apenas assistir a TV

2008. Pe – André cê foi na escola hoje André?
2009. M – ((ininteligível))
2010. Pe – hum hum ((A. e M. ficam um tempo em silêncio))
2011. M - Olha (a Fu). Ela mergulhou?
2012. A - megulô melância?
2013. M - Uma melancia no fundo do mar? Na verdade ((ininteligível)) faz o dever, “acabei de filmar”, viu?
2014. Pe - ((risos))
2015. A - não qué vê u ((ininteligível))
2016. M - Olha:!! A flor tá filmando a melancia como a Alessandra. Olha lá!
2017. Pe - ((risos))
2018. A - Não qué vê u ((ininteligível)) Eu qu/ eu quéiu:: ((tosse)) quéiu u Kaiú.
2019. M - Quer o Kaiú?
2020. M - Kaiú é desenho francês, amigo. ((para a O)) Acho que ele é canadense, né?
2021. Pe - Não sei, mas o nome...
2022. M - Ele é original francês, mas acho que ele é canadense.
2023. A - Mamãe?
2024. M - Oi!
2025. A - Mamãe?
2026. M - Hum!
2027. A – ((ininteligível)) quéiu vê u Kaiú.
2028. M - Ta bom. ((M dando comida para A.)) Mais uma aqui...acabou...muito bem...
2029. A - Lessanda! É, é uma melância, um monte de melância!
2030. M - Nossa, quantas!
2031. A - ((Vendo o desenho com um dos olhos tampados)) ((ininteligível)) ((faz o gesto de filmar com a mão)) faz assiM - piii?
2032. M - Ah, porque é pra filmar.
2033. A - O que/
2034. M - [oh, a Alessandra também tá com um olho filmando e com o outro fora. ((A - olha para PE e sorri)) Viu? Tá dando um sorrisinho?
2035. Pe - Seu fofo! ((PE manda um beijo para A.))
2036. M - Deu um sorrisinho para a Alessandra?
2037. A - Sim
2038. M - Sabia que a Alessandra levou seu filme lá pra França?
2039. A - ((tosse)) ((M dá um beijo em A.))
2040. Pe - Ele já pergunta do neném?
2041. ((M responde negativamente com a cabeça))
2042. PE Não?!
2043. A - Mamãe, agola eu quéio o Tubbie, eu não qué u Tubbie, quéio o “Tele”.
2044. M - Qué o tele? É pra colocar?
2045. A - Sim
2046. M. Conta pra O. o que que tem na minha barriga.
2047. A - Não qué, não quéio o “Tube”, não quéio o “Tele”, eu qué “Kaiú”.
2048. M - “Kaiú”
2049. M - Você quer se decidir...qual que você quer ver?
2050. A - Kaiú.
2051. M - TEM certeza?
2052. A - Sim
2053. M - POSSO pôr?
2054. A - Sim
2055. M - TEM certeza?
2056. A - Sim
2057. M - POSSO pôr?
2058. A - Sim

2059. M - TEM certeza?
2060. A - Sim
2061. M - POSSO pôr?
2062. A - Sim
2063. M - Dá um beijinho? ((risos da Pe))
2064. A - Cadê u Pu?
2065. M - Não sei....O que é isso?
2066. A - É u polvu, é u polvu
2067. M - o polvo, filho?
2068. M - cê quer ver Kaiú?
2069. A - Sim
2070. M - Não quer (ver outra coisa)?
2071. A - não
2072. M - TEM certeza?
2073. A - Sim
2074. M - POSSO pôr?
2075. A - Esse, esse...ele é u polvu?
2076. M - Esse aí não, esse é um tambor, oh! Esse aí ((aponta para a televisão)) acho que é baleia filho. Oh o polvo, é o verde. O verde é o polvo, você tá certo.
2077. A - Cadê u...
2078. A - Olha u polvu:!
2079. M - Olha o Polvo!
2080. A - Eu qué/ eu quéiu u Tele Tubbie.
2081. M - Ou o Kaiú?
2082. M - ((falando com Pe)) Às vezes eu sento aqui, tô adormecida e ele me faz ir lá mudar.
2083. [
2084. A - i u tele tâbi? Eu quéiu u Têle/
2085. M - Você quer o "Tele iú" ou você quer o "Kai Tubbies"?
2086. A - Não não não quéio u Têle Tubbie, eu, eu, eu, eu qué u::Não qué u Têle, eu, eu qué...
2087. Não queio o tubbie, não quéio "letubbie"
2088. M - Você é meu disco riscado? ((risos da Pe))
2089. A - (
2090. M - bota a meia filho?
2091. A - Não. Não quéio, não quéio u Tée Tubbie, eu qué u Kaiú. Não qué bota meia, eu qué fica pelado!
2092. M - Quer ficar pelado? ((risos Pe))
2093. A - (
2094. M - Conta pra Alessandra o que tem na barriga da mamãe. O que é que tem na minha barriga? O que é que tem na minha barriga? Hein?
2095. Pe - Tem água.
2096. M - Tem água? Hein, André?
2097. A - Eu , eu qué u Têle Tubbie..não..não qué u tée Tubbie, não qué u Têle, eu eu qué u (
2098. M - Qual você quer ver? Kaiú?
2099. A - Sim ((morde seu brinquedo))
2100. ((Pe manda um beijo para A.))
2101. M ((pergunta para Pe)) Você não quer jantar, você não quer comer nada, ou você vai...?
2102. Pe - Não, antes de sair eu já (
2103. A - [() ((imita o desenho e a fala das personagens))
2104. M - [então fica à vontade.
2105. A - () ((fala bastante tempo sozinho, imitando talvez))

2106. Pe : () ((risos))
2107. ((A. fica bastante tempo assistindo televisão))
2108. M ((pergunta para Pe)) Quer um pouquinho de arroz?
2109. Pe - Não, não quero não ((risos))
2110. M - () (E um chazinho? Pra garganta ficar melhor.)
2111. Pe - Não se preocupe.
2112. M - (Posso tirar um cochilinho?)
2113. Pe - (Desde que você fale durante o cochilo)
2114. A - Oi! ((olha para Pe e sorri))
2115. Pe - Oi!
2116. A - É, eu quero () u boneco di neve ()
2117. Pe - quer ver o boneco de neve?
2118. A - esse ()
2119. M - Vamos dançar a música?
2120. A - Eu que u Kaiú.
2121. M - cê quer ver o boneco de neve?
2122. A - Sim:: ((olha atentamente a tv)) eu queíu ((continua a ver)) Aqui, aqui... ((ri com o desenho, presta atenção, fica muito tempo assistindo)) ((M faz cócegas nos pés de A:e depois os cobre))
2123. M - Ale., é assim que se faz boneco de neve?
2124. PE hã?
2125. M - É assim que se faz boneco de neve?
2126. Pe - Eu nunca fiz. Nunca tive neve suficiente para fazer. Ah não...até que tive uma vez, mas eu não fiz. ((mais um bom tempo sem fala, mãe e criança assistem))
2127. M - O que é que eles usaram para fazer o nariz do boneco? ((pergunta olhando para André))
2128. A - ((silêncio))
2129. M - Um boné...
2130. A - ((ininteligível)) (de novo?)
2131. M - De novo?
2132. M - Agora vamos parar nessa cena ((o desenho)) e conversar com a Alessandra um pouquinho?
2133. M - Ó, vou parar bem aqui, ó. Fala pra tia Ale que você foi na escola hoje.
2134. A - Foi icóla.
2135. PE Você foi na escola?
2136. A - É.
2137. PE E aí, você gostou?
2138. A - Eu que vê u Kaiú.
2139. PE ((risos)) (Pronto, já fez sua fala.)
2140. M - O que é que tem na barriga da mamãe? Quem tá aqui? ((A. não está interessado em conversar, quer ver tv))
2141. PE Tem uma bola na barriga da mamãe, é?
2142. M - É uma bola de neve? ((A. continua a não responder, M. abraça A.))
2143. A - o Mamãe...
2144. Pe - o avental dele ((rindo))
2145. M - o que tem nesse avental? Uma galinha?
2146. A - Mamãe...
2147. M - Oi! A gente acha ((fala se dirigindo à Pe, ininteligível))
2148. Pe - Ah é?
2149. A - mãe!
2150. M - oi
2151. A - ((ininteligível, continua a assistir a tv))

2152. M - A Rose é a irmãzinha do Kaiú? ((A. não responde)) Ela é, é, é a irmã menor do Kaiú? O André vai ter uma irmãzinha pequena também...Onde vai dormir a irmãzinha pequena do André?
2153. A - ((silêncio))
2154. PE Interação zero.
2155. M - Um dia ele respondeu "no balde"((M e Pe riem))
2156. Pe - Bom... ((interrompe gravação))

8ª gravação: 04/10/05

André: 30 meses e 11 dias

(Obs. Durante o mês de setembro André esteve muito doente, mais uma vez não foi possível gravar)

A - André

P - Pai

B - Babá

Pe - Observadora

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

((L. está comendo acompanhado do pai e da babá, na cadeirinha de criança)) ((L. brinca com o avião dado por O. e com seu caminhão, que estão em cima da mesa da cozinha, enquanto come; P e Pe: conversam))

2157. A - qué isso?

2158. P - isso é u:::ma asa pra::: pra ele não virar () E aí Ale tudo bem contigo?

2159. Pe: tudo ((Pe: e P conversam um tempo))

2160. A - cadê o avião?

2161. P - tá aqui meu filho ó

2162. Pe - cê gostou do avião André?

2163. A - eu qué avião ((choramingando))

2164. P - tá tudo aqui ó, escuta aqui filho ó ó escuta um pouquinho escuta o que o pai vai falar, ta escutando o papai falá?ó vamo comê eles tão aqui e depois cê brinca o quanto cê qué

2165. [A: ô pai ((chamando))

2166. P - oi?

2167. A - que azona ((apontando para a asa do avião))

2168. P - que asona né?
2169. A - o pai é gande?
2170. P - quê?
2171. A - [é é o () é gande?
2172. P - do meu é grande também
2173. A - (dá meu) caminhão? (dá meu) caminhão?
2174. P - aqui filho ó ó come primeiro depois cê brinca, ta na hora de comê vamo come André cê contô pra Alessandra que cê foi no aeroporto ontem?
2175. Pe - Hu:::m ((surpresa))
2176. A - Lessanda
2177. Pe - oi
2178. A - Tinha um avião
2179. Pe - tinha um monte de avião, não tinha?
2180. A - Tinha um avião gandão () um avião gandão ()
2181. P - Não deu né?
2182. A - () no papai i bateu
2183. P - O André bateu no papai?
2184. A - é
2185. P - é?
2186. Pe - Por que?
2187. P - Pode bater no papai? ãh? que? pode bater no papai? não não pode
2188. A - não, eu qué lutá
2189. P - que?
2190. A - lutá
2191. P - lutá? lutar o que o meu?
2192. A - lutá ((dá um soco no ar)) ((pai e observadora riem))
2193. P - André pode bater no papai filho? não pode não
2194. A - não porque eu lutei
2195. P - você lutou com quem?
2196. A - com o papai ()
2197. P - cê lutou com o papai? cê não lutou nada, você bateu na cara do papai () cê lembra? lembra?
2198. Pe - cê bateu no papai André?
2199. P - depois bateu na Mimi aqui em casa ainda. Prometeu. Falou: "papai não vou fazer mais isso". Depois chegou aqui bateu na Mimi. Não foi filho? ã? não foi isso que aconteceu? eu to mentindo? Não tô né? né?
2200. A - Esse é pesado ((apontando para o avião))
2201. P - é pesado esse, é?
2202. B - pega a colher
2203. P - é né filhão?
2204. A - eu quélo a minha cassa
2205. P - cê qué o que?
2206. A: eu qué ()
2207. [B - Vai comendo
2208. P - Depois que depois que depois que cê comê tudo a gente vai pensar nesse caso de caixa
2209. A - (ele voou) ((brincando com o avião))
2210. P - ele voou o avião filho?
2211. A - é
2212. P - Nossa que aviãozão, Ale vamô comÊ? ((oferece para a pesquisadora))
2213. O. Não obrigada. Bom apetite
2214. P - Que maravilha:::so. Cê viu A. que asona?
2215. A - u avião palô éloporto
2216. P - Parou no aeroporto o avião? A.

2217. A - () vuando ((faz gesto com a mão, indicando o pouso do avião))
2218. P - Na caixa? Depois que comê a gente vê caixa. Agora não vamos ver caixa.
Depois que comer.Tá bom?
2219. A - () vuando
2220. P - Depois que comer
2221. A - (o papai!
2222. P - Ó o papai tá falando pra você que não dá. Depois de comer. Tá bom?
2223. Pe - Primeiro o A. come tudo.
2224. P - Hu:::m bastante ((babá dá comida na boca do André)
2225. P - E o A. tá indo na escola Ale
2226. [
2227. Pe - Ahn ((surpresa))
2228. [
2229. P - Né filhão?
2230. Pe - Tá indo na escola?
2231. P - é só que hoje ele não foi porque acordou tarde, ele foi dormir muito tarde.Ficou na farra né filho? quase ()ontem.
2232. Pe - Ah é? ((risos))
2233. P - Brincou, brincou até dizer chega. Não foi filhão?
2234. A - () (caminhão) ()
2235. [
2236. Pe - E o André tá melhorzinho, não tá mais doentinho?
2237. P - ó ele ainda tá tussindo bastante. Hoje mesmo ele amanheceu tossindo pra caramba.
2238. Pe - é
2239. P - é,Não tá 100% ainda.
2240. P - Mas vai ficar né filho? é só esquentar eu acho que melhora
2241. Pe - É.
2242. A - Põe em cima do caminhão ((coloca o avião em cima do caminhão))
2243. P - é.
2244. A - ()
2245. P - A.,que cor é esse caminhão A.? que cor é esse caminhão?hum? cê viu que cor que ele é?
2246. A - Vedi
2247. P - Verde?
2248. A - papai
2249. P - oi
2250. A - Essi abi a porta ((mexe na porta do caminhão))
2251. P - Esse abre a porta?
2252. A - é () abi pa mim
2253. P - Deixa eu ver se abre. Não não abre não ((pai tenta abrir a porta do caminhão))
2254. A - abi, possu diigi nele?
2255. P - Você não cabe aí dentro.Você pode dirigir por fora assim empurrando no chão.brum brum xi xi. Entendeu? Mas aí dentro não dá pra entrar, não é igual o carro do papai, cê entende, cê não cabe aí
2256. A - cê num falô que (dento do caminhão tem um) voante?
2257. P - tem tem volante
2258. P - come come, bocão
2259. B. Senta direitinho ((a babá tenta dar comida para A.))
2260. [
2261. P - senta direito se não a Mimi não consegue dar comida procê senta aí tó direito se não a Mimi não consegue dar comida procê vai
2262. B - senta bunitinhu A.
2263. TOCA O TELEFONE ((a empregada atende, é para o pai, gravação interrompida))

2264. P - vrum. Vrum ((pai brinca e faz barulho de avião))
2265. A - pai?
2266. P - oi
2267. A - avião (/desi/) na água
2268. P - esse desce na água. Qual que desce na água?
2269. A - o avião
2270. P - o avião, mas esse aqui não é anfíbio, esse tem rodas. O anfíbio é aquele que tem um um um tipo de uma bóia aqui pra ele não afundar. Mas esse tem roda esse não desce não. Fiu:::m ((imitando o pouso do avião, com o avião na mesa))
2271. A - no aélopoto
2272. P - no aeroporto? Fiu:::m ((imita novamente o pouso do avião)) Parou. Não fez chuí né?
2273. A - A::hn nPe: ::
2274. P - quê?
2275. A - ah nPe: : nu pédiu
2276. P - No prédio o avião vai descê? Mas ele não cabe em cima do prédio, cabe? Onde é o prédio?
2277. A - é esse ((aponta para um lugar em cima da mesa))
2278. P - é esse?então Fiu:::m ((o pai faz o avião aterrissar no lugar que A. indicou))
2279. A - ()esse é anfíbio ()
2280. P - esse é anfíbio? é? é ou não é?eu não sei é?esse é anfíbio?
2281. A - sim ele foi na água ele ele ele tava lá na água
2282. P - Dalva ((empregada)) encosta a porta por gentileza
2283. P - ó fiu:::m, ele vai descer na água A. ó, chuí:::a ((ainda imitando o pouso do avião))
2284. A - ele vai (anda) na água
2285. P - Como é que é?
2286. A - ele vai (andá) na água
2287. P - ele vai andar na água? fium fium bum bum bum ((imita o som e faz o gesto do vôo do avião))
2288. A - ele vai na água
2289. P - olha bum ó ele rodando () O Sérgio, pai da Irene, tem um programa de simulação de vôo que ele adora ((fala para a Pe))
2290. Pe - Nossa imagino
2291. P - É
2292. Pe - Ele tem fixação por avião né?
2293. P - É, ele vai lá (senta no colo do vovô) e fica dirigindo, né filhê?
2294. Pe - ah é?
2295. P - de helicóptero e avião né?
2296. Pe - o A. vai ser piloto de avião
2297. A - esse é pesado ((referindo-se ao avião))
2298. P - é pesado filho?deixa eu ver se é pesado ((pega o avião na mão)) Ah não é tão pesado assim, é levinho. Você acha ele pesado?
2299. A - sim
2300. P - ó segura ((dá para A. segurar)) Não é pesado. Ele é mais pesado que aquele outro lá ó. Mas ele não é tâ:::o/
2301. [
2302. A - (ui)
2303. P - oi?
2304. A - quéo essi
2305. P - esse u quê? caminhão?
2306. A - o caminhão/o caminhão é amaelo i gandi
2307. P - é?
2308. A - e e:

2309. P - issu ai é amarelo? onde cê viu? A:::h aqui tem um amarelo ((apontando para a cabine do caminhão))
2310. A - aqui é vermelu e aqui é amaelo
2311. P - é mesmo vermelho e amarelo
2312. A - apeita
2313. P - esse não é de apertar
2314. A - é de vuá?
2315. P - Não, ó sabe pra que serve isso daqui ó?
2316. A - [hã
2317. P - ((tenta abrir o teto solar do caminhão)) talvez até abra vamu vê. Isso daqui quando o carro tá andando muito rápido, aí o motorista abre isso daqui ó, vai entrar um arzinho aqui ó pra ele refrescá. Entendeu?
2318. A - mas esse aqui não abre?
2319. P - mas esse esse aqui não abre mas o de verdade faz assim. Você viu a lâmpada dele filhê?Olha essa lâmpada aqui é amarela olha que bonita ó, viu? é amarela a lâmpada?
2320. A - essa é a lâmpada do caminhão ((mexendo no caminhão))
2321. P - Humhum ((concordando))
2322. B - A. senta direitinho na() senta direito. A. senta
2323. P - A Mimi tá pedindo pra você sentar direitinho, senta
2324. A - ()
2325. [
2326. P - tá aqui ó
2327. A - papai
2328. P - oi?
2329. A - (helicoptuzão)
2330. P - (helicoptuzão?)
2331. A - issu é um avião?
2332. 145 P - issu é um avião. Quem deu esse helicóptero pra você?hum?quem deu Mimi?
2333. A - esse é o águia
2334. B - a Júlia
2335. P - hã?
2336. B - A Júlia né? ((babá pergunta para o pai))
2337. P - esse é um águia?
2338. A - é
2339. P - ahn sabe o que é um águia O.?
2340. Pe - Não
2341. P - Águia é o helicóptero da polícia
2342. Pe - Hu:::m
2343. P - O A. é assim com o helicóptero da polícia ((faz um gesto que simboliza intimidade)). Ele já entrou, tirou foto
2344. Pe - hum Jura? Que legal
2345. A - Papai,
2346. P - várias vezes
2347. A - [(essa é do) caminhão? ((aponta para o caminhão de brinquedo))
2348. P - Essa é do caminhão. Ontem mesmo a gente foi lá
2349. Pe: ah
2350. P - e aí ele entrou no helicóptero
2351. Pe - Que legal
2352. P - tirou foto lá dentro, né filho?
2353. Pe - O A. já andou de helicóptero?
2354. A - () papai?

2355. P - A Ale tá perguntando se cê já andou de helicóptero. cê já andou de helicóptero?
2356. A - sim
2357. P - é?
2358. Pe - [sim? E você gostô?
2359. A - papai cê tá tisti ((triste))?
2360. P - filho, essa história aí a gente precisa conversar mais né? ele tá perguntando se eu tô triste porque quando ele me bateu eu falei pra ele que eu fiquei triste ((dirigindo-se à Pe:))
2361. Pe - A:::h ((risos))
2362. P - não pode bater nos outros né filho? é feio
2363. A - esse é meu caminhão?
2364. P - é esse é seu caminhão
2365. A - coloca esse em cima do caminhão ((pegando o avião))
2366. P - vô pôr, vô pôr. O caminhão vai levar o avião?
2367. A - sim
2368. P - ah que legal brum brum xii xi, agora o caminhão vai andar de ré ó. A. você sabe o que é andar de ré, ó? é pra trás ó ele tá andando de ré ó brum brum agora tá andando pra frente entendeu? ó pra trás pra frente ((mostra com o caminhão de brinquedo)) Pra trás chama ré entendeu? ó tá andando de ré ó vrum vrum, legal né? ((André bate no brinquedo)) sem zuá né? se você começar a bater ele vai cair no chão e quebrar né não pode fazer assim ó Pe: :m rã rã rã rã. (André bate novamente)) E instintinho né filho?É
2369. ((A. brinca com o pai tentando pegar o avião de sua mão))
2370. A - (segurá)
2371. P - cê qué segurá? quer segurar? mas não bate nele não se não ele vai cair no chão e quebrar ((A. bate no caminhão e o avião cai)) ó olha aí ó olha o que o papai falou, o pai falou que se batesse ele ia cair no chão e quebrar, tá vendo o que aconteceu? isso aqui ainda não quebrou mas ...ó tá vendo saiu ó
2372. A - é do caminhão?
2373. P - é do caminhão mas se ficar fazendo assim ele vai quebrar não pode fazer assim tem que fazer com cuidado ó
2374. A - é do caminhão
2375. P - é do caminhão mas o pai vai ter que arrumar agora. Tá vendo o pai arrumando? ((pai coloca novamente o avião sobre o caminhão)) ó não bate que quebra tá?
2376. A - o que aconteceu?
2377. P - Aconteceu que você deu um tapa e aí ele quase quebrou aqui, esse separou desse ((duas partes do caminhão se separam)), entendeu? Por isso que não pode bater se não quebra, aí depois não tem outro. A O. te deu um, se quebrar esse um não tem outro. Como é que vai fazer depois?
2378. A - mi dá a cassa
2379. P - hum?
2380. A - a cassa do avião
2381. P - a caixa tá lá na sala
2382. A - tá na cozinha? ((pai e A. procuram a caixa))
2383. P - não
2384. A - eu qué eu quéo a cassa
2385. P - cê quer a caixa? vamo comê a comida depois você pega lá tá bom?
2386. A - papai () pra eu fazê cocô
2387. P - cê vai fazer cocô é?
2388. P - ele agora não gosta mais de fazer sentado ((dirigindo-se à Pe))
2389. Pe: A - ::h ele não...

2390. P - é, aí ele pede pra levantá..só que logo () ((faz um gesto com as mãos))
quando ele qué, aí ele fala. Às vezes é mas às vezes não é.
2391. Pe - mas ele não faz mais na fralda, faz?
2392. P - faz ainda faz na fralda. Você viu a caixa Ale?
2393. Pe - Ta ali ó ((na cozinha)). Ah você levantou pra pegar a caixa? Tava ali ó, achei
que não quisesse dá pra ele
2394. P - Hu::m
2395. P - ó filho tava na cozinha. Eu achei que tivesse na sala. A. A. ó. ((apontando
para a caixa)) ((todos riem)) Tava aqui ó A. você nem viu.
2396. A - () ((quer pegar a caixa))
2397. P - pera que o papai vai tirar tá bom? vai comendo vai comendo a comida pra
ficar forte A::h que caixona A. olha o caminhão carregando o o avião, mas agora
aonde é que nós vamos pôr essa caixa? Vamo pôr ela aqui em cima da mesa aqui
assim ó ((põe a caixa sobre a mesa))
2398. A - pro A. vê
2399. P - pro A. ver é? ai o A. fica vendo ó. Ahn? É bonita essa caixa filho?Você gosta
dessa caixa? hum?A. ó A. tem um dragão na caixa olha lá. O quê que o dragão tá
fazendo? você viu o dragão filho?
2400. A - guspino fogo
2401. P - o que que ele tá fazendo?
2402. A - guspino fogo
2403. P - é tá cuspidando fogo. Esse dragão é bonzinho viu filho?
2404. P - ele andou vendo uns desenhos aí ((conversando com a observadora))
2405. Pe - Ah é? De dragão?
2406. P - e outras "cositas"
2407. A - o dragão é gande
2408. P - Fear daqui, fear dali
2409. Pe - A:::h
2410. A - papai
2411. P - fala filhão, fala queridão
2412. A - esse esse dragão é loco
2413. P - é loco esse dragão?
2414. A - é
2415. P - por que você falou isso? quem te falou que ele é loco? hein querido?
2416. A - ê o avião?
2417. P - Tá atrás da caixa.ó pera aí vou puxar a caixa aqui pra não fazer bagunça,
deixa a caixa aqui então... opa ((o pai deixa a caixa cair no chão))caiu, vou deixar a
caixa aqui o avião ta aqui ó, ce viu que esse seu avião é diferente desse daqui o A.
ó esse aqui é meio...cor de burro quando fuge; Como é que se fala essa cor?
2418. Pe - meio cinza não sei, meio gelo
2419. P - é ó ((TOSSE))
2420. Pe - opa
2421. P - calma respira respira quer um pouquinho d'água? quer um pouquinho d'água?
2422. A - papai pe/ pega pá cima
2423. P - a caixa aí?
2424. A - é
2425. P - posso deixar o avião aqui? ((colocando o avião do outro lado da mesa))
2426. A - sim ()
2427. P - Ah pra cima assim?
2428. A - é
2429. P - assim ou assado?assim? ((virando a caixa))
2430. A - é
2431. P - assim?

2432. P - tá bom?quem tá espirrando e tossindo heim?ahn? cê viu ai ó? Ce viu o avião?o dragão? Viu o caminhão?
2433. A - quéo um poquinho água
2434. P - quê? O que que ele qué?
2435. B - um poquinho de água
2436. A - pega o caminhão aqui ((aponta para o caminhão))
2437. P - Um caminhão aqui atrás escondido? mas fica sentadinho direitinho pra Mimi dá comida...A. o caminhão tá estacionado
2438. A - o caminhão é bavo?
2439. P - não
2440. A - o avião é bavo?
2441. P - não
2442. A - o avião é bavo?
2443. P - o avião é fofinho
2444. A - O avião tem um dente gande
2445. ((todos riem))
2446. P - (é, eu sei qual é) Olha os dentões dele ((mostrando o avião)) ((risos)) cê viu? O moço desenhô uns dentes aqui ó. Avião não tem dentes, filhê! mas olhando assim parece que tem né ó? Ele não parece um um tubarão? Parece ou não? Ó Olha só assim. Parece um tubarão? Tem um dentão igual o do tubarão. Igual o do Lenin e do (Flemi). A. pergunta pra O. se ela conhece a história do Lenin e do Flemi.
2447. A - Você conhece a a história do Flemi e do Lenin?
2448. Pe - Não, não conheço. Conta pra mim
2449. A - Ele come peixe e camaão e minhoca.
2450. Pe - Hu::m. Que mais?
2451. P - Que mais ele come?
2452. A - e esse é o dentão do avião
2453. P - esse é o dentão?
2454. A - é
2455. P - e o Bruce?
2456. A - é bavo
2457. P - o Bruce é bravo? "Oi eu sou Bruce"((pai fala mudando a voz imitando o desenho animado e todos riem)) "hoje eu vô comê Pe: :::ixe", não foi assim que ele falou?
2458. André, engole, não inventa.
2459. A - Papai
2460. P - Oi?
2461. L que que o Buce falô?
2462. P - "hoje eu vô comê peixe". Saiu pegando, só que ele não pegô ninguém, né? ((sussurrando)) A. pergunta pra O. se ela conhece a história do Nemo
2463. A - cê (conhece a história) do Nemo?
2464. O.: Não conheço. Cê vai contá pra mim?
2465. A - tinha du/ um pexão assim ((faz um gesto unindo as mãos))
2466. P - que que é isso?
2467. A - um pessão
2468. P - um peixão Hu::m. ó ((pai faz o mesmo gesto)). Ela sai pegando o (mar) né.
2469. Pe - e na escolinha A., o que que cê faz na escolinha?
2470. A - hoje eu sonhei co/ca mamãe e o papai
2471. Pe - ah é?
2472. A - é
2473. P - Você sonhê com a mamãe e o papai?
2474. A - é
2475. P - foi?

2476. B - falô que ele chorô na escola porque queria a mamãe e papai ((dirigindo-se ao pai))
2477. P - ah, chorô? é? não sabia ((André bate o copo e deixa cair)) Não filhê, a:::::i André
2478. A - Pai é pra bebê, é pra bebê
2479. P - é pra bebê, mas ce tá bebendo? não, ce ta batendo, derrubando ((pega o copo de A.)) Pode?
2480. A - deixa eu bebê
2481. P - Ce vai bebê?
2482. A - Sim
2483. P - Tó. Bebe, engole ((devolve o copo)) Posso deixar aqui em cima? ((em cima da caixa)) Pode?
2484. A - sim
2485. P - Tá bom. Então vai ficar aqui pronto.
2486. A - () ((tentar pegar novamente o copo))
2487. P - deixa aqui pronto ce vai beber agora? Agora ce tá mastigando, depois que você engolir cê bebe ((André coloca o copo em outro lugar)) Ah, você quer pôr. Onde você vai pôr?
2488. A - Olha, aqui.((aponta para o desenho do caminhão)) dois dagões.
2489. P - Dois dragões, filho?
2490. A - é
2491. P - é:::::é
2492. P - O., agora o A. sabe cantar.
2493. Pe - Hu:::::m sabe? O quê que o André canta?
2494. P - Deixa ele mastigá e engoli que ele vai cantar uma música. A., vamo cantá aquela aquela música que a gente sabe?
2495. A - Do xapo ((pai faz gestos de alguma canção com a cabeça))
2496. B - mastiga e engoli primeiro
2497. P - já engoliu?
2498. A - é do chinês?
2499. P - mastiga e engoli, depois a gente conversa.
2500. A - Papai
2501. P - Oi
2502. A - e essa música?
2503. P - essa música é aquela assim: dois elefantes, dependurados ((cantando))
2504. A - é do chinês?
2505. P - Do chinês? Não, dois elefantes dependurados
2506. B - Canta André
2507. A - é do chinês?
2508. P - Qual que é a do chinês? Eu não sei a do chinês
2509. A - essa é a do elefante?
2510. P - é
2511. A - dois elefantes incomoda, incomoda, incomoda muita zente, incomoda, incomoda, incomoda muita zente
2512. P - incomoda, incomoda muito mais.
2513. P - Essa é a do elefante?
2514. A - é a do elefante incomoda incomoda. é assim.
2515. P - é?
2516. A - é.
2517. P - e aquela outra do elefante assim: dois elefantes, dependurados ((cantando)) ((A. deruba a garrafa de água que estava sobre o caminhão e espirra água no rosto do pai))
2518. Olha o que você fez na cara do pai, ó. Molhê, sabia? Olha a cara do papai toda molhada aqui, ó.

2519. A - Papai
2520. [
2521. P - Oi
2522. [
2523. A - molhê o avião?
2524. P - molho o avião também. cê tá aprontando.Pode ficá aprontando? hum?
2525. A - Molhê o avião?
2526. P - molhê.Papai tá secando. Senta lá que o papai vai secar o avião que tá molhado.
2527. A - Papai, cê tá secando?
2528. P - Eu to secando.
2529. A - papai?
2530. P - Oi, filhê?
2531. A - Papai, molhê o avião?
2532. P - molhê.cê fez arte.
2533. A - [molhê o papai e a Mimi?
2534. P - molhê o papai e a Mimi.
2535. A - eu ((recusando a comida oferecida pela babá))
2536. P - que que foi?
2537. A - eu qué fazê cocô.
2538. P - qué?
2539. B - qué ir pro chão? ((A. pega uma tampa))
2540. B - Não, esse coloca lá ((referindo-se ao balcão ao lado de A.)) ((Cai água da tampa no braço de A.))
2541. P - esse é da Dalvinha deixa aí. Olha aí, tá vendo? Cê se virou. Ó quê que aconteceu? Que que aconteceu? Você molhê o braço. ((Pai conversa com a observadora enquanto a babá retira A. da cadeirinha)) Ele odeia fica molhado.
2542. A - [()
2543. P - [Caiu no braço ele fica ai ai ((pai faz gestos com a mão)) ((risos da Pe)) A mimi tirou o babador? ((A. está agachado ao lado da cadeirinha de comer))
2544. A - Aha. Eu qué (fazê) cocô.
2545. P - Pó fazê
2546. A - essa é do caminhão?
2547. P - é do caminhão. Dá aí que eu vou guardar .
2548. A - (Você espera fazê cocô)
2549. B - tá fazendo?
2550. A - ()
2551. B - o que que ce qué?
2552. A - e a do caminhão?
2553. P - O quê? Aqui, ó.
2554. A - me dá?
2555. P - ce qué?
2556. A - sim
2557. P - tó
2558. A - ela é do caminhão?
2559. B - é:::é , é a peça do caminhão.
2560. A - quebô?
2561. P - escapô? é, acho que caiu aquela hora que você puxô. Não sei, precisa ver. sabe a hora que você puxou o caminhão? Lembra que caiu alguma coisa? Pode ter sido aquela hora. sabia?
2562. A - hã hã hã
2563. P - mastiga e engoli, depois cê fala.((fica um tempo em silêncio)) hum, que delícia essa comida, né filho?
2564. A - Papai?

2565. P - Oi filhê
2566. A - papai
2567. P - hum fala queridão
2568. B - Põe aqui. ((A babá pega um guardanapo e limpa a mão de A.))
2569. [
2570. A - ((A. continua comendo. Ele enfia o dedo no nariz)) Ai, Limpa?
2571. B - limpô?
2572. P - Limpô?
2573. A - Papai
2574. P - Oi querido?
2575. A - eu quéo fazê cocô aqui. ((A. aponta para debaixo da mesa))
2576. P - Não. Ta fazendo aí, aí embaixo você vai batê a cabeça.
2577. A - eu ()
2578. P - tá o quê?
2579. A - papai?
2580. P - Oi? Fala.
2581. A - ((fala baixinho)) eu qué fazê.
2582. P - hum?
2583. A - ((fica um tempo quietinho)) ah
2584. P - quê que tem? Ah:: é o negocinho do caminhão que veio? cê foi lá embaixo brincá, filhê?
2585. A - Foi. () (não é do caminhão) esse é du helicópto
2586. P - quem tem helicóptero?
2587. A - caiu ((pega uma peça que cai no chão)) () é o avião
2588. P - ah, é?
2589. A - é
2590. P - e quem te deu? Foi a Julia. que deu esse helicóptero?
2591. A - foi
2592. P - Esse é igual o águia?
2593. A - Não, não é o águia
2594. p: Não é o águia?
2595. A - hã hã ((recusando a comida)) Pai, mas é o águia.
2596. P - Oi?
2597. A - mas esse não é o águia. É Esse é o águia ((apontando para o outro brinquedo)).
2598. P - esse é o águia?
2599. A - é
2600. P - cê gosta do águia?
2601. A - é esse é o águia. Esse esse é o polícia ((aponta para o carro de polícia)).
2602. P - esse é o polícia?
2603. A - é
2604. P - hum
2605. A - é o águia. ((A. sobe na cadeirinha))
2606. P - é o águia? Hum:: Assim você vai cair.desce daí, desce, desce. Não inventa.
2607. A - eu desci
2608. P - desceu. Parabéns
2609. A - cadê o avião?
2610. P - ((pai conversa paralelamente com a obsevadora, A. continua a falarr))) ele faz um negócio legal com os verbos para trás.Só que ele fala "eu fazei"
2611. [
2612. A - ((A. conversa com a babá)) () cadê o avião?
2613. Pe - Ah é?
2614. [
2615. A - me dá a (caixa)

2616. [
2617. P - isso é o quê, não lembro o termo, mas que muda a... (não é só fazer o "EI")
2618. [
2619. Pe - A:::ah
2620. P - ()fala certo mas não com certeza
2621. Pe - é normal
2622. P - ó o dedo André ó odedo ó ó
2623. Pe - ele vai comparando, né.Ele copiou né? de outros,é:::é . Até ele entender.Que é uma exceção.
2624. B - ó André, fecha fecha a porta((oferecendo comida à criança e pede para fechar a porta do armário))
2625. P - ó André você contou pra O. que você viu o balão..ó ó tem que fechar ó ó ó ó ó ((enquanto andré tenta abrir o armário)). Cê contou pra O. que você viu o balãozão?Conta pra ela que você viu.
2626. A - eu vi o balão(ai papai falou que não dava) ai eu feiz chilique
2627. Pe - você fez chilique?
2628. A - (ai eu fiquei bavo) eu quelia mais
2629. Pe - você deu chilique é? Por quê?
2630. A - eu quelia mais
2631. P - Você queria mais né filhê? Mas o papai falou que não dava mais filhê, papai falô () que ia embora, papai tinha que dar aula. Foi por isso () tem que entender.
2632. A - papai
2633. P - ó ó André deixa o papai falar uma coisa: você pode até fazer chilique, pode chorar, eu acho que cê tem direito, mas não pode bater no papai
2634. A - eu num to chorando
2635. P - você não tá chorando. Tá bom. Você entendeu? Não pode bater no papai. Ai no carro ele falou: papai não vou fazer mais isso. Não foi filhê?Mas chegou aqui você bateu na Mimi, né?
2636. A - () bateu na Mimi
2637. P - É,e a Mimi ficou muito triste né Mimi? ((babá responde positivamente com a cabeça))
2638. A - A. chegou e bateu na Mimi?
2639. P - É, chegou e bateu na Mimi. Muito triste a Mimi ficou, igual o papai ficou triste.
2640. A - papai você ficou triste no carro?
2641. P - eu fiquei triste no carro
2642. A - Papai
2643. P - oi
2644. A - o quê que você falou?
2645. P - oi?
2646. A - o quê que você falou no carro?
2647. P - o André falou: papai não vou fazer mais isso. Não falô?
2648. A - () e bateu na Mimi?
2649. P - É, então mas o A. não bateu em ninguém mais não né?
2650. A - Você tá choando? ((perguntando para babá))
2651. P - A Mimi ficou triste ela não tá chorando, mas ela ficou muito triste
2652. A - Mimi
2653. B - Ahn
2654. A - essa é a peça do caminhão?
2655. B - é a peça do caminhão.
2656. A - caiu aqui ()
2657. B - ó , abre a boca. Não bate não A.

9ª gravação: 21/11/05

André: 31 meses e 28 dias

Obs. A irmã de André acaba de nascer (22/10)

A - André

P - Pai

B - Babá

Pe - Pesquisadora

T - Tia de André

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

A cena se passa na sala de televisão, entre a sala de jantar e o balcão, a irmã de André, Anna, já nasceu, a tia de André segura ela no colo, sentada no sofá nessa mesma sala. Esta cena foi filmada, mas o som não aparece na gravação, a transcrição foi feita a partir das imagens do vídeo e o som da fita cassete, a transcrição foi bem difícil).

2658. A - (queo uma fita pra mim) ((quer fita da Pe))

2659. Pe - () Olá a mamãe tá te vendo (vamos cantar a musica do pato pra Alessandra). Como é?

2660. A - “Lá vem o pato pata aqui pata acolá” ((grito))

2661. M - De novo e o resto? “Lá vem o pato para vê o”

2662. A - “(que é que há)”

2663. M - “o pato” ((pára de cantar, começa a falar com A. e depois com a Pe, ininteligível))

2664. Pe - ()

2665. M - Ale ()

2666. Pe - é então ()

2667. M - [() vamo cantá uma outra música (dos pintores)... “cadê o pato pata aqui pata acolá tcham tcham” ((cantando)) ()

2668. A - u/eu quéo sozinho

2669. M - o que sozinho?

2670. A - filmá ((tia tosse))

2671. M - filmá? André que história que cê qué que a mamãe conte?

2672. A - ()

2673. M - () au ((imitando um cachorro))

2674. A - conta ()

2675. M - conto...a mamãe e o André tavam lá embaixo () chegou a Anna com a Pedrita e a Pedrita ()
2676. A - au ((latindo))
2677. M - au ((imitando o latido)) e aí o que aconteceu com ()?
2678. A - ()
2679. M - () o que o André fez?
2680. A - du Shrek
2681. M - (o que que ele fez?)
2682. A - du Shrek
2683. M - do Shrek? () (e no dvd o André pode mexer?) ((André mexe, abre o aparelho, tira o dvd, fecha novamente)) não...não é brinquedo ((mãe começa a cantar uma música para tentar fazer com que André deixe de mexer no dvd, André aceita, e completa os pedaços que a mãe cantarola, em seguida conversa com Pe, ininteligível)) eu vou te pegar ((fala para André))
2684. A - (não) pega
2685. M - vou pegar ()
2686. A - (não) me pega
2687. M - ()
2688. A - ()
2689. M - ah ah ah vai ter chique? Vamo dá cambalhota pra Alessandra vê?
2690. A - sim
2691. M - sim? Então vem ((mãe e filho estão sentados no chão da sala)) Onde é que (você quer dar cambalhota)? () em pé aqui ()
2692. A - ()
2693. M - não:: () aí vamo lá ((André vira cambalhota)) eee
2694. A - sozinho
2695. M - sozinho? ()
2696. A - (uma coisa) ((pega novamente um dvd para colocar no aparelho))
2697. M - (uma coisa) não ()
2698. A - é (a "Ela do Gelo")?
2699. M - é sim
2700. A - () "ela do gelo"
2701. M - (cê qué)?
2702. A - sim
2703. M - agora?
2704. A - (é a "Ela do Gelo")?
2705. M - () fala devagar
2706. A - "ELA DU GELU"
2707. M - eRA do gelo eRa
2708. A - era
2709. M - do gelo
2710. A - ERA DU GELO ((gritando, começa a bater na mãe))
2711. M - calma André () calma calma André fica calmo fica calmo ((ironizando))
2712. A - ((se deita de bruços sobre o colo da mãe, pega o cd, finge que ele é uma direção de carro e finge dirigir)) vrum vrum vrum vrum
2713. M - ((abraça e beija André)) ((A. levanta-se, vai novamente até o toca-cd, aperta o botão, abre o aparelho e coloca o cd, ela o ensina a fazer isso, falando)) tá errado pera vira ((o cd, porque ele estava ao contrário)) () (aperta) uma vez ((André coloca o cd e sai de perto))
2714. A - cadê (u avião)?
2715. M - cadê (o avião)? () não é? ((indica para ele sobre o rack, ao lado da teve, perto da parede))
2716. A - tá aqui ()
2717. M - (obrigada) ((irônica , era para o André ter agradecido))

2718. A - () ((gritando))
2719. M - [()
2720. A - () o mãe ((senta-se no sofá, com o avião na mão, ao lado da tia e da irmã))
2721. M - [ela tem uma música () "I'm walking on sunshine oh oh" ((cantando))
2722. A - () /amolkinonsanchai o o/ ((risos Pe))
2723. M - () ta bom?
2724. A - () /amolkinonsanchai o o/
2725. Pe - ai que lindo ((risos))
2726. M - canta pra Ale "nobody does it better" ((cantando)) () ai que vergonha ai que vergonha
2727. A - () ((chama a mãe))
2728. M - oi André
2729. A : ()
2730. M - () ce vai pula de pára-quedas pula, puxa a cordinha puxou?
2731. A - sim
2732. M - e agora vai cantar a musica?
2733. A - sim
2734. M - você canta?
2735. A - não ()
2736. M - "nobody does it better" ((cantando))
2737. A - (de novo?)
2738. M - você agora... "nobody does it /" ((cantando)) não?
2739. A - é não!
2740. M - ihhh ()
2741. A - ()
2742. M - ()
2743. A - () ((canta e grita))
2744. M - () ((canta))
2745. A - ()
2746. M - () ((canta))
2747. A - () ((grita))
2748. M - (bobeira)
2749. A - ()
2750. M - () ((canta)) ((A. passa bastante tempo pulando sobre o sofá)) ((interrupção na fita))
2751. M - () hã! que sujeira então agora banho!
2752. A - (sim)
2753. M - Um banho
2754. A - a água tá quente
2755. M - tá quente? Então pega o sabonete...e lava "lava lava lava esfrega esfrega esfrega" ((cantando))
2756. A - () de novo!
2757. M - vai pular de novo?
2758. A - ()
2759. M - e puxa a cordinha do pára-quedas
2760. A - (e foi)
2761. M - e agora curtindo a paisagem cê tá descendo be::m devagar
2762. A - ()
2763. M - () ploft () e agora?
2764. A - vamu
2765. M - então vamu..."sujeira vai sujeira cheiro ruim" ((cantando)) que é isso que cê tá fazendo aí?
2766. A - ()
2767. M - () ((cantando))

2768. A - ()
2769. M - () ((cantando))
2770. A - ()
2771. M - () ((cantando))
2772. A - eu vou pula em você
2773. M - vou querer (assistir) ()
2774. Pe - ((risos)) dou
2775. M - ()
2776. Pe - dou ((M. e Pe conversam, ininteligível))
2777. A - (lessandinha!)
2778. M - oi André
2779. A - ()
2780. M - ó cuidado com a cabeça...Bridget é a Bridget Jones (no Japão)
2781. Pe - ah/
2782. M - Sue, Sue é nova () Sue é dos quatro fantásticos tem o Coisa
2783. Pe - [ah eu não vi
2784. M - () e a Sue ()
2785. A - [() Coisa
2786. M - e o Coisa
2787. Pe - e você é quem?
2788. M - ()
2789. A - (nada) ((gritando))
2790. Pe - é a Coisa
2791. M - que é isso?
2792. T: ()
2793. M - não não não que que cê vai fazer aí?
2794. A - ai ai
2795. M - tá todo descabelado ((A. grita)) ()
2796. A - ()
2797. M - ()
2798. A - ()
2799. M - ()
2800. Pe - e aí desmaiou André?
2801. A - [() um dois u dois teis um dois um dois teis ((gritando))
2802. Pe - dá um pouquinho dessa energia pra mim dá?
2803. A - um dois um dois teis um dois um dois teis ((gritando)) um dois um dois teis um dois um dois teis
2804. M - tá em ritmo de dança tá parecendo o Zé Roberto um dois um dois três
2805. Pe - ((risos)) é verdade
2806. M - [um dois um dois teis um dois um dois teis um dois um dois teis ((grita))
2807. Pe - (é genético né?) ()
2808. M - onde você aprendeu a fazer isso?
2809. A - ()
2810. M - contar um dois um dois três quem te ensinou?
2811. A - um dois um dois teis
2812. M - ()
2813. Pe - por que ele fala um dois três?
2814. M - é porque ele ((está falando de algum personagem infantil)) fala () uma dança né? ((canta))
2815. A - um dois um dois teis um dois um dois teis ((gritando))
2816. M - () vem cá ah () peguei () ó ó a cabeça lá na parede ()
2817. A - ()
2818. M - () não pula agora que não tem ninguém pra segurar

2819. A - um dois um dois teís
2820. M - não (empresta um pouco)
2821. A - () um macaquinho
2822. M - é macaquinho?
2823. Pe - () o André que ir lá na sala de brinquedos? ()
2824. M - quer ir no quarto de brinquedos? ()/
2825. A - ()
2826. M - ()
2827. A - () quer por o sapato da pesquisadora
2828. M - o que? Esse aqui?
2829. Pe - tá bom, tá, depois ce me devolve tá bom?
2830. A - tá
2831. M - Ale dá tempo de chá ainda? ((André calça o sapato alto da Pe e sai andando, vai ao banheiro))
2832. A - ()
2833. M - ()
2834. A - ()
2835. M - ()
2836. A - ()
2837. ((volta do banheiro, Anna chora))
2838. Pe - ihh André a Anna tá chorando ()
2839. M - não foi nada não foi nada ((falando com o bebê)) ((André anda pela sala com o sapato alto e faz barulho))

10ª gravação: 13/01/06

André: 33 meses e 20 dias

Obs. Durante o mês de dezembro a família viajou, não foi possível mais uma vez gravar

A - André

M - Mãe

P - Pai

B - Babá/Mimi

Pe - Pesquisadora

C - criança / irmã de A. (Anna)

↑ - entonação crescente, se aproxima da entonação de um pedido ou de uma pergunta

↓ - entonação decrescente

↑ ↓

((A. está almoçando com a mãe na cozinha da casa , sentado no cadeirão, com o boneco do homem - aranha))

2840. M - Falta de respeito. Papai falou duas palavras pra você hoje, filho, ele falou falta de respeito e falou desrespeito.
2841. A - derespeito?
2842. M - Falta de respeito e desrespeito é a mesma coisa
2843. A - E falta de educação?
2844. M - Falta de educação é uma outra coisa. Respeito é o que a gente tem que ter pelas pessoas. Quando a gente quer a gente tem que tratar as pessoas como a gente gostaria de ser tratado. acho que isso é respeito. A menos que a Alessandra que é professora de lingüística, tenha (uma outra explicação)
2845. Pe - Não, não, não. Não vou interferir. ((risos)) Não vou interferir nessa discussão
2846. ((risos)) ((C. começa a chorar. Pai entra na cozinha segurando o bebê no colo))
2847. P - Não cho:::ra ((pai fala com voz manhosa))
2848. M - Adê
2849. P - (que é isso?)
2850. M - tem um homem – aranha aqui dentro. Adê
2851. P - o Irê
2852. M - o André ta explicando pro homem – aranha que não pode bater na Mimi que é falta de respeito.
2853. P - É filhão ?
2854. A - é
2855. P - É, não pode né filho?
2856. M - Falou também que é falta de educação.
2857. P - É
2858. M - Você hoje usou muitas expressões com ele falta de respeito e desrespeito então ele tá aprendendo a (palavra), né? ((C. começa a chorar e pai a imita com voz manhosa))
2859. P - Blá blá blá blá blá blá
2860. [
2861. M - A C. qué mamá? ((mãe perguntando a C.))
2862. [
2863. P - Blá blá blá blá blá ((pai continua brincando com C.))
2864. M - Adê?
2865. P - hein? Hein?
2866. P - ((se dirige a A.) Assim você vai derrubar ele filho ((o boneco do homem-aranha)). Ele/ele não gosta de cáí () ((problema no som))
2867. P - Andrezinho! cê contou pra Pe. que a gente foi na casa da vovó? Da vovó Maria da vovó Dalva, conto? que você viajou de avião?
2868. A - ()
2869. Pe - é André?
2870. A - Alessandra!
2871. Pe - Oi
2872. A - olha aqui pra você vê , o homem – aranha. Ele ()
2873. Pe - No::ssa.
2874. A - () ((mãe fala ao mesmo tempo))
2875. M - [A comida tá tão boa Alê ()

2876. P - olha () tá forte, Sabe por que que ele tá forte? ((Mãe continua a falar em paralelo, não é possível entender)) porque ele () e porque ele come tudo, tem que comer tudo. Escorregou, caiu porque ele tava com fome
2877. M - [Pe., o P. te contou da ()?]
2878. Pe. [Só mais ou menos.
2879. A - [Oooo
2880. M - Pe, vocês vão morar no seu ap.
2881. P - Que Irê?
2882. M - Nada, ()
2883. P - () Homem – aranha ce papa tudo? Eu papo ((fazendo outra voz, como se fosse o homem – aranha)) André, ele papa tudo, você também , papa lá .Oh, tá vendo esse muque dele aqui oh. O muque dele aí é porque ele papa tudo.
2884. M - (hoje sou eu)
2885. P - Cadê o meu?
2886. M - Só pra poder falar né, fala a verdade.
2887. P - Não, mesmo porque a comida tá () ((M. e P. dialogam entre si, ininteligível))
2888. P - Que pézão , se viu?
2889. A - () porque ele tá mexendo
2890. P - Ele tá mexendo ué, ele tem mão e braço é pra mexer, cê não mexe também? Xixx ((se dirigindo agora ao bebê que choraminga)) Pára de falá, pára de falá, pode parar de falá
2891. M - Parou? Cabou? Que legal.
2892. P - ooooooooooooo
2893. M - Esse homem – aranha aqui tá parado em pé
2894. P - é, ó ele é o ()
2895. M - Sou eu? Oi, oi.
2896. A - Alessandra
2897. Pe - Oi
2898. ((interrupção na fita))
2899. P - Sua goda, você é muito goda, sua goduxa ((para C))
2900. M - ()
2901. P - Oba, oba, oba Que foi? ((para C.))
2902. M - Que foi, regorgitou?
2903. P - Caiu alguma coisa aí.
2904. Pe - é, é.
2905. P - []
2906. M - Vomitou?
2907. P - é, chiu!
2908. A - Vomitou?
2909. M - cadê?
2910. P - ((C. Choraminga)) Tá bom filha, tá bom, tá bom, tá certo. ((C. chora)) () não não sem falar, sem falar, não, não
2911. M - Então ainda bem que eu não dei mais mamá, que ela deve tá bem... cheia ((C. continua a chorar)).
2912. A - Pala de fazê vomito ((para a irmã))
2913. M - () caiu no chão, depois ce limpa. ((continua a chorar)) O vômito dela ta terrível
2914. P - Qué frango? ((para o filho))
2915. []
2916. M - Qué mais franguinho (fofinho), qué mais franguinho?
2917. M - opa! cê qué mais franguinho, oh cabou, cê comeu todo o franguinho, qué mais?
2918. A - Sim
2919. M - Sim? Vo coloca mais
2920. A - () mexe comigo.

2921. M - Ele mexe com você?
2922. P - Porque ele gosta de você
2923. M - (como assim?)(C continua chorando)) ()
2924. P - Cuidado filho, pra não quebra tá? Nã nã nã ((C. chorando))
2925. A - (nada nada nada)
2926. [
2927. P - Drindron, drindlon, lalalalala
2928. P - Andrezinho a Alessandra quer ouvir aquelas musicas que você inventou ((risos da Pe))
2929. A - lalalalalala
2930. P - Como é que é? ()
2931. M - [()
2932. P - Como é aquela música que você inventou?
2933. Pe - Como é André?
2934. [
2935. A - nanana ((A. resmungando))
2936. P - Canta pra ela ouvir. Canta aquela do pato, ela não sabe a do pato
2937. M - Ele já cantou pra ela a música do pato
2938. P - Já?
2939. A - nanana ((continua resmungando))
2940. M - Ce já filmou, não filmou? ((para Pe.))
2941. Pe - é
2942. P - E do marcha soldado , você já cantou pra Pe.?
2943. A - nananana
2944. M - (que que tem) no seu nariz?
2945. P - () e a música que você inventou você não vai cantar pra Pe.?
2946. A - (não qué)
2947. P - não qué?
2948. M - Qual? Qual? Aquela do qua qua qua
2949. [
2950. P - Qua qua qua
2951. Pe - Foi o André que inventou essa música?
2952. P - é
2953. M - Tem muitas que ele canta ((Pe risos))
2954. M - tem a música que ele canta pro cachorro amarelo
2955. Pe - () cachorra amarela?
2956. M - é a cachorra da () ((C. chora)) Essa menina aí ta com algum mal -
estorzinho
2957. P - Tem o: tem o: o zelador aqui chama seu Tavares ((risos da M.)) Aí tem
aquela música “ polegares onde estão” ((cantando)), sabe, né?
2958. Pe - hã hã
2959. P - aí ele canta “seu Tavares onde estão” () ((risos))
2960. Pe - É André?
2961. P - Seu Tavares seu Tavares
2962. Pe - Cê canta, A, seu Tavares, é?
2963. A - Tem (um música do) cachorro amalelo
2964. M - Cê canta a do cachorro amarelo?
2965. [
2966. P - É?
2967. A - ()
2968. P - () Só um pouquinho, espera ai tá? Tá bom?
2969. A - (tá bom)
2970. P - Seu tavares , seu tavares ((cantando))

2971. M - Hum? Não qué mais? Ce não qué mais come? Ce pediu franguinho, não foi?
Mas se você não quiser tudo bem, como eu.
2972. A - Não, o:::oo , aqui é o (bicho) mamãe.
2973. M - é o que? Hum? ((cai um objeto))
2974. A - que aconteceu?
2975. M - ele caiu ((pai entra na cozinha com o cachorro amarelo)) quem é?
2976. P - Olha quem () ((para o filho))
2977. Pe - ((risos)) que fofo.
2978. P - mas ele não pode ir ai não , ele tá comendo
2979. M - não pode sujá
2980. P - não pode suja ele , tá filhão? onde a gente vai deixar ele, eu posso deixar ele aqui?
2981. Pe - Põe ele na cadeira
2982. P - sentado na cadeira pra conversar com você ((C chora)) Oi André oi André () cachorro amarelo ((fala com uma voz diferente, como se fosse a do cachorro))
2983. M - () a mamãe?
2984. P - Oi André ((continua a falar com uma voz diferente, como se fosse a do cachorro))
2985. A - A:::lguém po põe ele, a::lguém aqui pega o cachorro amalelo, eu vou sigula ele
2986. M - O cachorro amarelo? Ta bom (vô te deixa segurar o cachorro amarelo)
2987. A - [é ((faz manha))
2988. M - Cê não qué comê mais?
2989. A - Não, mamãe eu , eu/ ((choramingando))
2990. M - Se qué descer do cadeirão
2991. A - na/não eu vô descê
2992. M : Um , dois e upa lala ((mãe tirando A. do cadeirão))
2993. Pe - Ele tá de sunguinha:::
2994. M - Ele tá com uma camiseta que tá muito pequena, vem cá, vamo tira essa camiseta
2995. Pe - Baby Look ((risos))
2996. M - é
2997. A - é baby look?
2998. M - (é tá complicado por isso que eu tô ajudando ele)
2999. P - Ai você não vai A.
3000. A - Poque eu não vou ali?
3001. [
3002. M - Onde ela vai levando a camiseta? ((referido – se a C))
3003. Pe - [Onde ela vai colocar
3004. M - Eu queria saber isso, tão pequena.
3005. Pe - O cachorro amarelo!
3006. A - Ai, cadê o cachorro? ((C. faz um barulho))
3007. P - Que que fo::i minha neguinha ((referindo –se a C))
3008. Pe - Você vai dar comida pro cachorro amarelo? ((para A.))
3009. A - nan é puque ele suza
3010. Pe - ah::
3011. A - Puque se ele pede comida e não é biscoito, não dô puque ele suza
3012. Pe - ah:
3013. A - ()
3014. P - ei ei ei ei ((chamando André))
3015. A - Eu vou buscá um brinquedo
3016. Pe - Cê vai busca um brinquedo, então vai.
3017. M - () obrigada pelos presentes.
3018. Pe - nada, imagina

3019. M - obrigada pelo Vila Sésamo e pela () ((M. e Pe conversam entre si)) ((A. vai com o pai para a sala de TV assistir um DVD))
3020. P - (querido), sentado lá (pra vê teve) daí é muito perto vai sentado, sentado ((M. continua falando com a Pe, ininteligível))
3021. P - Daí é muito perto vai, sentado, sentado ((para A, dizendo que ele estava muito perto da tv)) tá pra começar vai ((M e Pe continuam a conversar paralelamente))
senta pra poder começar, senão não vai começar
3022. A - puquê?
3023. P - ()
3024. A - começo?
3025. P - Vai começá, a lá
3026. M - Ah que legal
3027. P - () ó la
3028. A - começo?
3029. M - () qué xixi filho? Vila Sésamo espera
3030. A - não
3031. P - pus no pause, pus no pause, vai lá
3032. M - vem queridão
3033. P - tá no pause vai fazê xixi ((Corte na gravação, A. vai fazer xixi))
3034. A - posso ir pra sala?
3035. M - vem lava a mão , vem lava a mão (depois de) fazer xixi, lava a mãozinha, vai,
da descarga
3036. [
3037. A - ((cantarola))
3038. M - Muito bem, () deu? ((P. e Pe conversam paralelamente, ininteligível)) ((nova interrupção na gravação))
3039. M - E esse carrinho que parece barulho de Ana chorando
3040. P - Posso por? ((para A , recolocando o Dvd))
3041. A - pode
3042. P - Então senta lá
3043. M - () Eu to muito atrasada...Ficou bacaninha () ((risos Pe)) ((M. e Pe. conversam novamente entre si)) ((escuta-se bastante tempo o som da televisão sozinha,ninguém conversa))
3044. A - Vai começá?
3045. P - Hã?
3046. A - Já acabou?
3047. P - Não não acabou não, ta contando ((as personagens do desenho estavam contando de 10 a 0, em inglês))
3048. A - o olho e a boca ((olhando para a tv))
3049. P - [Isso mesmo mas mais longe aqui, senão vai doer seu olho ((dizendo para que o filho se afaste da tv.))
3050. A - como é o nome dele papai?
3051. P - é o Pupi
3052. A - (é um gato?)
3053. M - [ah é?
3054. P - [não sei..cê tá entendendo o que ele tá falando, filho? ((o desenho é em inglês))
3055. A - cê viu a roupa dele?
3056. P - é (((escuta-se bastante tempo o som da televisão sozinha,ninguém conversa))
3057. M - André, () vai sair? "Um, dois, três, Um, dois, três, olha os olhos do chinês" ()
3058. P - [olha os olhos do chinês"()
(ambos cantam))
3059. A - Olha ()
3060. Pe - ah!

3061. A - ()...Acabou?...Ai!
3062. M - quem é?
3063. A - é o elefante?
3064. M - é, como é o nome dele?
3065. A - ()
3066. M - Ah! Eu sou o () ((começa a cantar))
3067. A - Deixa () no ()
3068. M - ()
3069. A - Você qué ()
3070. M - é o ()
3071. A - é o ()
3072. M - é vem mais pra trás
3073. A - Cadê o () ((personagem do Dvd))
3074. M - ()? O () não vai cantar agora.